



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

LETÍCIA PACHECO GONDIM

**“MOLÉSTIA DO ESPÍRITO DIVIDIDO”: UMA LEITURA PSICANALÍTICA
SOBRE A ANGÚSTIA DE SER NA PSICOSE**

BRASÍLIA

2021

LETÍCIA PACHECO GONDIM

“MOLÉSTIA DO ESPÍRITO DIVIDIDO”: UMA LEITURA PSICANALÍTICA SOBRE A
ANGÚSTIA DE SER NA PSICOSE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Márcia Cristina Maesso.

BRASÍLIA

2021

LETÍCIA PACHECO GONDIM

“MOLÉSTIA DO ESPÍRITO DIVIDIDO”: UMA LEITURA PSICANALÍTICA SOBRE A
ANGÚSTIA DE SER NA PSICOSE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia. Aprovada em: _____ de _____ de _____, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Márcia Cristina Maesso - Presidente
Departamento de Psicologia Clínica – Universidade de Brasília

Prof.^a Dra. Eliana Rigotto Lazzarini
Universidade de Brasília
Membro interno

Prof. Dr. Luciano Assis Mattuella
Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA)
Membro externo

Prof.^a Dra. Daniela Scheinkman Chatelard
Universidade de Brasília
Suplente

Aos meus pacientes. Em especial àqueles que escutam extraterrestres, que recebem e-mail de Deus, que têm medo deles mesmos, que são estrelas cadentes, que têm medo dos próprios segredos, que inventam palavras e que morrem sem morrer.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço aos meus irmãos, que por conhecerem um pouco mais da minha história, compactuam da grandiosidade desse projeto. Em seguida, agradeço ao meu companheiro, por ter dividido alguns obstáculos que atravessaram esse projeto, além de ter feito uma grande aposta na sua execução.

Agradeço aos meus amigos, em especial aos amigos da psicanálise. Leilyane, que fez parte do meu percurso profissional, me introduzindo a Lacan e me confiando um lugar de psicanalista. Maíra e Anna Karla, que com as suas doçuras me acolhem nesse difícil ofício de psicanalista.

Aos amigos da vida. Agradeço imensamente à Vanessa, que esteve comigo desde o começo desse projeto. Acreditou e torceu do meu lado, além de ter me proporcionado uma acolhedora moradia nessa difícil jornada de fazer um mestrado longe de casa.

Tenho gratidão à minha primeira orientadora, Terezinha Camargo Viana, por carinhosamente ter topado entrar nessa comigo e que infelizmente faleceu. Agradeço à minha segunda orientadora, Márcia Cristina Maesso, por ter me acolhido no meio do percurso, ter sido pontual nas suas considerações e encorajadora. Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura da UnB pela oportunidade. Agradeço aos colegas desse percurso: Laene, Vitor e Flávia, que me ajudaram de diversas formas.

Agradeço ao meu analista por participar desse projeto, ocupando ora lugar de analista ora lugar de professor.

Agradeço a mim mesma, porque como diz Elena Ferrante, não se pode escrever se não existir amor por si mesmo. E por último, agradeço aos meus pacientes porque sem eles não saberia escrever e não poderia experimentar delícias e dores de tantos tamanhos e sabores.

“Se os psicóticos, como nos diz Freud, têm o privilégio de nos revelar aquilo que os neuróticos guardam em segredo, é sobre essa dor que eles podem nos falar, e que será definida por Lacan como a dor de existir”
(Quinet, 2006a, p. 201).

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir o caminho que Freud percorreu, em sua obra, sobre o modo de funcionamento psíquico psicótico, a partir da abordagem de uma teoria da gênese do aparelho psíquico. No caso da neurose, o aparelho psíquico funcionaria, num momento inicial, exclusivamente sob as leis do que ele chamou de princípio do prazer; num segundo momento, haveria uma passagem a um processo que ele denominou de princípio de realidade, e o que chamamos de pensamento funciona sob esse processo. Em certos momentos, o neurótico se refugia no plano da fantasia (devaneios e fantasias inconscientes), que funcionam sob as leis do princípio do prazer. Na psicose, o processo se dá, até certo momento, de maneira semelhante, porém, à luz da teoria do Complexo de Édipo, algo se passa de forma diferente, de tal maneira que, em certos momentos da sua vida, o psicótico ao invés de poder refugiar-se no plano da fantasia, obtendo satisfação assim como o neurótico, se encontrará impelido a substituir sua realidade circundante, ou ao menos pedaços dela, de uma forma que será descrita como delírios e alucinações. A alucinação impõe ao sujeito uma nova maneira de lidar com a realidade que Freud denominou como o processo de regressão no qual em vez de a atividade do aparelho psíquico seguir na direção comum em busca de alcançar uma descarga, ela segue um caminho reverso caracterizando o processo psíquico primário. Assim, na linguagem as palavras são submetidas ao mesmo tratamento pelo qual os pensamentos oníricos latentes são transformados em sonhos, no qual uma única palavra passa a representar uma cadeia de pensamentos. Lacan, no seminário sobre as psicoses, procurou estabelecer certo rigor às proposições freudianas, lendo-as a partir do Complexo de Édipo e mais especificamente a partir do que ele chamou de metáfora paterna ou significante nome-do-pai, que teria como destino seu recalçamento na neurose e um mecanismo de rejeição (*verwerfung*) ou forclusão na psicose. Como sujeito na psicose recusa no seu mundo simbólico a ameaça de castração, diante da falta do significante essencial, aquele que depende da estrutura simbólica do Complexo de Édipo, o sujeito se aproxima de um vazio. Haveria uma significação que se refere ao sujeito, mas é rejeitada e seu reaparecimento determina a invasão psicótica. Como consequência, aparece no real uma representação fundamental, que não foi simbolizada. Como o Outro foi excluído enquanto quem possui o significante, ele passa a ser afirmado no outro com minúscula, como sendo da ordem do imaginário e fenômeno do entre-eu. Por não conseguir se produzir como um enigma, ele responde por meio desse estado puro para dizer que se trata do significante. Após o encontro com o significante inassimilável o sujeito precisa reconstituí-lo. Nesse sentido, temos em Freud, a construção de um mundo novo com o trabalho dos delírios e a metáfora delirante em Lacan para falar da possibilidade de estabilização do significante e significado. A leitura de Schreber e o caso clínico Aimée analisado por Lacan foi um meio de ilustrar como se dá a relação com a letra que se apresenta na sua condição de resto ou tentativa de inscrição. A tentativa de inscrição é atravessada pela dificuldade da impossibilidade da transmissão, visto que é uma experiência que tem um apoio corporal. Para que seja possível uma transposição da experiência do corpo para uma significação compartilhada é preciso produzir um leitor dessa experiência. Há um saber em relação ao sujeito que ele não tem condição de apropriação, de um gozo que o invade e que ele precisa dominar, a insistência da letra é o retorno ao próprio corpo. Nesse sentido, a construção de um leitor possibilita que o sujeito saia do isolamento das repetições e a circunscrição ao corpo próprio e isso poderá ser alcançado através da literatura ou por meio da transferência na clínica, que supõe um analista desejante de ler uma linguagem psicótica.

Palavras-chave: Psicose. *Verwerfung*. Forclusão. Entre-eu. Letra. Linguagem Psicótica

ABSTRACT

This research aims to discuss the path Freud took in his work on the psychotic psychic mode of functioning, from the approach of a theory of the genesis of the psychic apparatus. Regarding neurosis, the psychic apparatus would work, at an initial moment, exclusively under the laws of what he called the pleasure principle; in a second moment, there would be a passage to a process that he called the reality principle, and what we call thinking works under this process. At certain moments, the neurotic takes refuge in the fantasy scope (unconscious daydreams and fantasies), which operates under the laws of the pleasure principle. In psychosis, the process takes place, to a certain extent, in a similar way, however, according to the Oedipus Complex theory, something happens differently, in such a way that, at certain moments in his life, the psychotic, instead of being able to take refuge in the fantasy, gaining satisfaction just like the neurotic, will find himself impelled to replace its surrounding reality, or at least pieces of it, in a way that it will be described as delusions and hallucinations. The hallucination imposes on the subject a new way of dealing with reality that Freud called the regression process in which instead of the activity of the psychic apparatus following the common direction in search of reaching a discharge, it follows a reverse path characterizing the primary psychic process. Thus, in language, words are subjected to the same treatment whereby latent dream-thoughts are transformed into dreams, in which a single word comes to represent a chain of thoughts. Lacan, at the seminar on psychosis, sought establish a certain rigor to the Freudian propositions, reading them from the Oedipus Complex and more specifically from what he called the paternal metaphor or signifier name-of-the-father, which would have as its destination its repression in neurosis and a defense mechanism (*verwerfung*) or foreclosure in psychosis. As a subject in psychosis refuses the threat of castration in his symbolic world, given the lack of the essential signifier, the one that depends on the symbolic structure of the Oedipus Complex, the subject approaches a void. There would be a meaning that refers to the subject, but it is rejected, and its reappearance determines the psychotic invasion. As a result, a fundamental representation appears, which has not been symbolized. As the Other was excluded as the one who possesses the signifier, he starts to be affirmed in the other with a lowercase letter, as being of the order of the imaginary and the phenomenon of the *Entre - I*. Because he cannot produce himself as an enigma, he responds through this pure state to say that it is about the signifier. After the encounter with the inassimilable signifier, the subject needs to reconstitute it. In this sense, we have in Freud, the construction of a new world with the work of delusions and the delusional metaphor in Lacan to talk about the possibility of stabilizing the signifier and meaning. The reading of Schreber and the clinical case of Aimée analyzed by Lacan was a way of illustrating how the relationship with the letter that presents itself in its condition of rest or attempted inscription takes place. The attempt to inscript crossed by the difficulty of the impossibility of transmission, as it is an experience that has body support. For a transposition of the body experience to a shared meaning to be possible, it is necessary to produce a reader of this experience. There is some knowledge in relation to the subject that he has no condition of appropriation, of a *jouissance* that invades him and that he needs to dominate, the insistence of the letter is the return to his own body. In this sense, the construction of a reader allows the subject to leave the isolation of repetitions and circumscription to his own body, and this can

be achieved through literature or through the transfer in the clinic, which supposes an analyst desiring to read a psychotic language.

Key words: Psychosis. Verwerfung. Foreclosure. Enter – I. Letter. Psychotic Language.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esquema L simplificado	14
Figura 2 - Quadro geral do aparelho psíquico	26
Figura 3 - Sistema que transforma as excitações momentâneas em permanentes	27
Figura 4 - Sistema pré-consciente situado na extremidade motora e por trás dele o inconsciente acessado por meio do pré-consciente	28
Figura 6 - O Eu (A dissecação da personalidade psíquica)	55
Figura 5 - O Eu (O ego e o Id).....	55

SUMÁRIO

Introdução	12
Capítulo 1 - Freud rumo a Verwerfung	23
1.1 Paranoia: as primeiras publicações	23
1.2 Psicose e sonho: o processo de regressão, a nova realidade e a realização do desejo	26
1.3 Fantasias neuróticas e psicóticas? Em busca da linguagem psicótica.....	31
1.4 Delírio: fantasia que influencia as ações e sobre a cura pelo amor.....	34
1.5 “A escolha da neurose” e/ou sobre a regressão na paranoia	39
1.6 O valor quantitativo.....	42
1.7 Do complexo de Édipo ao mecanismo de rejeição à realidade	44
1.8 Tipos de adoecimento.....	48
Capítulo 2 – O Eu na psicose a partir de Freud: a armação que se desfaz.....	52
2.1 A (des) integração do Eu	52
2.2 A ameaça ao Eu.....	57
2.3 O real em Freud.....	59
2.4 O colapso do corpo: a hipocondria.....	62
2.5 A armação possível: o pai	63
2.6 A plena realização do símbolo e a psicose	64
2.7 Deus pai: O caso Schreber	65
Capítulo 3 - Lacan retornando a Freud	74
3.1 O delírio paranoico.....	74
3.2 A realidade psicótica	77
3.3 A linguagem	79
3.4 O fenômeno psicótico.....	82
3.5 O Eu na psicose	85
3.6 A estabilização do Eu.....	89
Capítulo 4 - O caso Aimée: a clínica da psicose.....	93
4.1 A história de Aimé	93
4.2 A personalidade de Aimée	95
4.3 A entrada na psicose.....	98
4.4 O delírio de Marguerite	102
4.5 A cura?	105

5 Considerações Finais	113
Referências	117

Introdução

A atribuição do título “Moléstia do espírito dividido”¹ a esta dissertação foi inspirada no livro *Torto Arado*, de Vieira (2020). Nele, o autor afirma sobre uma das personagens: “Que foi tomada de um sentimento de amargor que nunca havia experimentado. Que já não atinava mais coisa com coisa e foi tomada de uma coisa ruim que a perturbou por completo” (Vieira, 2020, p. 38). A mesma personagem, num momento seguinte da trama, teria sido encontrada incapaz de dizer sobre quem era e onde vivia. Segundo o autor (2020), a moléstia do espírito dividido ou a loucura consiste em: “gente esquecida de suas próprias histórias, memórias, apartada do próprio Eu, sem se distinguir de uma fera perdida na mata” (Vieira, 2020, p. 39).

A questão da psicose estaria justamente nisso que chamamos, juntamente com Vieira, de “Eu”. Aconteceria alguma coisa no sentido da vida que dificultaria o sujeito de se subjetivar, ter uma prova de si mesmo, conforme salienta Kanabus (2015). Já a “angústia de ser” também mencionada no título desta dissertação, é uma expressão que foi utilizada por Dejours e citado por Kanabus (2015) para dizer que há na psicose uma negação da vida, um distanciamento de si.

O interesse e o apaixonamento por esse tema estão em falar, ainda que de forma delirante, daquilo de existir. A questão sobre o existir ganha para esses sujeitos um peso e chega com uma certa crueza, ao mesmo tempo que alcança uma poesia. Sobre isso, são frequentes falas no consultório como: “Sinto a minha não essência”. “Sinto que existem em mim dois Eus.” “E se você morrer?” “E se eu ficar louco?” “Consigo perceber um outro Eu que me observa do lado de fora”. “Sempre pensei que morreria depois que conquistasse meu objetivo de ser astronauta.” “Qual é o objetivo da vida?” “Você gosta de viver?” “Me emociono com as estrelas cadentes, e se eu for como elas e viver pouco?” “Ouço barulho dos extraterrestres”.

A subjetividade do sujeito psicótico, como será explorado nesse trabalho, é vivida constantemente como ameaça de fim, de morte. Todas essas questões não passam despercebidas na neurose, mas não costumam chegar com essa precisão de existência. Tem-se na psicose uma beleza relativa a como acessar a vida, isso que sobressalta o corpo, uma ameaça real de que o outro que nos habita nos devore e nos impeça de existir. Uma ameaça vinda de fora, fora da atmosfera terrestre, como extraterrestre.

Esse interesse se iniciou a partir de um caso clínico de estrutura psicótica. Um homem jovem que, desde que eu comecei a acompanhá-lo, apresentou quatro episódios de entrada na

¹ O livro *Torto Arado* não foi abordado no decurso do trabalho, porque o objetivo foi somente aproveitar a expressão que o autor utilizou como maneira de introduzir o tema e engrandecer o título.

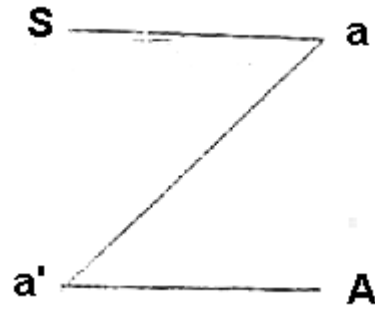
psicose, dois dos quais levaram à internação. Nesses episódios, ele se tornava agressivo, não conseguia dormir, tinha acessos de vômito e apresentava um grande temor dos perseguidores do seu discurso delirante. No último, ele se estabilizou sem internação e depois me contou qual foi a sensação que sentiu. Afirmou que seu Eu poderia ser comparado ao personagem Saga de Gêmeos na série japonesa *Cavaleiros do Zodíaco*.

O paciente fez menção à dupla personalidade desse personagem, oscilando entre o bem e o mal, e, segundo ele, essas personalidades lutam entre si. Segundo a pesquisa que fiz no site *Saint Seiya Wiki* (2021), dedicado ao mangá japonês em questão, a personalidade maligna de Saga de Gêmeos é aquela que caracteriza a loucura. De acordo com a história, a loucura entrou no corpo e na mente do personagem quando ele era uma bebê. Essa personalidade matou o Grande Mestre porque queria tomar o seu lugar, passando-se por Grande Mestre por 13 anos. Ele tinha como intenção dominar o mundo, acreditava ser o único ser humano com capacidade de governar a Terra e que se tornaria um Deus. Saga se suicida porque sua parte maligna tenta atacar Saori, que é a reencarnação da deusa Atena, que é a deusa da sabedoria, da guerra, da estratégia, da justiça e da esperança. É uma deusa que herdou do seu pai Zeus o controle sobre a Terra. Sua personalidade boa se mata com um bastão para purificar seu lado diabólico. Ele morre nos braços de Saori pedindo perdão pelos crimes cometidos por sua personalidade maligna.

O que seria esse outro Eu que tenta destruir a esperança, a sabedoria, o controle da Terra? O que é o Eu? O que é a esperança ou o controle da Terra? Lacan em 1956, aponta que o Eu não é um ser (1988a). Ele afirma que as pessoas possivelmente vêm de algum lugar e esse primeiro lugar é por meio do significante. Na fala, temos um Eu e um tu. Essa relação, embora seja de dois semelhantes, não é recíproca. Nesse sentido, o Eu não aparece sob a forma de um significante particular, ele aparece sustentando um discurso, e funciona como uma moeda que circula no discurso. Quando o sujeito afirma que “ele é”, ele sempre se refere a alguma coisa que funciona como aquilo que lhe dá nome. Essa alguma coisa funciona como significante.

Em *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* Lacan (1998) faz um esquema para dizer que o sujeito está articulado ao inconsciente. Ele elaborou o esquema L simplificado:

Figura 1

Esquema L simplificado

Lacan. (1998).

O autor explica da seguinte forma:

Ele o é, com efeito, enquanto repuxado para os quatro cantos do esquema, ou seja, S, sua infável e estúpida existência, a, seus objetos, a', seu Eu, isto é, o que se reflete de sua forma em seus objetos, e A, lugar de onde pode ser formulada a questão de sua existência (Lacan, 1998, p. 555).

A questão da existência chega para o sujeito com a pergunta: “Que sou Eu nisso?” (Lacan, 1998, p. 555). Envolve seu sexo naquilo que o cerca com relação a procriação e morte, e está para o sujeito em forma de significantes. Esse jogo de significantes é dinâmico porque depende da história da ascendência dos outros reais que interferem na contemporaneidade do sujeito. Lacan afirma que o sujeito entra no jogo como morto, aproveitando-se de figuras imaginárias para jogar. Os elementos imaginários são essenciais para unificar o corpo despedaçado no nascimento do homem e forma-se a partir daí um par que funciona como base para relação simbólica. Ele se identifica com a imagem fálica e a partir daí, o significante seria introduzido no psiquismo. A significação seria reproduzida pela metáfora paterna, que é por onde a procriação é atribuída e ensinada por meio da religião, segundo o autor. Sendo assim, a convocação ao Nome-do-pai não teria relação com a ausência do pai real, mas com a carência do significante que deixa uma ausência no lugar da significação fálica (Lacan, 1998).

Lacan (2005a) afirma que Freud progrediu em suas ideias quando alcançou que a angústia seria uma perda ligada à relação a dois, que leva o sujeito a viver outra coisa com certa dificuldade. No caso da psicose, o sujeito seria afetado pelo desejo do Outro de uma forma não dialetizável. É a partir do terceiro que entra na relação narcísica que o desejo e sua realização se dão simbolicamente, juntamente com o registro da lei e da culpa. Sem a entrada desse

terceiro, o Outro colocaria o sujeito diante daquilo que ele denomina de “anterior à questão”. E o que seria isso?

No posfácio do seminário *Nomes-do-Pai*, Miller (2005) aponta que o pai é uma função que liga o significante e o significado, a lei e o desejo, o pensamento e o corpo. E que essas ligações diriam do simbólico, do imaginário e do real. Lacan (2005b) aponta esses três registros como essenciais à realidade humana. Teríamos então imaginário nas satisfações dos sujeitos como ilusórias, os objetos no lugar de satisfação imaginária e a relação como sendo a dois. O simbólico seria aquilo que possibilita a articulação do significante e do significado. A fantasia funcionaria como valor simbólico, porque ela fala de alguma coisa em um determinado momento e a interpretação não seria fechada, pronunciando a relação edípica. E por último, temos a definição do real como a totalidade ou como o instante que passou.

Segundo Lacan (1998), o Outro pode ser lido como aquilo que Freud atribuiu ao inconsciente, e Lacan aborda o inconsciente a partir da concepção da cadeia significante. Essa é formada por ligações lógicas que levam a significar e se dão pela metáfora e pela metonímia. A forclusão do Nome-do-pai no lugar do Outro é o que ele chama de acidente no registro da cadeia significante e que confere à psicose sua condição enquanto tal.

Segundo Lacan (1988a), na psicose, o Eu não se reconheceria mais e funcionaria em estado duplo, no qual o Eu se sentiria expulso enquanto a outra parte funcionaria como outro.

Lacan afirma que a questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses nos faz voltar a Freud e restabelecer o caminho a partir da experiência que ele descobriu. Sendo assim, esse trabalho se propõe a fazer esse caminho para mostrar como Freud fez para chegar ao mecanismo da *Verwerfung*.

Sendo assim, no capítulo um desta dissertação, objetiva-se apresentar as primeiras publicações de Freud sobre o tema, colocar em questão o funcionamento da psicose e o caminho que ele fez para alcançar a ideia de realidade. Começamos em 1894 no texto *As neuropsicoses de defesa* (Freud, 2006a), para mostrar como ele classificou a psicose como uma defesa que rejeitaria, além da representação incompatível, o afeto. A representação incompatível ficaria ligada a um fragmento da realidade impelindo a rejeição da realidade ou parte dela.

Dois anos depois, em *Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa* (Freud, 2006b), ele sugere que na paranoia haveria um mecanismo especial no recalque em que os conteúdos inconscientes seriam alcançados por meio dos delírios e alucinações. As vozes seriam sintomas do retorno do recalcado e as confusões de vozes seria o compromisso entre a resistência do ego e o poder do retorno do recalcado. A autoacusação seria recalçada pela projeção, que consiste na formação do sintoma de desconfiar das pessoas. Nesse caso, o

indivíduo ficaria livre da autoacusação, mas em compensação ele ficaria sem proteção contra ela, que retornaria na forma de delírios.

É a partir do *Rascunho K, de 1896*, que a questão do Eu ganha força, pois ele afirma que os delírios exigiriam que as atividades do pensamento do Eu fossem aceitas sem contradições (Freud, 2006c). O Eu se adaptaria sofrendo uma alteração para não considerá-las estranhas a si mesmo, e passaria a fazer tentativas de explicá-las. Aqui, ele destaca a alteração do Eu. E no *Rascunho H, de 1895*, Freud (2006d) afirma que a paranoia seria uma forma patológica de defesa que estaria ligada ao que o indivíduo não consegue tolerar.

Após esse percurso, pretende-se explorar a comparação que Freud (2006e) fez dos sonhos às doenças mentais. Foi um recurso que Freud encontrou para falar da alucinação numa espécie de topologia porque assim como o sonho, a alucinação se encontraria nesse espaço em que aquilo que poderíamos denominar do “dentro” do sujeito alcançaria a externalidade e vice-versa. Poderíamos aqui utilizar a expressão “inconsciente a céu aberto”, conforme Quinet (2006b), que será explorado em Lacan para falar da alucinação no lugar daquilo que foi forcluído e que retornaria no real.

Na atividade do aparelho psíquico nos dois casos – da alucinação e do sonho –, teríamos, de acordo com Freud (2006e), no lugar da direção comum que segue em busca de alcançar uma descarga, um caminho reverso. Nesse sentido, no lugar da excitação se propagar na direção motora, ela se movimentaria no sentido oposto. No caso de um indivíduo que vive uma alucinação, a autoconsciência fica interrompida, e ele perderia o acesso à natureza do seu estado e a consciência moral, assim como ocorre com quem sonha. Aqui, Freud sugere a cisão do Eu. O Eu do sonho, assim como o Eu do delirante, corrigiria o Eu real. Nos dois casos, trata-se de realizações de desejos. De acordo com Freud (2006f), tanto o sonho como a alucinação funcionam pelo processo psíquico primário, no entanto, eles não são irracionais, só funcionam livres de inibição. Aqui teríamos, então, uma linguagem própria.

Ainda no sentido da linguagem, teríamos como próximo passo trabalhar a definição da fantasia com objetivo de abranger a linguagem do psicótico. A fantasia, segundo Freud (2006g), corrige a realidade insatisfatória. Em *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico* de 1911, ele afirma que o afastamento mais extremo da realidade é a psicose alucinatória, que ocorre quando aquilo que provocou a loucura é negado (Freud, 2004a). Em *Fantasia Históricas e sua relação com a bissexualidade* de 1908, ele afirma que o delírio dos paranoicos é composto de fantasias dessa mesma natureza, com a diferença que se tornaram diretamente conscientes, se manifestando por meio de encenação, ataques ou atos (Freud, 2006h).

Essa ideia de fantasia consciente postulada por Freud é importante para ressaltar a diferença entre neurose e psicose enquanto linguagem. A linguagem hipocondríaca ou dos órgãos que ele destaca em *O Inconsciente* (Freud, 2006i) tem a ver com a ausência da relação simbólica. Nesse caso, após o processo de recalque, a libido se recolheria no Eu, no lugar de investir no objeto. Na psicose, o sujeito perderia a relação com os objetos, mas a sustentação pela representação das palavras se manteria. O psicótico ficaria sozinho com as palavras. Essa relação do psicótico com as palavras será explorado neste trabalho por Lacan em 1956, quando ele discute o puramente verbal, que consistiria no pré-verbal e pré-consciente, ou seja, aquilo que teria uma inscrição na linguagem, mas sem uma estrutura de linguagem (Lacan, 1988b).

Ainda na direção da fantasia, o próximo tema em questão é a obra de ficção *Gradiva*, de Wilhelm Jensen, que aborda a história do arqueólogo Norbert Hanold. Nesse ponto, Freud (2006j) coloca o delírio na mesma categoria da fantasia, com a diferença de que o delírio seria uma fantasia que influenciaria as ações. Aqui ainda não está claro a distinção entre delírio neurótico (proveniente do retorno do recalado com afrouxamento da realidade) e delírio psicótico (como uma reconstrução do próprio mundo baseada nas pulsões do Isso). Tal ponto será melhor desenvolvido ao final do primeiro capítulo desta dissertação, que discute como Freud amadurece a diferença entre neurose e psicose, no texto *Neurose e Psicose e A perda de realidade na neurose e na psicose*, de 1924 (Freud, 2017a, 2017b).

No texto *Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen*, Freud (2006j) traz outro ponto importante que será melhor desenvolvido nos capítulos três e quatro, quando será apontado um caminho para se pensar a clínica na psicose. Aqui, ele aponta que o analista deve seguir o trabalho situando-se no mesmo plano da estrutura delirante e que o amor tem poderes curativos contra um delírio.

Daqui em diante, objetiva-se explorar a escolha da neurose para poder abranger a regressão e o narcisismo, tão imprescindíveis para se pensar a psicose. E seguindo esse caminho, teríamos a hipótese do fator econômico. Freud (2017c) atribui o fator econômico como desencadeador da psicose. Nesse caso, haveria um superinvestimento da homossexualidade, que produziria aumento da resistência, obrigando o indivíduo a seguir pelo caminho do sintoma paranoico. No texto *Sobre tipos neuróticos de adoecimento*, ele abrangeu o fator econômico dando ênfase àquilo que o Eu seria capaz ou não de suportar (Freud, 2017d). A partir disso, será possível abordar os tipos de adoecimento e pensar no ponto crucial da diferença entre psicose e neurose, que estaria naquilo que poderíamos chamar de insuportável ou talvez inassimilável para o sujeito.

Esse caminho se inicia a partir do item 1.7, onde será introduzido o Complexo de Édipo. O texto escolhido para introduzir esse estudo foi *Totem e Tabu* por ser o conteúdo que Freud abarca o pai primeiro que se faz essencial para pensar a organização social e os ideais impostos pela sociedade, além de funcionar como aquilo que supostamente responderia aos enigmas da vida (Freud, 2012).

Esse caminho foi um meio de introduzir o temor da castração, que será uma ponte para se trabalhar o Complexo de Castração, desenvolvido no texto *O declínio do Complexo de Édipo* (Freud, 2017e). Consiste no medo de ser castrado pelos meninos com a visão do órgão sexual feminino e da constatação da castração pela menina. No declínio do Complexo de Édipo, a aceitação da castração é o que possibilita o sujeito abrir mão do objeto de investimento, se identificar com o pai, internalizando a proibição do incesto, formando o núcleo do Super-Eu, protegendo o Eu contra o retorno do investimento ao objeto, além de possibilitar que essa libido seja dessexualizada, transformando-a em processo de identificação.

A partir da castração, no texto *Fetichismo*, Freud (2017f), aborda os três mecanismos que ditam o adoecimento do sujeito. O termo *Verleugnung*, que é traduzido como desmentido, presente na perversão, a *Verdrängung*, que consiste no recalçamento presente na neurose e a *Verwerfung*, traduzido como rejeição, presente na psicose. É citado rapidamente o caso clínico do homem dos lobos para evidenciar que, no caso da *Verwerfung*, o sujeito rejeitaria a castração no sentido de funcionar como se ela não existisse (Freud, 2010a). É a partir desses mecanismos que é possível pensar o adoecimento neurótico e psicótico, por onde se dará o objetivo desse trabalho.

A partir do capítulo dois, o caminho é focar no processo do Eu e se inicia pelo estudo do *Projeto para uma psicologia científica* (Freud, 2006k). O intuito é descrever o processo de formação da estrutura psíquica do Eu para enfatizar que ele se dá por meio do outro. É por meio dos cuidados do outro que seria possível alcançar um equilíbrio dos estímulos internos, propiciando ao Eu, na sua relação com o desejo, um dispêndio menor de quantidade intercelular do que aquele produzido na alucinação, que além de exigir um dispêndio total das defesas, gera uma completa produção de desprazer.

Esse processo do Eu consiste também no processo de formação do corpo, como mencionado por Freud (2006k). Nesse sentido, Freud, em *A dissecação da personalidade Psíquica*, desenha o Eu com uma abertura, para frisar a tensão entre continuidade e descontinuidade, funcionando conforme a dependência do Isso às pulsões do corpo e às necessidades biológicas (2006l).

A conclusão de Freud, no *Esboço de psicanálise*, é a de que o Eu seria o responsável por sua própria segurança (2006m). A psicose seria proveniente do enfraquecimento do Eu, que fica em iminência de sofrer uma destruição e voltar a fazer parte do Isso. No item 2.1, a referência ao sonho, a partir do texto *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos*, serve para exemplificar o processo de regressão do Eu na psicose, que colocaria o Eu num estado que poderia ser comparado ao início da vida, em que não se teria o elo entre as palavras e as coisas, além de funcionar com a realidade utilizando o mecanismo de projeção. A solução, nesse caso, para a insuportabilidade da realidade, seria se separar dela.

A integração do corpo e sua possível desintegração podem ser referidas ao que Freud chamou, em 1920 no *Além do princípio do prazer*, de um escudo protetor do organismo vivo, que seria resultado da produção de um órgão por meio da chegada dos estímulos nas camadas mais profundas do organismo que se diferenciariam (Freud, 2006n). Com o desenvolvimento, esse órgão, que se localizaria no córtex, passaria a assumir o corpo inteiro. Esses estímulos seriam originados da relação do Eu com o outro mencionados no *Projeto para uma psicologia científica*. Essa parte pode ser considerada uma introdução do que será colocado no capítulo três, quando será citado o estádio do espelho. Segundo Lacan (1999a), a realidade da criança se constrói a partir da mãe. A imagem do corpo seria produzida a partir da ilusão do sujeito de satisfazer o desejo do objeto materno. É através dos referenciais da mãe que a criança forma uma imagem de si e organiza suas condutas.

A ameaça ao Eu foi analisada por Freud (2014) em *Inibição, sintoma e angústia* como o medo de não ter mais segurança contra todos os perigos. Aqui ele fala sobre ser tomado como objeto do outro, ceder aos impulsos e liga a castração à ideia de morte. Na psicose, essa ameaça seria vivida como delírio e será ilustrado por meio do conto “O homem da areia” de Hoffmann (2019) e (Freud, 2019). Trata-se da história de uma criança que liga a morte do pai ao conto do Homem da areia. Segundo Hoffmann (2019), o homem da areia seria um homem mau que apareceria quando as crianças não quisessem dormir. Ele tira os olhos das crianças com sua mão cheia de areia para dar para os seus filhos comerem.

Freud (2019) liga a perda dos olhos à castração e o Homem de areia seria o substituto do pai por quem a criança espera ser castrada. O delírio vem no lugar da castração. Nesse sentido, trazemos à tona a frase de Freud em que ele afirma que “aquilo interiormente cancelado retorna a partir de fora” (Freud, 2010b, p. 62). Tudo isso falaria do encontro que ele designou como infamiliar. O Eu regrediria a um tempo em que não havia se separado do mundo exterior como já mencionado antes.

Nesse mesmo texto, Freud (2019) afirma que o duplo funcionaria como garantia contra a morte. Isso também aparece em Lacan (1988c), quando ele afirma que, na psicose, o sujeito, diante do furo no significante decorrente da forclusão do nome-do-pai, se tornaria dividido. Ainda segundo Lacan (1988d), o sujeito perderia o Outro e no lugar ficaria com o outro imaginário. Até que seja possível sustentar esse outro, o Eu ficaria prevenido da “morte”, porque ele fica suscetível a entrar num registro que seria o outro lado do imaginário, que são os elementos sem sentido (Lacan, 1956/1988e). Dentro dessa lógica do sem sentido, o sujeito se perderia na despersonalização e se aproximaria da ideia de morte (Lacan, 1998).

No conto de Hoffmann (2019), o personagem principal, Nathanael, aparece na posição de boneca do homem da areia, assim como aparece a sua paixão por Olívia, um autômato que no decorrer da história é desmembrada. A boneca, com seu desmembramento do corpo mencionado no texto, abrangeria o tema da hipocondria que pode estar relacionada à psicose. Nesta dissertação, esse tema será pouco desenvolvido. Segundo Volich (2015), Freud explorou pouco as manifestações hipocondríacas, mas foi a partir de Schreber (1984), que ele passou a compreendê-las sob a luz das neuroses narcísicas, fazendo parte principalmente da paranoia. É pela compreensão da regressão que é possível ligar a hipocondria à paranoia. Como a experiência do corpo é possível pelo outro, a psicose estaria ligada à hipocondria justamente porque o sujeito fica alienado do saber do outro, da mesma forma que o hipocondríaco faz com seu corpo, elegendo um outro que possui seu corpo, ao mesmo tempo em que esse detém o saber sobre ele. E o relato de Schreber, como será visto, seria uma referência a isso.

Segundo Lacan (1999b), esse outro que tem o saber e responde pelo corpo da criança está sob a forma do imaginário, que dependeria exclusivamente da mãe. Teria sido por meio da percepção de que a mãe poderia ou não estar presente que a criança se desvincularia da dependência afetiva e a partir dessa primeira simbolização poderia ser afirmado o seu desejo.

O simbólico é possível por meio da identificação ao Ideal do Eu que se faz no nível paterno (Lacan, 1999a). A função da paternidade se dá por meio do significante, por isso Lacan (1998) fazendo referência a Freud em *Totem e tabu* (2012), lembra de uma tribo australiana que não ligava a concepção ao ato sexual, acreditando que um espírito que estava na estação mais próxima onde a mulher se encontrava estaria aguardando por seu renascimento e entraria em seu corpo. O espírito seria o totem, que era definido a partir da fantasia da mulher quando se sentia grávida. Ela pensava num totem e ele incorporava a forma humana.

Sendo assim, Lacan (1998) afirma que pouco importa discutir se essa tribo conhecia ou não o ato da concepção, porque isso é o que o autor chama de contexto simbólico: “É justamente isso que demonstra que a atribuição da procriação ao pai só pode ser efeito de um significante

puro, de um reconhecimento, não do pai real, mas daquilo que a religião nos ensinou a invocar como Nome-do-pai”. (Lacan, 1998, p. 562).

No texto *Uma experiência religiosa* e em *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (dementia paranoides) relatado em autobiografia [“O caso Schreber”]*, Freud trabalha o delírio como aquilo que se ocuparia dessa ausência da função paterna (Freud, 2006o, 2010b). No primeiro texto, destaca o sujeito como submetido ao desejo materno e Deus no lugar do pai no Complexo de Édipo evitando o incesto. E no segundo, discute o restabelecimento de Schreber a partir da legitimidade do nome do pai que foi concedida por Deus.

É no capítulo três, baseado em todo esse percurso, que é trabalhada a leitura que Lacan faz da psicose, principalmente referente ao livro três, que é o seminário dedicado a esse tema. A ênfase será dada à paranoia. Esse capítulo foi separado em seis itens com uma intenção didática. O item 3.1. (“O delírio paranoico”) refere-se à formação do delírio baseada no conceito de *Verwerfung* de Freud segundo Lacan (1988f). Além disso, aponta o sujeito na psicose como estando localizado na identificação primeira e sua fala referida ao objeto que está no prolongamento da dialética dual (Lacan, 1988g).

No item 3.2, “A realidade psicótica”, discute-se como Lacan aponta a diferença da realidade psicótica e da realidade neurótica. Além disso, esse item apresenta os dois lados da relação imaginária: aquele que possuiria uma rede de natureza simbólica que traria um certo equilíbrio por encontrar o plano das relações humanas; e um outro que traria elementos sem sentido (Lacan, 1988e)

O item 3.3, denominado de “A linguagem”, apresenta a diferença entre o plano simbólico, onde se situa a neurose, e o plano do delírio, onde se tem uma mensagem legível, mas sem saída (Lacan, 1988h). Além disso, Lacan, (1988i) traz dois tipos de alucinação. Uma que estaria entre realidade e irreabilidade, assemelhando-se a uma novidade, e a outra inventada pelo sujeito que tem relação com uma realidade criada. Nessa última, apareceria a possibilidade de alcançar a estrutura significativa e significação.

No item 3.4, desenvolve-se “O fenômeno psicótico”, a partir do qual Lacan (1988j) apresenta a realidade como um conjunto de significantes e se refere a *Verwerfung* como a exclusão de um primeiro corpo de significantes. Aqui pretende-se indagar quais seriam as consequências disso e como o sujeito faz para se significar e se historicizar.

O item 3.5, “O Eu na psicose”, visa a trabalhar o furo diante da falta do significante nome-do-pai (Lacan, 1988c) e como seria isso para o sujeito psicótico. Aqui será retratada a regressão à gênese do Eu e a despersonalização já citada e desenvolvida por Freud nos capítulos um e dois. Isso será feito valendo-se do exemplo de Schreber.

No último item desse capítulo, o item 3.6 (“A estabilização do Eu”), objetiva-se falar da metáfora delirante como recurso que substituiria o significante nome-do-pai para alcançar um ponto de basta entre significante e significado e trazer uma estabilidade ao Eu (Lacan, 1998).

No último capítulo, o objetivo é explorar o caso clínico de Aimée, estudado na tese de doutorado de Lacan, para poder introduzir como seria um atendimento na clínica da psicose. Esse capítulo procura ainda suscitar questões como: Seria possível evitar o enlouquecimento? Como declarar o sexo sem se configurar como signo e ameaçar a própria existência?

Sendo assim, a presente dissertação de mestrado se propõe a pensar: como é isso de existir na psicose? Como é possível pensar em recursos de se fazer existir quando o Eu se divide e se perde? O que poderia ser esperado da evolução do caso de psicose? E por último e de forma breve: Como seria a análise com psicóticos?

Falar sobre psicose se torna um desafio ao mesmo tempo em que se levanta como algo indispensável. Freud não se propôs a avançar muito no campo clínico das psicoses pontuando dificuldades relacionadas a transferência (Freud,2004b), Lacan apresentou não retroceder frente a esse campo. É importante frisar a retomada do prosseguimento teórico que Lacan deu às questões levantadas por Freud em relação a psicose que implicou no avanço da clínica que continua sendo um desafio até hoje, uma vez que o campo das psicoses implica em grandes dificuldades.

Capítulo 1 – Freud rumo a *Verwerfung*

“Por que temos que aceitar a mortalidade? É só criar uma inteligência artificial para reproduzir a consciência. O problema é que ainda não alcançamos o que seria a consciência.” (citação de paciente).

1.1 Paranoia: as primeiras publicações

O interesse de estudar as primeiras publicações de Freud justifica-se porque foi a partir dele, no estudo do inconsciente, que se abriram as portas para ouvir a loucura. Foi por meio da escuta clínica que Freud construiu uma gênese da psicose e foi a partir daí que ele pôde alcançar elementos para evidenciar as dificuldades relacionadas ao atendimento clínico e relacioná-las ao Eu do psicótico. É por meio desse caminho que alcançaremos como se forma essa estrutura clínica e avançaremos até Lacan.

Freud, à primeira vista, enquadrou a paranoia no grupo das neuroses. Em 1894, no texto *As neuropsicoses de defesa*, o autor explica a psicose a partir da histeria de defesa (Freud, 2006a). Ele divide a histeria em duas formas: uma em que a divisão da consciência é resultado do afastamento de uma representação que é incompatível com o Eu e outra que consiste numa falta de reação a estímulos traumáticos, que ele chama de histeria de retenção. Nas histerias de defesa, as representações incompatíveis não são esquecidas e levam a reações patológicas que podem produzir histeria, obsessão ou psicose alucinatória. O Eu transformaria essa representação incompatível em uma representação fraca, e faz isso retirando-lhe o afeto, fazendo com que a excitação desvinculada passe a ser utilizada de alguma forma.

Na histeria, essa excitação é utilizada de forma somática. Isso significa que, se não há aptidão para conversão, o afeto permanece na esfera psíquica, ligando-se a outras representações que ele denomina como obsessivas. Os sentimentos de culpa do obsessivo podem se elevar de tal forma que as capacidades críticas ficam insensíveis a ponto de o paciente acreditar em algumas ações. Isso é característico do que Freud determinou como psicose por intensificação, chamada de psicose de subjugação. A elevação do sentimento de culpa estaria ligada a uma situação original. Um exemplo disso é o de uma paciente que durante anos se satisfazia com atos masturbatórios e já se recriminou por isso, e numa situação posterior se masturba em excesso, podendo chegar a uma psicose (Freud, 2006a).

Para Freud (2006a), na psicose haveria uma espécie de defesa mais poderosa e bem-sucedida do que aquelas encontradas na histeria e na neurose obsessiva. Na psicose, o Eu rejeitaria a representação incompatível junto com o afeto, como se a representação nunca tivesse

ocorrido, caracterizando o que ele chama de uma confusão alucinatória. Essa representação incompatível ficaria ligada a um fragmento da realidade e na medida em que se rejeita essa representação, desliga-se total ou parcialmente a realidade.

Dois anos depois dessas reflexões, Freud afirma, no texto *Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa* (2006b), que a paranoia é uma psicose de defesa, e assim como a histeria e a neurose obsessiva, ela tem origem no recalque das lembranças aflitivas. Porém, o processo de recalque, segundo ele, teria um mecanismo especial. Vale ressaltar que essa ideia ganha força adiante em sua obra. Por meio de um relato de caso, ele afirma que o paciente psicótico se comporta da mesma forma que um paciente histérico. A sua paciente, assim como outros casos de histeria, sob pressão de sua mão, acessou lembranças que não lembrava ter tido, confirmando a hipótese de que nesses casos também haveria representações inconscientes. A diferença é que esses pensamentos seriam alcançados por delírio ou alucinação. As vozes seriam sintomas do retorno do recalado e as confusões de vozes seriam o compromisso entre a resistência do ego e o poder do retorno do recalado. O autor afirma ainda que seria possível alcançar a autoacusação original por meio do enfraquecimento das defesas, porém, não soube dizer se esse movimento seria constante.

Freud compara a paranoia à neurose obsessiva, apontando que em ambas o recalque é resultado de uma experiência sexual na infância. Na neurose obsessiva, no entanto, a autoacusação original é recalçada e a defesa que apareceria seria a autodesconfiança. Nesse contexto, a conscienciosidade opera como protetora do indivíduo, dando crédito às autoacusações que retornam por meio de representações obsessivas. Na paranoia, a autoacusação é recalçada pela projeção, que consiste na formação do sintoma de desconfiar das pessoas. Nesse caso, o indivíduo ficaria livre da autoacusação, mas em compensação ficaria sem proteção contra elas, que retornariam na forma de delírios. O retorno do recalado em alucinação lembra os sintomas histéricos porque também se apresenta enquanto imagem visual. Contudo, na histeria, os símbolos mnêmicos aparecem sem alteração, enquanto na paranoia uma imagem substitui outra que foi recalçada, de forma semelhante ao que ocorre na neurose obsessiva (Freud, 2006b).

No *Rascunho K*, Freud marca a possibilidade de somente o afeto ser recalcado ou ainda, junto dele, o conteúdo da experiência (2006c). Nesse caso, o conteúdo da experiência retornaria em forma de pensamento como alucinação visual ou sensorial, enquanto o afeto retornaria em forma de alucinações auditivas.

As autoacusações recalçadas que retornam sob a forma de pensamento ditos em voz altas sofrem uma dupla distorção. Podem sofrer censura e serem substituídos por outras

representações associadas, ou serem velados por meio de uma forma indefinida de expressão que estariam relacionadas a experiências atuais no lugar das experiências originais antigas, com equivalência das duas (Freud, 2006b). No *Rascunho K*, Freud chama isso de distorção por substituição cronológica (2006c).

Segundo Freud, as representações delirantes, que consistem no retorno do recalcado, exigem que as atividades de pensamento do Eu sejam aceitas sem contradições (2006c). O Eu se adaptaria sofrendo uma alteração. O Eu, então, não as consideraria estranhas a si mesmo, mas passaria a fazer tentativas de explicá-las, por meio dos chamados delírios assimilatórios. Os delírios assimilatórios não são considerados defesa secundária como ocorre na neurose obsessiva (quando há uma intensidade da luta do Eu contra a obsessão, levando a uma produção maior de sintomas). Aqui, o que se tem é o início da alteração do Eu, que pode alcançar a melancolia, por meio do sentimento de aniquilação ou de delírios protetores traduzidos em megalomania.

No *Rascunho H*, Freud coloca a paranoia e a neurose obsessiva como distúrbios intelectuais, classificando a paranoia como psicose intelectual (2006d). Desde que o indivíduo apresente predisposição psíquica, a paranoia seria uma forma patológica de defesa que estaria ligado ao que o indivíduo não consegue tolerar. Ele relata o caso de uma mulher solteira, de 30 anos, que morava com o irmão e a irmã e que, junto com eles, alugou um quarto para um colega de trabalho. Esse colega morou com a família por um ano e tinha um relacionamento amável com eles. A paciente relatou para irmã mais velha uma experiência que viveu com esse colega: ela estava fazendo as arrumações nos quartos e ele, deitado na cama, a chamou para junto dele e colocou o pênis em sua mão. Esse colega foi embora pouco tempo depois.

A paciente, segundo Freud (2006d), adoeceu depois de viver essa experiência e passou a ter delírios de estar sendo observada e acreditava que suas vizinhas sentiam pena por ela ter sido abandonada e por esperar o retorno do homem à sua casa, além de fazerem insinuações a respeito dele. Ela dizia perceber a inexatidão dos fatos. Quando sua compreensão retornava, ela justificava tudo isso por ter se sentido excitada. Em alguns intervalos, porém, retornava ao surto paranoico. A irmã mais velha observou que a paciente evitava conversar quando se tratava dessa experiência. A paciente foi encaminhada a Freud e ele tentou fazer com que ela revivesse a cena para livrá-la da paranoia. Numa tentativa de alcançar o que havia acontecido, ela se recusou a responder e nunca mais voltou. Segundo Freud, ela não queria se lembrar e recalcava o acontecimento intencionalmente. No *Rascunho K*, Freud afirma que o recalque na paranoia se daria de forma consciente pela recusa da crença (2006c).

A mulher se censurou por ter se sentido excitada e passou a ouvir essa censura do lado de fora. Estando do lado de fora, ela poderia manter esse julgamento afastado do seu Eu. A paranoia objetiva rechaçar a ideia que é incompatível com o Eu, daí Freud afirmar que as pessoas amam seus delírios como a si mesmas (Freud, 2006d).

Como foi visto, nesse momento inicial, Freud trabalha com a ideia da psicose como uma defesa que rejeitaria a representação como se ela não tivesse ocorrido, no entanto, ela aparece para o sujeito em forma de delírios e alucinações gerando uma certa confusão. O fragmento rejeitado faz parte da realidade daquele sujeito impondo a ele uma mudança na sua própria realidade. Freud já sugere desde aqui que o processo na psicose não seria o mesmo do recalque na neurose e que essas representações que aparecem em forma de delírios e alucinações são materiais inconscientes que exigem do Eu uma aceitação.

O que ele chama de recusa consciente, no caso da paciente mencionada, talvez se refira àquilo que no desenvolvimento desse trabalho será alcançado, como o que não é possível de ser acessado simbolicamente. Esse ponto começa a ser desenvolvido a partir da comparação da psicose com sonho porque foi um meio de ele falar do inconsciente em outro registro.

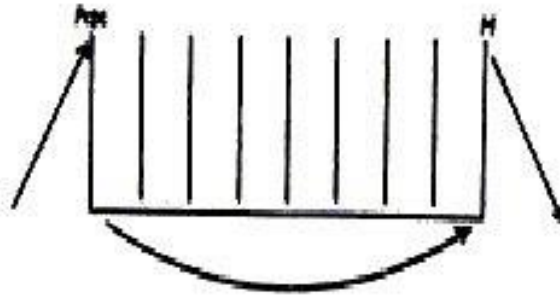
1.2 Psicose e sonho: o processo de regressão, a nova realidade e a realização do desejo

O interesse de estudar alguns detalhes da teoria do sonho parte da relação entre eles no que diz respeito à dinâmica de funcionamento e a finalidade da realização de sonhar e de enlouquecer. No texto *As relações entre os sonhos e as doenças mentais* (2006e), Freud trouxe essa ligação. Em *Regressão*, ele trabalhou o conceito de regressão aplicado principalmente à teoria dos sonhos (Freud, 2006p). Uma das características mais presentes no sonho é a transformação do pensamento sobre algo desejado em uma cena a ser vivenciada. O autor afirmou que esse mesmo processo pode ocorrer nas alucinações e visões que aparecem tanto em estados de saúde quanto em sintomas, descrevendo como ocorre esse processo de transformação de pensamento em imagem sensorial.

Seguindo uma lógica espacial, teríamos um aparelho psíquico composto de sistemas ordenados ou seguindo uma lógica temporal, numa sequência compondo um sentido e uma direção. Considerando que a atividade psíquica parte de estímulos para alcançar uma descarga, o começo seria uma extremidade sensorial e o final uma extremidade motora (Freud, 2006p), como se nota na figura a seguir.

Figura 2

Quadro geral do aparelho psíquico

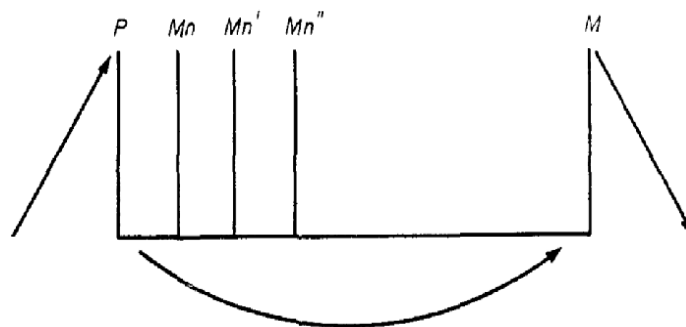


Freud (2006p).

Na extremidade sensorial, teríamos um sistema que recebe os estímulos, mas não preserva os traços, enquanto um segundo sistema transforma as excitações em modificações permanentes, compondo os traços mnêmicos (Freud, 2006p). A Figura 3 retrata essa dinâmica.

Figura 3

Sistema que transforma as excitações momentâneas em permanentes

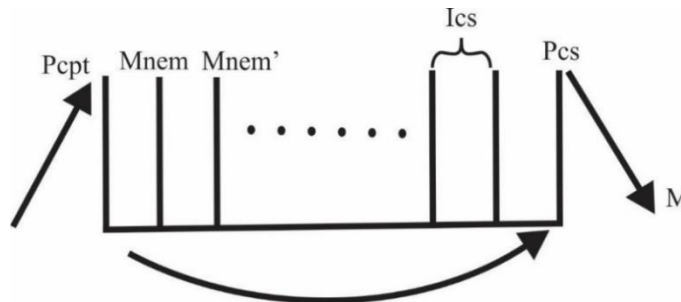


Freud. (2006p).

Percebe-se que o sujeito retém mais do que aqueles estímulos que atingem o sistema perceptivo, haja vista que as percepções fazem associações, mas apenas quando alcançam os sistemas mnêmicos. As lembranças são inconscientes e produzem seus efeitos nesse estado e, se alcançarem o consciente, quase não possuem qualidade sensorial. Já no sonho, existem duas instâncias psíquicas: a instância crítica e a criticada, sendo a primeira pertencente ao consciente e ao sistema que se localiza na extremidade motora do aparelho (Freud, 2006p). A instância crítica impõe à criticada sua exclusão da consciência.

Figura 4

Sistema pré-consciente situado na extremidade motora e por trás dele o inconsciente acessado por meio do pré-consciente



Freud. (2006p).

Em nota de rodapé, Freud (2006p) afirma que o sistema pré-consciente deve ser atribuído à consciência. Os processos excitatórios chegariam até ele sem impedimento, porém submetidos a modificações e é por meio deles que se tem acesso ao inconsciente e a figura 4 é o que exemplifica esse processo. No caso dos sonhos, algo se passa diferente. Eles se formam no inconsciente e se esforçam para alcançar o pré-consciente para ter acesso à consciência. Os pensamentos oníricos são barrados na vigília pela censura e durante a noite eles conseguem ter acesso à consciência porque há uma diminuição da resistência, além disso, no lugar da excitação se propagar na direção motora, ela se movimenta no sentido oposto, caracterizando os sonhos como regressivos.

Freud (2006p) salienta que, além dos sonhos, as regressões podem ocorrer em estados patológicos de vigília, nas alucinações histéricas e paranoicas, e nas visões em sujeitos considerados normais. E a condição para os pensamentos sofrerem essa regressão é estarem ligados a lembranças reprimidas ou pertencentes ao inconsciente. Na paranoia, Freud constatou que os pensamentos ligados a lembranças infantis foram impedidos de se expressar pela censura e foram atraídos pela lembrança para a regressão, que consistiria na única forma de representação de tais lembranças. Ele afirma ainda que, quando fosse possível trazer para consciência essas lembranças por meio da comunicação, elas poderiam perder a característica alucinatória.

Freud (2006e) cita autores que acreditam que uma primeira aparição de insanidade poderia se originar de um sonho de angústia ou terror e a ideia principal estaria ligada ao conteúdo do sonho. A psicose, nesse sentido, seria decorrente de um sonho ou desenvolvida a partir de vários sonhos. No entanto, Freud afirma que é injusto ligar o sonho como causador da doença mental, preferindo dizer que ela acende pela primeira vez por meio de um sonho.

Comparando o sonho ao delírio, Freud observou que, nos dois casos, a autoconsciência ficaria interrompida, impedindo o indivíduo de ter acesso à natureza do seu estado além da

perda da consciência moral. A percepção dos órgãos de sentido sofreria modificações, ficando reduzida nos sonhos e aumentada na loucura. Nos dois casos, há também alterações nas representações, que sofrem uma desproporção na sua relação, em forma de exageros e ilusões, podendo levar à reversão de personalidade e condutas perversas. Vale ainda ressaltar que, para Freud, tanto os que adormecem quanto os acometidos pela loucura lembram de coisas que os indivíduos considerados saudáveis aparentemente esquecem. As expressões do corpo podem alcançar semelhanças nos dois casos (Freud, 2006e).

O homem atormentado pelo sofrimento físico e mental obtém dos sonhos o que a realidade lhe nega: saúde e felicidade. Do mesmo modo, há na doença imagens brilhantes de felicidade, grandiosidade, eminência e riqueza. A suposta posse de bens e a realização imaginária de desejos – cujo refreamento ou destruição realmente fornece uma base psicológica para a loucura – constituem muitas vezes o conteúdo principal do delírio. Uma mulher que tenha perdido um filho amado experimenta as alegrias da maternidade em seu delírio; um homem que tenha perdido seu dinheiro julga-se imensamente rico; uma moça que tenha sido enganada sente que é ternamente amada. (Radestock citado em Freud, 2006e, pp. 125-126)

Freud concluiu (2006e) que tanto os sonhos como as psicoses são realizações de desejos. Em ambos, a personalidade é cindida. No sonho, o sonhador pode ser dividido, e o Eu do sonho pode corrigir o Eu real. Na paranoia alucinatória, é possível perceber uma divisão do indivíduo, um no delírio e outro após a recuperação dele. Os pacientes dizem, após se recuperarem, terem sentido, em estado de delírio, sensações de estarem aprisionados como se tivessem num sonho. Citando Radestock, Freud afirma ainda que a loucura seria uma intensificação do ato de sonhar. Outro ponto em comum entre sonho e loucura é sustentado por Freud no capítulo VII da *Interpretação dos sonhos em O esquecimento do sonho*, quando ele afirma que um fato isolado do sonho conduz a alguma associação psíquica já estabelecida, assim como nos delírios, e que em ambos há sentido nessa associação (2006q).

Nesse mesmo capítulo da *Interpretação dos Sonhos (Os processos primário e secundário – recalcamto)*, Freud diferencia o processo que ocorre nos pensamentos oníricos e nas imagens oníricas (2006f). Nessa última, os processos de pensamento são considerados irracionais e recebem o nome de processo psíquico primário. Aqueles pertencentes ao pensamento onírico são processos de pensamentos racionais, semelhantes ao pensamento

normal, e são chamados de secundário. Os processos primários são possíveis de reconstrução, mas se encontram nessa determinada forma para evitar acúmulo de excitação que provocaria o desprazer. O acúmulo de excitação é uma maneira do aparelho psíquico repetir a experiência de satisfação e é isso que coloca o aparelho em movimento. A primeira alternativa para obtenção de prazer foi a alucinação, mas não foi suficiente para dar fim à necessidade daquele prazer ligado à satisfação. A partir daí, foi exigido o funcionamento de um segundo sistema, o sistema pré-consciente. Ele não permite à catexia avançar até a percepção, mas ao mesmo tempo permite uma certa excitação que é desviada por via indireta, alterando o mundo externo a ponto de se chegar a uma percepção do objeto real de satisfação.

Nesse sistema, o psiquismo também evita o desprazer, por isso a catexização de uma lembrança só ocorre se for possível inibir o desprazer ligado a ela. Esse seria o processo secundário, que está ligado ao pensar. Ele permite de forma indireta a lembrança de satisfação. Aquelas lembranças cujo afeto o desejo inconsciente pode vir a liberar não são acessíveis ao pré-consciente, trabalhando em concordância com o processo de recalque. As representações que geram afeto são impedidas pelo pré-consciente, assim como os pensamentos ligados a eles são afastados por meio da retirada da catexia. Quando a exigência dos pensamentos recalcados é intensa e as catexias do pré-consciente já não atuam, os pensamentos recalcados ficam submetidos ao processo primário, exigindo a descarga motora e estando propensos a serem revividos de forma alucinatória. Os processos que são chamados de irracionais são aqueles que se situam no processo primário e eles atuam porque as representações perdem a catexia pelo pré-consciente. No entanto, eles não são irracionais, só funcionam livres de inibição (Freud, 2006f).

A partir disso, é possível dizer que Freud caminha no sentido da linguagem na psicose. Assim como os sonhos, teríamos um tipo de linguagem do inconsciente, um jeito próprio de representação das lembranças inconscientes. Freud aponta para a comunicação como um recurso para se perder essa forma alucinatória. Ele fala de comunicação para trazer a lembrança, ou já seria um caminho para falar da produção de alguma palavra diante do sem sentido.

Por meio do estudo da fantasia, Freud produziu o elo do princípio do prazer ao princípio de realidade, se referindo ao caminho percorrido pelo inconsciente ao consciente como o processo abarcado na figura 4, que levaria ao que ele chamou de relação simbólica. No caso da psicose, ocorre algo diferente disso, seria algo que se assemelharia ao processo do sonho, como dito anteriormente. Como resultado desse processo, teríamos o material inconsciente com ausência da relação simbólica. Ele faz essa distinção no próximo tópico, utilizando os termos fantasias inconscientes para falar do processo neurótico e fantasias que se tornam diretamente

conscientes para falar da psicose. Nessas últimas, o material inconsciente aparece no mesmo formato que o conteúdo manifesto do sonho, que ele destacou quando abordou a regressão.

É importante frisar que ele aponta a reconstrução desse material como algo possível, mas não seguro, porque poderia exceder o nível de desprazer. Poderíamos dizer que ele já estaria às voltas com algo que não é possível de acessar na psicose? De uma certa maneira ele estaria apontando para uma certa segurança no delírio e na alucinação para o sujeito psicótico diante desse indizível?

1.3 Fantasias neuróticas e psicóticas? Em busca da linguagem psicótica

A psicose tem sido, desde suas primeiras publicações, um objeto de estudo relacionado à neurose e a partir daqui a ênfase será dada à fantasia para pensar como situá-la fazendo a distinção para essas duas formas de adoecimento psíquico. Em *Escritores criativos e devaneios*, Freud afirma que criança brinca e cria um mundo próprio para lhe agradar e usa sua imaginação utilizando situações encontradas no mundo real (2006g). O indivíduo para de brincar na vida adulta, no entanto, não consegue renunciar àquele prazer antes experimentado. Ele troca o brinquedo, mas mantém o processo imaginativo por meio da fantasia. Ocorre que na vida adulta, ao contrário da criança que se expõe no ato de brincar, o adulto mantém sua fantasia oculta. Isso se justifica porque o desejo da criança quando brinca é de ser adulto e a fantasia do adulto tem origens infantis e proibidas.

A fantasia é motivada pela insatisfação do desejo e é uma correção da realidade insatisfatória. Configura-se em três tempos: uma ocasião no presente desperta um dos desejos principais do sujeito, que retorna à lembrança numa situação em que houve a realização deste (geralmente na infância), e a partir daí constrói uma situação no futuro de representação da realização. Quando as fantasias se tornam muito poderosas, podem desencadear neurose ou psicose. Para Freud, a escrita é um meio formal e disfarçado de alcançar as fantasias do escritor, e que causam prazer no leitor, que revive suas fantasias mais íntimas e ocultas sem restrições e vergonha (Freud, 2006g).

Freud (2006r) trabalha a fantasia nas relações familiares pela forma como a criança vê seus pais. Nos primeiros anos da infância, os pais são vistos de forma idealizada, e com o crescimento e desenvolvimento intelectual, a criança passa a ter uma visão mais real desses pais. As insatisfações vividas pelas crianças, juntamente com a rivalidade sexual, colaboram para a intensificação das críticas em relação aos seus pais. Passam a acreditar que são crianças adotadas, querem libertar-se dos pais que já não são mais o que esperavam e fazem isso

substituindo-os por outros, geralmente de uma posição social mais elevada e alcançam essa representação nas construções imaginativas utilizando uma aproximação com a vida que vivem. Quando reconhecem a diferença entre os papéis sexuais desempenhados pelos pais, a fantasia passa a se restringir ao pai, visto que a mãe já é reconhecida enquanto “certa”. Nesse sentido, a criança passa a imaginar a mãe em situações de infidelidade. Essas fantasias sexuais têm como objetivo também se vingar dos pais que já os repreenderam por suas próprias “brincadeiras” “eróticas. As crianças podem ampliar seus romances familiares como, por exemplo, construir situações para tirarem vantagem em relação aos irmãos e como meio de romperem o grau de parentesco entre eles, por quem sentem atração sexual. Freud ressalta ainda que a criança não tem um interesse maldoso no fantasiar. A afeição pelo pai real é mantida, e os pais substitutos possuem qualidades que se originaram dos pais verdadeiros.²

Afastar o indivíduo da realidade, toda ou parte dela, é característico da neurose. Segundo Freud, em *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico* de 1911, isso ocorre quando a realidade é sentida como insuportável (Freud, 2004a). O afastamento mais extremo é a psicose alucinatória, que ocorre quando aquilo que provocou a loucura é negado. Aqui, ele usa o termo *verleugnen*, que pode ser traduzido como recusar, denegar, desmentir, renegar. Esse termo foi usado por Freud para se referir a um mecanismo de defesa tanto para falar da neurose quanto da perversão e também da psicose.

Esse afastamento da realidade ocorre porque os processos psíquicos inconscientes são os primeiros a surgir no psiquismo, sendo regidos unicamente pelo princípio de prazer. Como afirmado anteriormente, o repouso teria sido perturbado por necessidades do organismo que a princípio alcançava aquilo que era desejado por meio da alucinação. A atividade da alucinação, porém, não persiste porque não há satisfação nela. É preciso, então, que o psiquismo possa conceber, por meio de imagens já existentes na memória, circunstâncias reais de satisfação. Aquilo que gerava desprazer é recalcado e, no lugar da liberação pela via motora, acrescenta-se o processo de pensar para manter o prazer e evitar o desprazer, tornando a energia livre fixada. Sendo assim, essa parte do pensar que foi afastada do princípio de realidade e se manteve no princípio de prazer seria o fantasiar. No inconsciente, o pensar seria correspondente à realidade (Freud 2004a)

Freud constatou, Em *Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade* (2006h), que as criações das fantasias têm sua origem nos devaneios da juventude. Nas mulheres, predominariam os devaneios eróticos, enquanto nos homens predominariam os ambiciosos e

² Na carta de 57 dos Extratos dos documentos dirigidos a Fliess (1950[1892- 1899]), Freud (2017g) afirmou que essas histórias fictícias de filiação eram construídas pelos paranoicos.

eróticos. Ele marca a diferença entre fantasias conscientes, que ele denomina como os devaneios, e as inconscientes, e reitera que as fantasias podem ser originalmente inconscientes ou tornarem-se inconscientes por meio do recalque. Aquelas derivadas do recalque podem sofrer alterações no seu conteúdo. A fantasia inconsciente é formada a partir da fantasia que o indivíduo construiu acerca da obtenção da satisfação num período de masturbação na vida infantil, e quando ele renuncia a esse tipo de satisfação, tal fantasia se torna inconsciente. Se ele não conseguir sublimar ou desviar sua libido para outros fins, que ele denomina como mais elevados, essa fantasia renasce como sintoma. Freud afirma que o delírio dos paranoicos é composto por fantasias dessa mesma natureza, com a diferença que se tornam diretamente conscientes, se manifestando por meio de encenação, ataques ou atos.

De acordo com Freud, no *O Inconsciente*, o sistema psíquico na esquizofrenia se expressa em sua maior parte de forma consciente, enquanto nas neuroses de transferência isso ocorre de forma inconsciente (2006i). Os esquizofrênicos sofrem de linguagem hipocondríaca ou dos órgãos, que seria a linguagem em que as palavras são submetidas ao mesmo tratamento pelo qual os pensamentos oníricos latentes são transformados em sonhos, passando a pertencer ao processo psíquico primário em que uma única palavra passa a representar uma cadeia de pensamentos. Na esquizofrenia, tem-se uma relevância da palavra no lugar da relação com a coisa, ou seja, a formação substitutiva se daria na expressão linguística, no lugar da substituição de objetos por semelhança.

Nas neuroses de transferência, em decorrência da renúncia ao objeto real, a libido retrocede a um objeto da fantasia que está ligado ao objeto recalcado. O investimento no objeto continuaria a existir no sistema inconsciente e a transferência estaria ligada a essa energia preservada no objeto. Na esquizofrenia, após o processo de recalque, a libido se recolheria no Eu e, no lugar de investir no objeto, haveria uma rejeição ao mundo, porém restaria uma sustentação pelo investimento nas representações mentais das palavras (Freud, 2006i).

Como o consciente é dividido em representação-de-palavra e representação-de-coisa (Freud, 2006i), teríamos na neurose de transferência o investimento ligado a imagens ou a traços que derivam da lembrança, e na esquizofrenia haveria uma retirada dos investimentos pulsionais de tudo que está ligado à representação do objeto inconsciente, porém com a manutenção da ligação com aquelas representações pertencentes ao pré-consciente, que correspondem à representação-de-palavra. Essas recebem, assim, um forte investimento. Segundo Freud, a representação-de-palavra não participa do recalque, mas corresponderia à produção de cura, numa tentativa de recuperar o objeto perdido por meio da palavra. No entanto, o sujeito agora possuiria as palavras no lugar das coisas.

Freud chamou a atenção para a relação entre representação-de-palavra e representação-de-objeto, que ele denominou como relação simbólica. No pensamento esquizofrênico, essa relação se perde, fazendo com que a psique de um esquizofrênico seja caracterizada como se o concreto fosse o abstrato. Ele dá um exemplo de um caso clínico em que um jovem se afastou de outros interesses em razão do estado de sua pele. Ele tinha o hábito de espremer os cravos pela satisfação de sentir algo saindo de dentro para fora de seu corpo, satisfazendo-se em mexer nesses buracos abertos na pele. Freud relacionou esse ato à masturbação. Ele conta esse caso para dizer que dificilmente um histérico faria essas substituições, porque há uma pequena relação entre espremer cravo e ejaculação, e no caso de “mexer nos buracos” a única relação entre os poros e a vagina seria pela palavra buraco, reiterando aqui a equivalência linguística no lugar da semelhança dos objetos (Freud, 2006i).

A teoria da fantasia ainda que tenha levado Freud a pensar a linguagem, o manteve até certo tempo seguindo um parâmetro neurótico. Ele já havia apontado que a psicose poderia ser resultado de intensificação da neurose gerando uma insensibilidade nas capacidades críticas do sujeito. Em *Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen* ele aponta que o delírio seria decorrente de fantasias que influenciam as ações (Freud, 2006j). Entretanto, no final do texto ele alerta para sinais de histeria e não de paranoia. O texto, além disso, traz contribuição à clínica psicanalítica quando se refere à transferência.

1.4 Delírio: fantasia que influencia as ações e sobre a cura pelo amor

Em 1907[1906], no livro *Delírios e sonhos na gradiva de Jensen*, Freud define o delírio como uma fantasia que influencia as ações (2006j). Ele analisa a obra de ficção *Gradiva*, de Wilhelm Jensen, história do arqueólogo Norbert Hanold. Nela, o personagem se encanta pela escultura de uma mulher adulta caminhando em um museu de antiguidades em Roma. O interesse que foi despertado por essa escultura não tinha relação com sua pesquisa científica e ele mesmo não conseguia explicá-la. Nomeou a figura de “Gradiva – a jovem que avança”, nome inspirado no apelido dado ao deus da guerra indo em direção ao combate: “Mars Gradivus”. Hanold imaginou que ela vivesse em Pompeia e caminhava sobre as pedras descobertas nas escavações. Ficou curioso com o modo de caminhar da escultura e quis certificar se o seu caminhar era inspirado na vida real. Como não conseguiu imitá-la, resolveu observar as mulheres, nas quais, até então, ele não prestara atenção.

Ele não encontrou esse modo de caminhar na realidade. Posteriormente, ele teve um sonho com Gradiva na antiga Pompeia no momento da erupção do vulcão Vesúvio e estava

certo de que eles residiam na mesma cidade. Nesse sonho, ele gritou pra ela se prevenir, mas ela continuou seu caminhar até o templo e quando ele a alcançou ela já se encontrava coberta pelas cinzas. Depois que acordou, demorou para notar que não pertencia àquela realidade do sonho, mas passou a acreditar que Gradiva pertenceu e lamentou a sua perda (Freud, 2006j). Nesse ponto, Freud destaca novamente, assim como ele fez na interpretação dos sonhos (2006e), a proximidade entre o sonho e a doença mental, voltando a afirmar que o delírio muitas vezes surge ligado aos sonhos e ambos se manifestam a partir do recalcado. O delírio seria uma espécie de sonho com efeitos duradouros que se aproveita das formas favoráveis do sonho para o recalcado alcançar um sucesso, até que ele consiga surgir na vida de vigília.

Olhando para janela, ainda compenetrado no sonho, Hanold escutou o canto de um canário numa gaiola na janela da casa da frente. Teve uma reação de espanto porque, quando se deu conta da realidade, teve a impressão de que viu Gradiva e reconheceu seu caminhar. Saiu correndo para alcançá-la, porém desistiu, porque como não estava com trajes apropriados para segui-la, ouviu muita chacota dos transeuntes. Freud assinala aqui que já é possível reparar que sua fantasia se ampliou e passou a ser um delírio que influenciava suas ações. A partir do canto do canário, surge uma ideia de que, assim como o pássaro, ele tem uma vida sem liberdade. Manifesta uma vontade inexplicável de ir à Itália e, com um pretexto científico, ele viaja. Altera o seu destino de Roma para Nápoles pelo incômodo que passa a sentir pelos casais em lua de mel, mas vive o mesmo incômodo em Nápoles, decidindo se transferir para Pompeia, porque deduziu que a maioria dos casais não teriam interesse por esse destino (Freud, 2006j).

Em Pompeia, ao meio dia (hora que os antigos consideravam pertencente aos espíritos), ele viu Gradiva e concluiu que o descontentamento que o fez chegar a Pompeia teria a ver com o desejo de procurar suas pegadas. Foi falar com ela e introduziu a fala em grego, crente da sua origem, mas ela o interrompeu dizendo falar alemão. Ele a perdeu de vista e acreditou que se tratava de um espírito. Em outro momento, eles conversaram sobre seu sonho e ela concordou em demonstrar o seu andado, certificando a semelhança. O nome dela era Zoe e ela sugeriu ser uma reprodução de Gradiva no presente, não contestando o seu delírio. Freud sinaliza que Zoe aceita o delírio de Hanold para libertá-lo; se ela o contradissesse, ela falharia em seu objetivo. Freud compara Zoe a um analista e reitera que o tratamento só é possível se o analista se situar no mesmo plano da estrutura delirante e investigá-la ao máximo. Afirma ainda que o amor tem poderes curativos contra um delírio (Freud, 2006j).

Ela continuou alimentando sua crença na história de amor de dois mil anos atrás. Ele se surpreendeu por ela pronunciar seu nome e por encostar em sua mão e perceber que ela era real. Questionou como isso seria possível e ela afirmou ser sua vizinha. Contou da sua moradia do

outro lado da sua rua, na casa da esquina, e falou do seu canário na janela do seu quarto. Apresentou uma linguagem próxima à dele, sugerindo também uma relação mais íntima. Contou que na infância eles brincavam juntos e reclamou que, se ele tivesse reparado nela nos últimos anos, a teria reconhecido. Disse ainda que ele era seu melhor amigo e depois percebeu que ele não tinha mais olhos para ela. Freud interpreta o sentimento de Zoe como amor. Afirma que o esquecimento de Hanold trata-se do efeito do recalque, recalçamento dos seus sentimentos eróticos. O nome completo de Zoe era Fräulein Zoe Bertgang, Zoe em grego significa vida e a etimologia da palavra Bertgang é “alguém que brilha ao avançar” que leva a mesma ideia do significado de Gradiva (Freud, 2006j).

Depois de acessar todo esse conteúdo, que antes se encontrava recalçado, ele a beijou e eles se tornaram noivos. Antes de deixar Pompeia, eles reproduziram a cena da sua fantasia construída a partir do relevo de Gradiva. Freud destaca a metáfora que o autor usou: “o amigo de infância desenterrado das ruínas” para falar da analogia que pode ser feita entre a cidade de Pompeia que ressurgiu após escavação e o material recalçado que é preservado na mente, porém é inacessível (Freud, 2006j).

A história de Gradiva corrobora com a natureza do delírio, segundo a qual é fruto da combinação do desejo amoroso com a resistência a esse desejo. A cura, nesse sentido, estaria em trazer à tona essas lembranças recalçadas. Freud explica ainda que o personagem não acessou as lembranças assim que entrou em contato com elas, porque o recalçado é resultado de duas forças: uma com o intuito de tornar-se consciente e outra com a intenção de impedir esse resultado. A lembrança foi recalçada porque estava associada ao sentimento erótico por Zoe, sua amiguinha. A manifestação do seu delírio é resultado desse conflito entre o sentimento erótico e as forças que o impediam de alcançar a consciência (Freud, 2006j).

Sobre o desenvolvimento do delírio, temos alguns pontos importantes destacados por Freud (2006j). Antes de se decidir viajar, Hanold escuta o canário e vê uma silhueta na janela que lhe lembra Gradiva. Aquela mulher na verdade seria Zoe. Porém, se ele tivesse tido acesso a esse conhecimento, teria solucionado seus conflitos psíquicos, que é justamente aquilo que a resistência não lhe permitia chegar. O canário também o leva a Zoe, inclusive ao seu quarto. Aproximar-se de Zoe leva à intensificação do sentimento erótico e, em contrapartida, a resistência faz um movimento contrário, que consiste na fuga e na sua viagem. O conflito entre o impulso erótico e a resistência estão ligados por uma conciliação. Quando foge para Itália, ele, embora não saiba, continua sua luta alimentada pelo erotismo e se situa entre o jogo dessas duas forças.

Hanold acreditou que Gradiva fosse um fantasma que apareceu para ele ao meio dia e que depois retornaria ao seu túmulo, mesmo com tantas evidências que anulassem essa ideia. Freud destaca que o intelecto aceita absurdos para satisfazer os impulsos inconscientes ou recalçados. Após o primeiro encontro com Gradiva, ele vai até dois hotéis para procurá-la. No outro dia, ele tenta novamente encontrá-la e escala o muro para chegar às ruínas. Colhe um ramo de asfódelo³, ela o vê e o surpreende perguntando se aquela flor seria pra ela. Conversam e, antes de se despedir, ela pega o ramo de flor e afirma: “As mais afortunadas recebem rosas na primavera, mas essas flores do esquecimento são mais apropriadas pra mim” (Freud, 2006j, p. 30). Quando ela parte, ele descobre uma fenda na parede do pórtico onde ela desapareceu, refutando a ideia original de que ela teria desaparecido, se infiltrando na terra. Concluiu, então, que ela tivesse andado até seu túmulo (Freud, 2006).

Em outro momento andando por Pompeia, Hanold passa por um idoso que conversa com ele como se os dois se conhecessem:

O senhor também está interessado no faraglioneis? Eu não acreditava, mas é provável que, além das ilhas Faraglioni perto de Capri, também ocorram no continente. O método inventado pelo nosso colega Eimer é realmente muito bom. Já o utilizei várias vezes com excelentes resultados. Por favor fique bem quieto... (Freud, 2006j, p. 31).

E depois, passando por uma casa, ele descobre um terceiro hotel, Albergo de Sole, onde o dono lhe mostra suas relíquias encontradas nas escavações, e conta que uma delas foi encontrada junto a um casal de namorados que morreram juntos abraçados antes de serem cobertos pelas cinzas do Vesúvio. Já tinha ouvido a história antes com sentimento de descrédito, no entanto, dessa vez, ficou interessado pela história e comprou o broche (Freud, 2006j).

Freud (2006j) destaca que, antes de deixar o albergue, Hanold notou em uma das janelas do hotel a flor de asfódelo. Passou a ser dominado por um novo delírio, alimentado pela história de amor ligada ao broche. Acreditou que Gradiva poderia ter encontrado esse jovem e os dois teriam morrido juntos. Vale destacar que, antes do aparecimento desse novo delírio, ele já vinha sofrendo de uma intensificação do desejo sexual por Zoe pela aproximação e por suas dúvidas ligadas à sua natureza corpórea.

³ Planta bulbosa de flores brancas, ornamental.

Depois de ter afastado esse pensamento delirante, ele notou um casal no hotel que julgou se tratarem de dois irmãos; a moça trazia uma rosa vermelha. Em seguida, teve o sonho: “Sentada em algum lugar no sol, Gradiva confeccionava um laço de um longo talo de erva para capturar um lagarto, e disse: ‘Por favor, fique bem quieto. Nossa colega tem razão, esse método é realmente ótimo e ela já o utilizou com excelentes resultados.’” (Freud, 2006j, p. 32). Freud relaciona a fala de Gradiva no sonho à fala do idoso sobre um lagarto com o qual ele cruzou na vida de vigília e destaca que, quando uma pessoa é substituída por outra no sonho, isso significa que elas apresentam alguma semelhança. O zoólogo seria desvendado no decorrer da história como pai de Gradiva e Eimer que ele citou se tratava de um conhecido zoólogo da segunda metade do século dezenove. A “colega” na fala de Gradiva no sonho substitui Eimer e Freud sugere que ela seria a jovem que ele reparou no hotel que supôs estar com o irmão.

No outro dia, Hanold descobriria que eles eram na verdade um casal e que o sonho já indicava essa mensagem, e que assim como eles, ele e Gradiva seriam também velhos amantes. A jovem que substituiu o zoólogo no sonho carregava uma rosa na vida de vigília. A rosa representa por si só laço amoroso, assim como se liga à cena da sedução de Gradiva com a afirmativa de que “as mais afortunadas recebem rosas na primavera”. No sonho, ela caçava lagartos, podendo indicar que na vida de vigília ela caça o homem amado, e sua fala no sonho sugere que ele poderia ficar quieto que ela o conquistaria (Freud, 2006j).

O elemento mais importante desses últimos registros, segundo Freud (2006j), teria relação com o terceiro hotel onde ele comprou o broche do proprietário. Ter visto a flor de asfódelo no peitoril da janela e comprovou que Gradiva estaria hospedada naquele hotel. No entanto, essa descoberta foi substituída pelo delírio de que ela seria a namorada que morreu junto ao amante soterrados nas cinzas do Vesúvio. No sonho, ele indica que sabe sobre sua estadia através do jogo de palavras “sentada em algum lugar do sol”, anunciando o nome do hotel (*Albergo del Sole*). Esse jogo de palavras é utilizado pelo próprio autor da obra na conversa dos dois no dia seguinte em que ela ironicamente o pergunta se ele encontrou o broche no sol.

A crença no delírio para Freud (2006j) não se alimenta da incapacidade de julgamento de quem o vive, mas se sobressai pela verdade que ele carrega no elemento recalcado. A convicção aumentada se justifica por estar ligada a um substituto da verdade recalcada: “É como se a convicção se deslocasse da verdade inconsciente para o erro consciente que está ligado a ela, ali fixando-se justamente em consequência desse deslocamento” (Freud, 2006j, p. 75)

Pois bem, o final da história já é conhecido: ele abandona o delírio e, em troca, ressurgem o amor que foi possível pelo método empregado por Zoe, que consiste no mesmo método da

psicanálise – pelo menos do que se entende como tal até aqui, isto é, fazer chegar à consciência o material recalçado e despertar a parcela da pulsão sexual que havia sido recalçada. Por isso, podemos concluir que a cura estaria ligada ao amor, entendendo que o amor engloba o que compõe as pulsões sexuais. O método de Zoe e da psicanálise apresenta outra coincidência: a paixão que ressurge no paciente escolhe a figura do analista. No caso de Gradiva, porém, ela correspondeu a esse amor, diferentemente do lugar que ocupa o psicanalista (Freud, 2006j).

Freud (2006j) afirma que não precisa que uma pessoa sofra de delírio para se comportar dessa forma. Uma pessoa que ele chama de saudável também se engana em relação aos seus atos porque também é regida por conflitos de sentimentos, agindo de determinada maneira sem saber o porquê e tendo consciência disso só depois. Partindo disso, é possível supor que ainda não está claro em Freud (2017a) aquilo que depois poderia ser chamado de delírio neurótico proveniente do recalçado e o delírio psicótico, que mais à frente ele compreende no texto *Neurose e Psicose* (1924) como sendo uma rachadura entre o Eu e a realidade. No final do texto *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*, ele afirma que, segundo uma leitura psiquiátrica, o personagem poderia ser incluído no grupo da paranoia como “erotomania fetichista” por seu interesse pelos pés e, com relação à sua viagem motivada pelo delírio, porém, ele não vê elementos da paranoia e tende a atribuí-la ao delírio histérico (Freud, 2006j).

1.5 “A escolha da neurose” e/ou sobre a regressão na paranoia

Em 1899, na *Carta a Fliess 228 [125]*, Freud pergunta:

Quando é que um ser humano se torna histérico em vez de paranoico? Uma primeira tentativa tosca, na época em que eu queria tomar a cidade à força, supunha que dependia da idade em que ocorrem os traumas sexuais, da idade na vivência. Isso foi abandonado há muito tempo, mas fiquei, então, sem nenhuma suspeita até há poucos dias, quando se abriu pra mim um nexos com a teoria sexual. A mais inferior das camadas sexuais é o autoerotismo, que renuncia a uma meta psicosexual e só exige a sensação satisfatória local. É seguido, então, pelo alo (homo e hétero) erotismo, mas ele certamente continua a existir como uma corrente separada. A histeria (e sua variante, neurose obsessiva) é aloerótica, sua via principal é a da identificação com a pessoa amada. A paranoia torna a diluir a identificação, reinstaura todas as pessoas amadas que foram abandonadas na infância e dissolve o próprio Eu em pessoas estranhas. Assim,

passsei a considerar a paranoia como um assalto da corrente autoerótica, como um retorno ao ponto anterior. (Freud, 2017g, pp. 51-52)

Sendo assim, ainda trabalhando a paranoia enquanto neurose, teríamos que explicar o processo de recalque. Nele, teríamos três fases: a fixação, o recalque propriamente dito e o retorno do recalado. A fixação é a condição para o recalque, ou seja, a pulsão ou parte dela não segue o desenvolvimento normal e se mantém em um determinado estágio. O recalque ocorre quando os derivados da pulsão que sofreram fixação ganham força e entram em conflito com o Eu. Esses derivados sofrem recalque pela força de atração que sentem do material já recalado. A terceira fase corresponde ao retorno do recalado, irrompe a partir do ponto de fixação, forçando uma regressão da libido a esse ponto (Freud, 2010b). Segundo Freud (2006s), esse ponto de fixação é o que determina a neurose e tem relação com uma disposição. No desenvolvimento sexual, pode ocorrer um apego a um estágio que seria esse ponto de fixação. Quando o indivíduo sofre dificuldades posteriores na vida sexual, a libido regressaria a esse estágio. Na parafrenia, termo que ele denomina para abordar a paranoia e a demência precoce, ele sugere que a fixação estaria localizada antes de se instaurar a escolha objetual.

Em 1914, Freud afirma que o narcisismo se localiza entre o autoerotismo e o amor objetual. Nessa fase, o indivíduo investe a libido no próprio Eu (2004b). Ele aparece em sua primeira forma decorrente do próprio narcisismo dos pais, que atribuem à criança perfeições como uma forma de reviver um tempo em que eles não tinham que lidar com as exigências da cultura. A libido investida no Eu excederia a tal ponto que surgiria a necessidade de investimento no objeto.

Para Freud (2010b), uma vez que o ponto de fixação se localiza nessa fase, quando o excesso de investimento libidinal não encontra outro escoamento, ele regressaria a esse estágio, desfazendo as pulsões sociais que haviam surgido por meio da sublimação. O excesso dessa libido pode ocorrer devido a frustrações sociais. O indivíduo, após essa regressão viveria a megalomania, num afastamento do mundo objetual e, por isso, teria dificuldades na relação transferencial (Freud, 2006s). Na parafrenia, diferentemente da neurose de transferência, quando o indivíduo se vê impedido de alcançar a satisfação da libido, no lugar de substituir o erotismo pelas pessoas em suas fantasias, retiraria a libido dos objetos e retornaria ao Eu. E no lugar do aparecimento do medo (angústia), que ocorre nas neuroses de transferência, veríamos aparecer a hipocondria na parafrenia (Freud, 2004b).

Em 1911, Freud (2010b) afirma que o ponto de fixação da libido na paranoia estaria localizado entre o autoerotismo, o narcisismo e a homossexualidade. Segundo ele, o

desenvolvimento da paranoia estaria ligado a um desejo homossexual. Ele explica a homossexualidade a partir do narcisismo porque no desenvolvimento do indivíduo ocorre o seguinte: as pulsões sexuais que vinham sendo utilizadas com o fim autoerótico se reúnem para a libido objetal e tomam o próprio corpo como objeto para depois escolher outra pessoa. Algumas pessoas insistiriam em continuar no estado de narcisismo e manteriam esse modo de funcionar no estágio em que a libido seria convertida a outra pessoa. No estágio em que a libido está investida no Eu, o órgão sexual escolhido seria o semelhante, característico da homossexualidade, para depois alcançar a heterossexualidade. Nesse último estágio, a homossexualidade seria sublimada.

Na paranoia, o amor homossexual de um homem seria contrariado por diferentes maneiras. A primeira, pelo delírio de perseguição: Eu não o amo – Eu o odeio. Essa percepção assumiria uma percepção externa, tornando-se “ele me odeia”. A segunda seria resultado da transformação da seguinte proposição: Eu não o amo- Eu amo a ela. O projetado se tornaria “eu noto que ela me ama”. Sendo assim, resultaria: “É ela que eu amo porque ela me ama”. Essa segunda maneira caracteriza a erotomania, que consiste, segundo Freud, na paixão que se origina da percepção externa de ser amado. A terceira maneira se manifesta como: não sou Eu que amo um homem- ela o ama. Nesse caso, a desconfiança passaria a ser a de que a mulher que estaria com ele ama os homens pelos quais ele se sentiria atraído. Esse raciocínio vale também para a homossexualidade da mulher. Essas contradições são efetuadas no primeiro caso pelo verbo, no segundo pelo objeto e no terceiro pelo sujeito. Além dessas três, existiria uma quarta, que consistiria em: Eu não amo ninguém, amo apenas a mim. Nesse caso, teríamos o delírio de grandeza já citado (Freud, 2010b).

No texto *Comunicação de um caso de paranoia que contradiz a teoria psicanalítica*, Freud (2017h), dá um exemplo de como se dá o processo de recalque na paranoia pelo desejo homossexual. Freud conta a história de uma mulher que buscou um advogado porque, de acordo com ela, estava sofrendo perseguições de um homem que a induziu a ter ligações amorosas com ele. O advogado procurou Freud por desconfiar que o caso pudesse se tratar de uma doença. Era uma mulher de 30 anos que morava somente com a mãe idosa, seu pai já havido falecido. No ambiente de trabalho, conheceu um funcionário por quem se sentiu atraída, mas não poderiam se casar por causas externas, não expostas no caso clínico. Mesmo com esse contratempo, esse homem mantinha interesse em continuar uma relação amorosa com ela e a convenceu a ir até sua casa. Nessa visita, enquanto eles se beijavam e se deitavam, ela ouviu um barulho e intuiu que tivesse vindo do espaço que ficava entre a janela e a escrivaninha, onde ficava uma cortina. O namorado lhe respondeu que poderia ter sido o relógio. Depois que foi

embora, passou por dois homens na escada que conversavam e um deles carregava uma caixa. Ela concluiu que um desses homens estava dentro do quarto e o barulho que tinha ouvido foi da máquina que registrou o momento amoroso. Ela passa a suspeitar da sinceridade do amante.

O que chamou a atenção desse caso foi o perseguidor, porque Freud (2017h) já havia afirmado que o conflito do paranoico seria resultado de sua libido homossexual. Nesse sentido, o perseguidor deveria ser do mesmo sexo do perseguido, no entanto, não foi isso que se observou nesse caso. Freud percebeu, por meio de uma segunda fala da paciente, onde poderia situar sua libido homossexual. A paciente teve dois encontros com esse amante. Passando esse primeiro encontro, o amante procurou a responsável pela seção onde ela trabalhava com uma demanda de trabalho. Tratava-se de uma idosa, que segundo ela, lembrava sua mãe. A mulher acreditou que, nessa conversa, ele estivesse contando à idosa sobre o encontro dos dois. Freud concluiu que a mulher idosa seria o representante de sua mãe, enquanto o jovem amante o representante do seu pai. A ligação homossexual estaria relacionada à mãe que, até os 30 anos, era seu único objeto afetivo. Ligar-se ao amante significaria libertar-se dessa relação e a consequência disso foi a produção paranoica delirante. Posto isso, Freud reconhece que o amante se tornou o perseguidor no segundo encontro por via indireta.

Entende-se que o delírio serviu para impedir a mulher de amar o homem, satisfazendo o complexo materno. Freud (2017h) pontua ainda que a cena de estar deitada com o amante no segundo encontro quando ouviu um clique remete às fantasias primitivas da criança em relação ao coito dos pais. Por meio da regressão, a paciente se identificaria com a mãe e o jovem continuaria sendo o pai, esclarecendo a origem narcísica de sua libido homossexual, que consiste na característica principal da paranoia. Nesse caso, dificilmente o relógio realmente teria feito um clique, Freud atribui o barulho à palpitação do clítoris da paciente e a projeção desse barulho a um objeto externo, que também é um mecanismo próprio da paranoia. A troca dos perseguidores no delírio da paciente pode ser concedida ao mecanismo da neurose de censurar objetos incestuosos e colocar outros em seu lugar. O mecanismo de regressão foi uma forma de reviver a libido narcísica perdida. Nesse sentido, o processo se justificaria porque o sintoma visa a restabelecer o estado anterior, objetivando a satisfação pulsional impedida pelo sintoma originado pela fixação, já mencionada acima.

1.6 O valor quantitativo

Em 1922, o fator econômico ganha relevância para Freud ao pensar a diferença entre neurose e psicose (2017c). Freud faz essa diferenciação econômica por meio do artigo *Sobre*

alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e na homossexualidade, em que ele diferencia o ciúme normal, o projetado e o delirante. O ciúme normal seria aquele decorrente da dor sentida pela perda do objeto. O segundo seria resultado da infidelidade ou dos impulsos de infidelidade que sofreram recalque. O indivíduo, nesse caso, projetaria a infidelidade naquele que traiu o pacto de fidelidade. No terceiro tipo, a infidelidade seria marcada por fantasias com outra pessoa do mesmo sexo e se apresentaria como forma de paranoia com a proposição: “Não sou eu que o amo, ela o ama”. Freud afirma ainda que, no delírio de ciúme, os três tipos estariam presentes (Freud, 2017c, p. 196).

Em um exemplo desse delírio, o objeto de ciúme seria a esposa fiel. Os ataques apareciam após relações sexuais prazerosas com a mulher. Freud conclui que a libido homossexual irrompe junto com a excitação da libido heterossexual, provocando o ataque de ciúme. Nesses ataques, a infidelidade da sua esposa se situa no lugar de sua própria, embora ele mantém no inconsciente. A homossexualidade ganharia essa forma delirante para recuperar uma homossexualidade perdida. Nesse caso, o pai do paciente teve pouco prestígio em sua vida e ele viveu um trauma homossexual na juventude, desencadeando o recalque dessa pulsão no lugar de uma sublimação. Esse homem não tinha amigos e interesses sociais. O ciúme delirante foi marcado por manifestações homossexuais cujo objeto era seu sogro (Freud, 2017c).

Freud (2017c) traz também associado à paranoia de ciúme a paranoia persecutória. Nessa última, o paranoico se sentiria hostilizado, e a hostilidade seria resultado do seu próprio sentimento hostil que ele projetaria. O perseguidor seria a pessoa mais querida do mesmo sexo. Ele deduz que isso seria resultado da ambivalência já sentida pela pessoa amada, acrescida da intensificação do ódio pela não correspondência do amor. Nesse sentido, o sentimento de perseguição, assim como o delírio de ciúme, tem como objetivo defender o indivíduo de sua homossexualidade.

Freud (2017c) apresenta um segundo exemplo em que um rapaz possuía um sentimento ambivalente pelo pai, sendo ao mesmo tempo rebelde e submisso a ele. Após a morte do pai, não conseguiu mais gozar com a mulher, e com os homens se colocava em situações em que ficava na posição de ser enganado. Segundo Freud, esse paciente apresentava pensamentos persecutórios, porém não se encontrava ainda em um quadro patológico. A partir disso, conclui que, antes do desencadeamento da paranoia, as ideias que a compõe já estão presentes e o fator econômico é o que determina a diferença entre neurose e psicose. Ele faz uma comparação com a histeria, no contexto da qual, embora as fantasias patogênicas estejam atuantes desde que as pulsões foram recalçadas, é apenas quando há um superinvestimento que o conflito psíquico

irrompe, levando à produção de sintoma. Dessa forma, um superinvestimento em direção a um caminho psíquico produz aumento de resistência, obrigando o sujeito a seguir outro caminho.

1.7 Do complexo de Édipo ao mecanismo de rejeição à realidade

A ideia até o momento colocada sobre o recalque teve predominância no presente capítulo. A partir de agora, com o estudo sobre o Complexo de Édipo, ela ganha novas considerações. Esse caminho começa a ser trilhado por meio do artigo *Totem e tabu* (2012). Nesse artigo, Freud estudou os aborígenes australianos com intenção de explorar suas vidas psíquicas e compará-las aos neuróticos com o intuito de entender as proibições morais e tradicionais dos homens. Reparou que eles tinham costume de impedir relações sexuais incestuosas e faziam isso por meio de um sistema do totemismo. Esse sistema consistia em tribos divididas em clãs e todas elas eram nomeadas com um totem, que poderia ser um animal, planta ou força da natureza. Os membros do mesmo totem não podiam ter relações sexuais e nem se casar.

A essência do totemismo seria o tabu, uma palavra de origem polinésia, que se baseia em proibições sem fundamentação. O tabu funcionava em pessoas ou coisas e era transmitido por contato. Aquele, por exemplo, que violasse uma proibição, adquiriria as características do que era proibido. O tabu foi ao mesmo tempo perigoso e sagrado. Freud explica a gênese do tabu a partir da neurose. As proibições incidiam em atividades em que havia uma intensa propensão e elas perpetuavam de geração para geração. O desejo de fazer a coisa proibida se mantinha de forma inconsciente, e em contrapartida aparecia um poderoso temor (Freud, 2012).

Os povos ditos primitivos acreditavam no animismo, ou seja, para eles os espíritos eram responsáveis por processos naturais, e os animais, as plantas e também as coisas inanimadas eram movimentadas por esses espíritos. A teoria animista originou-se da tentativa desses povos de explicar os sonhos e a morte. Eles transferiram para os objetos exteriores as relações estruturais da sua psique. O animismo veio antes da religião e da ciência e expressou-se por meio da onipotência de si, numa superestimação do pensamento para explicar todos os acontecimentos (Freud, 2012).

Freud (2012) compara a onipotência desses povos à fase do narcisismo, em que o homem toma a si mesmo como objeto sexual. Afirma ainda que encontrar os processos psíquicos fora de si é característico da paranoia e que a ideia seria buscar um alívio psíquico, visto a impossibilidade de se manter a onipotência. Para tanto, ele dá o exemplo da morte. Foi diante da morte que o sobrevivente cedeu uma parte de sua onipotência aos espíritos. Mesmo

com a evidente superioridade da morte, todo o movimento do homem chamado de primitivo seria buscar uma maneira de negá-la. A teoria das almas e espíritos conduziria a ideia do duplo, isto é, duas partes divididas de uma mesma composição. Freud destaca o material projetado com uma parte consciente, que é alcançável pelo sentido e uma outra inconsciente, onde algo estaria latente (Freud, 2012).

Ainda sobre a morte, agora relacionada à concepção da vida, Frazer, citado por Freud (2012), foi um dos que alcançou uma relação entre os instintos sociais e as instituições totêmicas por meio da publicação acerca da nação Arunta. Esses indivíduos não relacionavam o ato da concepção ao ato sexual. A mulher ficava grávida porque um espírito entrava no seu corpo. Esse espírito estava na estação mais próxima onde ela se encontrava, aguardando por seu renascimento. Seu totem era definido a partir da fantasia da mulher quando se sentia grávida. Ela pensava num totem e ele incorporava a forma humana. Frazer questionou se o totemismo teria se originado da incerteza sobre a reprodução e principalmente ao papel dos homens na concepção. O chefe e sua presença em nome, por meio do totem, é o que regulava todo o curso da existência da tribo. A recusa em se alimentar de um animal ou planta totêmica foi aquilo que representou o homem, caracterizando a recusa em comer o semelhante ou a si próprio, como o modo de agir que o distanciou da selvageria.

O totemismo estaria ligado à exogamia e Freud (2012) chega a isso a partir do horror do incesto. Fala desse horror ligado a uma hipótese de Darwin sobre o pai da horda. Nessa teoria, os símios superiores se dividiam em pequenos grupos, cada um deles com a quantidade de fêmeas que eles podiam sustentar e se protegiam contra todos os outros machos. Ou, num outro possível formato, em que viveriam sozinhos, expulsariam os machos mais fracos e, após alcançarem a maturidade, disputariam o domínio, restando um líder. Aqueles machos expulsos ficariam impedidos de se unir a uma parceira consanguínea por ciúmes do líder. Expulsos da horda, eles fundariam suas próprias hordas, onde prevaleciam as mesmas proibições sexuais que se tornariam lei.

O totem seria então, do ponto de vista freudiano (2012), denominado pelo ancestral e pelo pai primeiro. Ter o pai como rival, acrescentado ao desejo sexual pela mãe, seria o que Freud nomeou como complexo de Édipo. O desejo sexual pela mãe e a hostilidade pelo pai são recalçados por medo da castração e retornariam como sintoma. A criança fóbica, por exemplo, tem o sentimento hostil pelo pai deslocado para um animal, assim como no homem denominado de primitivo o sentimento de hostilidade ao pai teria sido deslocado para o totem. Em ambos os casos apareceriam o sentimento de medo e ao mesmo tempo o respeito e a importância pela

figura paterna. Sendo assim, o totem teria designado duas leis: não matar o totem e não ter relações sexuais com uma mulher do totem. Foram justamente esses os dois crimes do Édipo.

Freud (2012), citando Atkinson, construiu uma hipótese para justificar o horror ao incesto e o início da organização social. Essa hipótese se basearia na refeição totêmica, em que o animal totêmico era sacrificado em uma cerimônia e sua carne e sangue eram divididos entre os que faziam parte do clã com intuito de produzir uma conexão sagrada. Os povos ditos primitivos acreditavam que, nesse ato, a vida do animal sacrificado seria incorporada ao grupo. Inclusive, em épocas mais antigas, era necessário que houvesse uma vítima sagrada. Matar o animal em grupo livrava a todos da responsabilidade pela morte, assim como o ritual era marcado pela ruptura com a proibição. O ritual expressaria o Complexo de Édipo pelo sistema totêmico, vindo a marcar a ambivalência pela figura paterna.

Assim sendo, Freud supôs o início da sociedade resgatando a horda primeva de Darwin. Segundo ele, os irmãos teriam sido expulsos da horda, depois mataram e devoraram o pai para se apropriar de sua força, entretanto sentiram culpa. Aquilo que antes era proibido pelo pai se manteve proibido. Eles elegeram o totem substituto do pai e mantiveram os dois tabus. Eles mantiveram os tabus marcados pela culpa e arrependimento. Preservar o poder do pai e sua lei foi uma maneira de impedir a desordem social, visto que a liberdade conquistada de ter todas as mulheres resultaria na luta de todos contra todos pelo poder. Vale dizer também que aquele poder anteriormente presente na figura do pai seria impossível de alcançar. A religião totêmica teria sido o início das religiões e as organizações sociais. Quando Freud abordou (2012) o Complexo de Édipo nesse último estudo, ele o fez baseado na sua pré-condição narcisista, ou seja, no temor da castração.

Em 1908, no texto *Sobre as teorias sexuais das crianças*, Freud usa pela primeira vez o termo complexo de castração (2006t). Para explicá-lo, Freud (2017e) afirma que, no desenvolvimento sexual da criança, há uma fase em que o interesse pelo genital masculino ganha papel de destaque. Essa fase seria a que ele denominou de fálica, que é contemporânea ao Complexo de Édipo. Além do interesse pelo pênis, a criança também manipula seu órgão sexual e sofre retaliação dos adultos com ameaça de castração, no caso dos meninos. Eles sofrem essas ameaças na maioria das vezes por mulheres, mas o castigo é encaminhado ao pai ou ao médico. Porém, o menino não leva a sério a ameaça num primeiro momento.

É a partir da visão do órgão genital feminino, segundo Freud (2017e), que a castração se tornaria possível e, em decorrência disso, a ameaça dita anteriormente ganharia efeito. Nesse tempo, a criança está às voltas com o desejo de ocupar o lugar de um dos seus progenitores na relação conjugal em dois possíveis formatos. Na forma ativa, a criança deseja ocupar o lugar

do pai e na sua forma passiva deseja ocupar o lugar da mãe. Percebe que o pênis desempenha um papel na conclusão dessa relação amorosa, colocando-a num conflito entre o interesse narcísico e o investimento libidinal objetal. Para proteger seu genital, a criança, então, abriria mão do investimento no objeto e se identificaria com o pai, internalizando a proibição do incesto, formando o núcleo do Super-Eu, protegendo o Eu contra o retorno do investimento ao objeto, e possibilitando que essa libido seja dessexualizada e transformada num processo de identificação aos objetos parentais.

Na menina, o clítoris funciona inicialmente como um pênis e ela percebe, na comparação com os coleguinhas, que o seu estaria menor e tenta se consolar acreditando que adquiriria um maior quando crescesse. No entanto, a sua conclusão passa a ser a de que ela tinha um grande e perdeu, ou seja, foi castrada. Nesse caso, o núcleo do Super-Eu seria resultado da educação que a ameaçaria com a perda do amor e o Complexo de Édipo seria abandonado porque o desejo nunca se realizaria (Freud, 2017e).

Em 1908, Freud (2006t), mencionou que havia observado que as crianças ficam curiosas quanto à sua origem diante de um irmãozinho ou quando elas percebem novas crianças em outros lares. Embora elas se frustrem quando seus pais não lhes respondem ou quando eles respondem com explicações mitológicas acerca de tal assunto, elas não vão a fundo com seu interesse porque, segundo Freud, se elas seguissem as pistas, elas alcançariam a relação com a diferença entre os sexos, o que levaria à descoberta da vagina e, em sequência, ao complexo de castração.

No texto *Fetichismo* de 1927, Freud (2017f) aponta que a criança pode se recusar a saber que a mulher não possui pênis. Nesse caso, a escolha objetal na vida adulta seria induzida pelo fetiche. O fetiche ocuparia o lugar do pênis perdido da mãe. Ele surgiria no lugar do desaparecimento do falo da mulher. Haveria um alcance da percepção, exigindo um dispêndio de energia para recusá-la. No inconsciente, se formaria um compromisso entre o abandono da percepção e a conservação na convicção do falo na mulher. Aqui, Freud usa o termo *Verleugnung*, que é traduzido como desmentido, mas que nesse texto estaria como “recusa da realidade” para se contrapor ao *Verdrängung* (recalcamento) presente na neurose e a *Verwerfung* (rejeição) presente na psicose. O termo “recusa” frisa a junção do saber e ao mesmo tempo do não saber.

É no texto *História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”)*, de que Freud (2010a), traz um caso de rejeição da castração. Ao relatar a história do caso clínico, afirma que um paciente rejeitava a castração e se apegava à teoria da relação sexual pelo ânus. “Ao dizer que a rejeitou, o significado imediato da expressão é que não quis saber dela, no sentido de que

a recalcou. Com isso não se pronunciava um juízo sobre sua existência, mas era como se não existisse” (Freud, 2010a, p.75). Sobre esse caso, Freud menciona uma alucinação:

Quando eu tinha cinco anos, brincava no jardim ao lado de minha babá e com meu canivete fazia um corte na casca de uma das noqueiras que também aparecem no meu sonho. De repente notei, com terror indizível que havia cortado o dedo mínimo da mão (direita ou esquerda?), de forma que ele estava preso somente pela pele. Não sentia nenhuma dor, mas uma grande angústia. Não me atrevi a dizer nada à babá, que estava a poucos passos de distância; caí sobre o banco mais próximo e lá fiquei sentado, incapaz de olhar uma vez mais para o dedo. Finalmente me tranquilizei, dei uma olhada no dedo, e vi que estava ileso (Freud, 2010a, p.76).

O Complexo de Édipo desde *Totem e Tabu* chega para o sujeito como aquilo que o organiza. A forma como o sujeito lida com a castração é o que dita como será seu adoecimento psíquico e como será sua relação com a realidade.

1.8 Tipos de adoecimento

Como adoeceria um sujeito que rejeita a castração? Em 1912, em *Sobre tipos neuróticos de adoecimento*, Freud admite que o destino da libido é o que dita o estado de saúde e doença (2017d). Menciona a importância de considerar a disposição à neurose relacionada às condições implicadas no desenvolvimento sexual e à influência do mundo exterior vivido na infância. Freud marca assim a distinção dos adoecimentos com base no destino da libido diante da frustração e é bem possível presumir a partir dessas distinções que ele estava apontado direções sobre o adoecimento neurótico e psicótico.

Segundo ele, no primeiro tipo, que poderíamos classificar como neurótico tem-se um impedimento de um fator externo que coloca o indivíduo impelido a trocar a tensão psíquica por uma satisfação no mundo exterior ou sublimar, que consistiria em mudar a finalidade da libido. Por meio da fantasia, a libido regressaria e o indivíduo conseguiria reviver a qualidade do desejo de infância e agiria a partir desse propósito. A fantasia e a realidade compõem o conflito que desencadeia o sintoma, resultando em formações substitutivas e é por meio delas que o indivíduo atinge a realidade.

No segundo tipo, que poderíamos chamar de psicótico, o indivíduo tentaria encontrar a satisfação na realidade se moldando a ela. Segundo Freud (2017d), o sujeito sofreria pela insistência de manter as ambições do Eu e não conseguiria superar os obstáculos internos. As fixações da libido seriam rígidas a tal ponto que não conseguiriam sofrer deslocamento. Devido a essa rigidez, Freud sugere nesse segundo tipo de adoecimento que as fixações patogênicas já funcionariam nos tempos de saúde do indivíduo e que a introversão da libido sofreria pouco efeito porque o desenvolvimento ainda não havia sido finalizado. No primeiro adoecimento, o indivíduo sofreria pela perda do ideal, enquanto no segundo por tentar mantê-lo.

No segundo adoecimento, de acordo com Freud (2017d), pode aparecer uma forma mais exacerbada que ele considera como terceiro tipo, decorrente do processo de amadurecimento. O indivíduo entraria em conflito por ter expectativas de superar as fixações infantis, porém sentiria dificuldades. Haveria ainda um quarto tipo de adoecimento, que Freud observa em situações em que aparentemente não ocorreria nenhuma modificação no mundo exterior, mas por processos biológicos, nos quais ele sugere haver uma intensificação da libido que poderia justificar o adoecimento. Ele cita a puberdade e a menopausa como exemplos. Com a alta intensidade da libido, haveria uma incompatibilidade em relação ao que o mundo pode corresponder. Freud reitera, nesse texto, entretanto, que essa intensidade da libido não seria relativa ao valor quantitativo em si, mas ao que o Eu consegue dominar, e isso pode ser influenciado pelo estado do Eu, ligado a uma circunstância ou adoecimento.

Segundo Freud (2017d), o doente pode viver os quatro tipos de adoecimento em momentos distintos, e cada um deles pode ser desencadeado por uma determinada causa, assim como esses adoecimentos podem também aparecer em sua forma pura, embora o autor reforce que o decisivo seria o fator quantitativo, agora, relacionado ao Eu.

É no texto *Neurose e Psicose*, de 1924, que o autor afirma notadamente as diferenças entre psicose e neurose (2017a). Na neurose, o Eu se defende da pulsão provinda do Isso, utilizando o mecanismo do recalque, encontrando satisfação e expressão por meio de uma representação substitutiva, que se forma a partir da conciliação entre essas duas instâncias configurando o sintoma. O Eu se põe a lutar contra esse sintoma.

Na psicose, aparece o delírio, que é uma rachadura na relação do Eu com o mundo externo e que impõe ao Eu reconstruir o próprio mundo baseado nas pulsões do Isso. Segundo Freud (2017a), a causa tanto da neurose quanto da psicose é decorrente de frustrações baseadas nos desejos de infância que não foram realizados e que persistem. Freud menciona, no final desse texto, assim como fez em outro momento na sua obra, que na psicose haveria um mecanismo diferente, embora semelhante ao recalque. No texto *A organização genital infantil*:

uma interpolação na teoria da sexualidade, ele afirma numa nota de rodapé que, no período da infância, em que a atenção das crianças se direciona ao órgão sexual masculino, e na possibilidade da constatação do órgão sexual feminino, há, no lugar de um reconhecimento da diferença sexual, a sua anulação (*Leugnen*) (Freud, 2006u).

Freud (2017b) marca a diferença do adoecimento neurótico e psicótico a partir de um exemplo no texto *A perda da realidade na neurose e na psicose*. Uma paciente que desejava o cunhado pensou depois, da morte de sua irmã, que ele estaria livre para ficar com ela. A cena foi esquecida porque o amor pelo cunhado foi recalcado. Freud diz que se fosse um caso de psicose, a paciente teria recusado (*Verleugnen*) a morte da irmã. Nesse texto, ele usa esse termo para se referir à psicose, e não à perversão, como depois fez no *Fetichismo*.

Segundo Freud (2017b) há, tanto na neurose quanto na psicose, duas etapas, uma primeira que objetiva afastar o Eu da realidade e uma segunda que é a tentativa de restabelecer relações com ela. Na neurose, com a instauração do princípio de realidade, o prazer persiste por meio da fantasia, como uma fonte secreta que ficaria protegida do princípio de realidade. É um processo que se dá em nível simbólico.

Na psicose, há uma alteração autoplástica nos representantes psíquicos que até então faziam parte da psique. Nesse caso, exige-se do indivíduo a tarefa de buscar novas percepções que correspondam à nova realidade, que seriam alcançadas pelas alucinações. A alucinação e o delírio trariam angústia ao indivíduo porque o fragmento de realidade rejeitado insiste em vir à tona, assim como o que foi recalcado insiste em atingir a consciência do sujeito na neurose (Freud, 2017b).

No final do texto *Fetichismo*, ele acrescenta um ponto além daquele marcado no texto *Neurose e Psicose*, quando afirmou que o Eu na neurose recalca uma parte da pulsão do Isso enquanto na psicose o Eu se deixa levar pelo Isso, desvinculando-se da realidade (Freud, 2017a, 2017f). Para tanto, Freud analisou o caso de dois meninos que não assimilaram a morte do pai e, segundo ele, não poderia se tratar de um caso de psicose, porque uma parte da realidade foi mantida. Assim como o fetichista, haveria no psiquismo outra parte que reconheceria a realidade.

Entretanto, em 1914, em *À guisa de introdução ao narcisismo*, (Freud, 2004b) já havia alertado para três tipos de manifestações na parafrenia: a primeira em que ele constata uma certa normalidade com resquícios de neurose, a segunda que corresponde ao próprio adoecimento, em que se perderia a relação com os objetos por meio do delírio de grandeza, a hipocondria e todas as regressões; e a terceira e última manifestação que tem a ver com o retorno aos objetos. A parafrenia poderia se efetuar por meio do mesmo processo que ocorre na histeria,

nesse caso seria referente à *dementia praecox*. E o que ocorreria na paranoia seria semelhante ao que acontece na neurose obsessiva. Em 1911, quando ele menciona o caso Schreber, afirma que o paranoico constrói seu mundo de novo, de maneira a poder viver nele e faria isso utilizando seus delírios (Freud, 2010b).

O percurso até aqui teve como objetivo chegar até o mecanismo da *Verwerfung* e apontar como Freud, desde o começo de seu trabalho com a psicose, já vinha trabalhando minuciosamente nesse mecanismo que determina o funcionamento psíquico do sujeito psicótico. No final desse capítulo Freud menciona que o sujeito na psicose pode caminhar sem viver uma entrada na psicose, pode ter entradas na psicose, e ainda que tenha suas entradas, ele pode viver suas saídas.

O caso Schreber mencionado no final será desenvolvido no próximo capítulo. Com base nele será possível ilustrar o que seria a construção da própria realidade e o que isso tem a ver com o Eu.

Capítulo 2 – O Eu na psicose a partir de Freud: a armação que se desfaz

“Eu sinto em alguns momentos que as pessoas que eu conheço passam a ser estranhas, como se eu nunca as conhecesse. Quando é assim, eu preciso me afastar, fico afastada mais ou menos um dia pra saber o que é meu e o que é do outro. Porque se eu não faço essa separação, o meu Eu aparece de fora e isso é muito estranho” (citação de paciente).

2.1 A (des) integração do Eu

A partir deste capítulo, o presente estudo vai em direção ao Eu e isso será feito valendo-se do aparelho psíquico. Estudar a formação do Eu se faz imprescindível, visto que é a partir dele que podemos pensar na questão da psicose, porque haveria um investimento da libido no Eu em detrimento da libido nos objetos, já introduzido no capítulo anterior.

O Eu tem seu início no pré-consciente, que é ligado aos resquícios mnêmicos que se prolongam ao Isso e uma parte se funde a ele. O Eu é a parte do Isso que foi influenciada pelo mundo externo através do pré-consciente e se esforça por substituir o princípio do prazer pelo princípio da realidade (Freud, 2006v).

As superfícies do aparelho psíquico são projeções da superfície do corpo. As sensações do corpo se originam por vias externas ou internas; o próprio tato traz essas duas percepções. A dor também é uma maneira pela qual se obtém conhecimento dos órgãos e é um meio de se chegar à ideia de corpo. “O ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal, não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície” (Freud, 2006v, p. 39).

No *Projeto para uma psicologia científica*, Freud (2006k) aborda sistematicamente esse processo de corporeidade do Eu. Embora seja um artigo que o próprio Freud abandonou pelos conflitos suscitados em sua produção e por se tratar de uma abordagem quantitativa e médica, ele será resgatado no meio das correspondências com Fliess cinquenta anos depois de sua produção e é possível perceber o quanto das ideias que ali nasceram progrediram em sua obra. Para chegar ao Eu, nesse trabalho, ele inicia abordando o organismo.

O organismo receberia estímulos endógenos que precisam ser descarregados e cessariam a partir de realizações no mundo externo. O organismo abandonaria a inércia e agiria no sentido de produzir uma ação específica. Ele tende a manter a quantidade da magnitude intercelular o mais baixo possível e, nesse sentido, produziria uma função secundária do sistema nervoso central que tem como objetivo o contrário do descarregar.

A partir de então, forma-se uma estrutura nos neurônios que funciona como barreira de contato, trazendo uma melhor condução a carga. Existem duas classes de neurônios. Uma que é influenciada de forma permanente pela excitação e outra que seria imutável. Aqueles que sofrem alterações representam a memória e aqueles imutáveis são ligados à percepção. As barreiras de contato permitem aos neurônios da memória ser conduzidos mais facilmente, assim como os da percepção. E essa facilitação é possível a partir da memória da experiência. Freud fala da magnitude da impressão ou frequência dessa impressão (Freud, 2006k).

Os neurônios da percepção são atingidos pelos estímulos externos e os da memória são aqueles que recebem excitação endógena. Os da percepção atuam na recepção do estímulo com a finalidade de atenuar a quantidade de magnitude do mundo externo funcionando como telas. Dessa forma, as grandes quantidades externas ficariam afastadas da percepção e das memórias pelas telas. Esse mecanismo, no entanto, pode sofrer uma falha, que é ocasionada pela dor. Nesse caso, haveria um aumento da magnitude externa que poderia derrubar as barreiras de contato na memória, que se comunica com os neurônios da percepção. Um segundo mecanismo age no sentido de impedir que os neurônios da memória recebam grandes quantidades de estímulo, fazendo com que ela se torne fracionada e correspondente à magnitude de um estímulo celular, numa produção contínua de estímulos endógenos, que se transformam em estímulo psíquico de forma periódica. Sendo assim, a barreira de contato passaria a ser mais alta que as vias endógenas de condução (Freud, 2006k).

Um acúmulo nos neurônios da memória produziria uma propensão à descarga pela via motora, causando uma alteração interna ou uma expressão de emoção, em forma de tensão. O estímulo só cessaria se houvesse uma suspensão da descarga no interior do corpo, o que demandaria uma alteração no mundo externo. O organismo humano não é capaz de executar essa ação; isso seria possível por meio de uma ajuda de outro. Essa ajuda alheia corresponde a uma pessoa experiente que se volta para esse estado infantil. (Freud, 2006k).

Quando a pessoa que ajuda executa o trabalho da ação específica no mundo externo para o desamparado, este último fica em posição, por meio de dispositivos reflexo, de executar imediatamente no interior do seu corpo a atividade necessária para remover o estímulo endógeno (Freud, 2006k, p. 370).

Por meio desse outro, é possível que se efetue uma carga permanente, eliminando a urgência que causou desprazer nas sensações conscientes, além de produzir neurônios que correspondam à percepção do objeto nos neurônios que são catexizados a partir daqueles da

percepção e, em outros pontos desses neurônios, façam chegar informações sobre a descarga do movimento reflexo liberado (Freud, 2006k).

O Eu, dessa maneira, é definido a partir da totalidade das catexias existentes em determinado momento e isso seria influenciado pelas experiências de dor e afeto. O Eu deve inibir os processos psíquicos primários, pois surgirão frações na quantidade de magnitude intercelular que são superiores às barreiras de contato, e o próprio Eu deve funcionar como um inibidor do curso dessas quantidades. Quando ocorre o estado de desejo, por exemplo, o Eu catexiza a lembrança do objeto. O sistema de neurônios da memória é incapaz de distinguir o objeto de uma ideia imaginária. Os neurônios provenientes das sensações conscientes fornecem indicação da realidade, que elas aprendem biologicamente a aproveitar. Se o objeto desejado é catexizado de forma excessiva, ele pode ser ativado de maneira alucinatória e produzir o mesmo sinal de descarga que a percepção externa. Com a inibição do Eu, é possível uma diferenciação na percepção e na lembrança, conduzindo a um processo em que não há uma produção de quantidade intensa de estímulo para se obter uma indicação de qualidade quanto a proveniente do exterior, mas que ao mesmo tempo mantenha seu valor (Freud, 2006k).

Sendo assim, a indicação da realidade dependeria dessa experiência que ele chamou aqui de biológica. Os neurônios das sensações conscientes estão vinculados aos órgãos sensoriais. A alucinação ocorre quando a catexia do desejo se eleva envolvendo o dispêndio total das defesas e a completa produção de desprazer, caracterizando os processos psíquicos primários. Os processos psíquicos secundários são possíveis pela inibição do Eu que permite uma indicação correta dos sinais da realidade (Freud, 2006k).

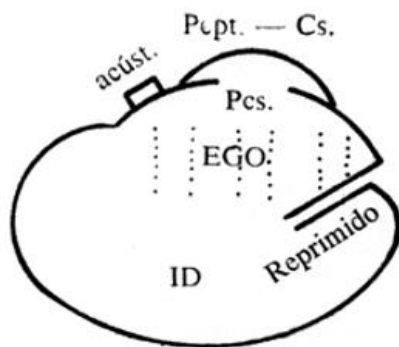
Assim, o bebê, quando vive a experiência prazerosa no ato de mamar, constrói a imagem mnêmica do seio materno. Quando há uma catexia do desejo, surge uma imagem perceptiva que não corresponde àquela produzida. O desejo da criança desperta um interesse de produzir um elo dessa imagem com aquela pertencente ao desejo e faz isso por meio do conhecer. O primeiro objeto que compõe a percepção é um outro humano e é por meio dele que o sujeito aprende a conhecer. Assim sendo, as lembranças dos movimentos experimentados por ele mesmo coincidem com as lembranças que o sujeito tem do seu próprio corpo. Conclui-se então que o Eu conhece o corpo pelo desejo (Freud, 2006k).

Em 1920, no *Além do princípio do prazer*, Freud (2006n) fala como o corpo se formaria. Segundo ele, existe no psiquismo uma superfície voltada para o exterior que serviria para o recebimento de estímulos. Os estímulos externos que colidem com a superfície do corpo seriam modificados à medida que alcançam camadas mais profundas, tornando mais favoráveis os recebimentos de estímulos. Essa superfície se diferenciaria e serviria como um órgão. Conforme

o desenvolvimento do organismo, a camada que antes se localizava no córtex passa a assumir o corpo e a funcionar como órgão dos sentidos, como proteção contra excessos de estimulação e exclusão de estímulos inapropriados.

Partindo desse desenvolvimento do Eu, é importante frisar que Freud constrói o desenho do Eu em dois momentos. Em 1923, (Freud, 2006v), no *Ego e o Id* (Figura 5); e no ano de 1933[1932], Freud (2006l), em *A dissecação da personalidade psíquica* (Figura 6). Ele destaca no segundo desenho a fusão do Supereu no Isso e a abertura do Eu na parte inferior, que no primeiro desenho era fechada. Essa abertura indica a continuidade do Isso e de suas pulsões com o corpo e com as necessidades biológicas, ressaltando uma descontinuidade na superfície. Isso vem a confirmar que o Eu não se constitui como envelope total do psiquismo e o Isso se prestaria a ocupar esse lugar. Existe uma dupla tensão entre continuidade e descontinuidade da superfície psíquica, que está ligada às inclinações do Eu, Isso e Supereu.

Figura 5
O Eu (O ego e o Id)



Freud (2006v)

Figura 6
O Eu (A dissecação da personalidade psíquica)



Freud (2006l).

Partindo desse ponto de vista, Freud (2006m) afirma que é função do Eu lidar com as exigências dessas três instâncias psíquicas e ao mesmo tempo se conservar e manter sua autonomia. O Eu se desenvolveu a partir da camada cortical do Isso, que está diretamente ligada ao mundo externo e por onde recebe e exclui os estímulos, tornando o Isso cada vez mais influente a ele. Assim, transforma a energia antes móvel em energia ligada, correspondente ao estado pré-consciente, produzindo uma ação que satisfaça a exigência da pulsão. Essa transformação é mediada pelo pensamento que se orienta a partir de experiências anteriores, como já introduzido no *Projeto para uma psicologia científica*.

Dessa forma, o Eu decide se uma satisfação deve ser concluída ou não, ou se será necessário que a exigência pulsional seja extinta por representar perigo. O Eu é o responsável pela segurança e é por meio de sensações de ansiedade que fazem alerta aos perigos que

ameaçam a sua integridade. Caso haja uma estimulação excessiva, o Eu pode sofrer uma destruição na sua organização e voltar a ser parte do Isso. Os estados patológicos estão ligados ao enfraquecimento do Eu. Na psicose, o Eu sente a realidade aflitiva e produz uma divisão (split) psíquica. Uma leva em conta a realidade e outra não, e essa última é predominante (Freud, 2006m).

Partindo desse ponto, teríamos como referência o que foi abordado no primeiro capítulo quando foi mencionada a relação dos sonhos com as doenças mentais em 1900 em *A interpretação dos Sonhos*. Em 1917[1915], no *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos*, Freud (2006w) diz que, no ato de dormir, os seres humanos colocam de lado os invólucros com que envolvem sua pele e suas aquisições psíquicas, aproximando-se do estado do começo da vida. Aqui, ele fala da regressão temporal, que afeta tanto o desenvolvimento do Eu e quanto a libido. A etapa da satisfação alucinatória dos desejos corresponde ao desenvolvimento do Eu e o narcisismo primário à libido.

O estado narcisista do sonho reduz as catexias dos sistemas inconscientes e pré-conscientes com uma brecha que permite aos pensamentos pré-conscientes manterem uma parcela de catexia. O desejo onírico consiste na pulsão inconsciente que se formou no pré-consciente como uma fantasia que satisfaz o desejo. Nos sonhos, assim como nos delírios, temos um processo em que há uma reversão do curso da excitação do pré-consciente para inconsciente através da percepção, com uma diferença importante entre eles. Nos sonhos, os pensamentos são transformados em imagens e as palavras voltam a se ligar às coisas que lhes correspondem; essa predominância de catexias no inconsciente leva ao processo psíquico primário, que equivale ao conteúdo manifesto do sonho. Na esquizofrenia, o que se torna modificado pelo processo psíquico primário não é esse retorno das palavras às coisas e sim as próprias palavras. Nos sonhos, teríamos uma regressão topográfica, enquanto na esquizofrenia a comunicação entre as catexias da palavra e da coisa se romperia, diferentemente da elaboração dos sonhos, em que o caminho é sempre dos pensamentos latentes aos elementos oníricos, da palavra à coisa, do consciente à percepção sensorial (Freud, 2006w).

Outra diferença importante consiste no teste da realidade. O processo onírico compreende a transformação da fantasia em percepção sensorial, transformando o desejo em alucinação. Freud (2006w), a partir disso, compara os sonhos à amentia de Meynert, dizendo que os delírios são “uma fantasia carregada de desejo claramente reconhecível, com frequência inteiramente bem ordenada como um perfeito devaneio” (Freud, 2006w, p. 236). Ele aponta ainda que existiriam sonhos que não são fantasias distorcidas, aparecendo na sua forma própria.

No entanto, diferentemente da regressão nos sonhos, ocorre na psicose⁴ uma falha do teste da realidade.

No início da vida psíquica, como mencionado antes, o indivíduo alucina o objeto que o satisfaria, mas, por não encontrar satisfação, ele cria percepções cheias de desejos e seria capaz de distingui-las de uma satisfação real por meio do teste de realidade. Quando o indivíduo ainda é desamparado, ele separa o mundo externo e interno a partir das percepções. Aquelas que desaparecessem por meio de uma ação muscular seriam as externas e aquelas que não desaparecessem seriam as internas. Acontece que quando as exigências pulsionais são intensas, o indivíduo as projetaria para fora para ter um meio de lidar com elas (Freud, 2006w). Projetar para fora é um mecanismo de defesa já apontado por Freud relativamente à paranoia e se assemelharia ao recurso tosco utilizado pelo desamparado que o colocaria, assim como o paranoico, numa condição frágil.

Nesse sentido, Freud (2006w) aponta a relação do Eu com o teste de realidade. Ele afirma que o sistema consciente é aquele que tem a função de distinguir o que pertence ao organismo e o que pertence à realidade, mas afirma que é um sistema que foi pouco trabalhado e atribui a função de teste de realidade ao Eu. A psicose compreende uma perda que o Eu não considera, por sentir que ela é insuportável. Para romper com essa realidade, ele suprime o investimento do sistema consciente ou passa a funcionar de um modo especial que ele mesmo afirma ser um objeto de investigação. A partir de então, as fantasias de desejo irrompem no sistema e passam a ser reconhecidas como realidade. Dessa forma, o Eu se separaria de um dos seus órgãos. No estado de sono, todo o movimento de supressão dos sistemas consciente, pré-consciente e inconsciente respondem ao desejo de dormir. Existe um processo voluntário em que as excitações por meio do processo de regressão e sem investimento no consciente chegam como realidade incontestada. Já na psicose, isso ocorre porque o Eu se desintegrou e o teste de realidade não impede a alucinação.

2.2 A ameaça ao Eu

A desintegração do Eu é associada ao que é sentido como insuportável. Mas o que significa isso? Em 1926, em *Inibição, Sintoma e Angústia*, Freud (2014) retoma o caso do pequeno Hans e do homem dos lobos para dizer que na fobia tanto de Hans como do homem dos lobos, o sintoma estaria ligado ao medo do pai. Os animais que eles temiam substituíam o

⁴ A referência à psicose aqui é a amentia de Meynert. Freud afirma haver uma diferença no processo da esquizofrenia e amentia e destaca o pouco aprofundamento no estudo da esquizofrenia.

pai. No caso desse último, era um medo de ser devorado pelo pai. O autor esclarece que ser devorado pode ser resultado da substituição expressiva da regressão do impulso genitalmente passivo de ser tomado como objeto de amor do pai ou da própria regressão do impulso. Nos dois casos, o motor que levou ao recalque teria sido o medo de ser castrado pelo pai. No pequeno Hans, isso apareceu pelo medo do cavalo morder seu genital e no homem dos lobos por ter que sacrificar seu objeto genital para ser objeto sexual do pai.

Nesse sentido, Freud (2014) salienta que o afeto da angústia é um medo realista diante de um perigo considerado real. Nesses casos, aquilo que ele designou como referente a situação de perigo, é o medo pertencente ao inconsciente, isto é, o perigo é pulsional, traduzindo-se como medo de ceder aos impulsos eróticos.

É importante frisar que, segundo Freud (2014), o medo da castração é um medo de aniquilamento, não podendo ser encontrado nada equivalente no inconsciente e que aquilo que mais se aproximaria dessa ideia de castração seria a morte. A morte não é algo possível de apreender, mas “a situação a que o Eu reage é a de ser abandonado pelo Super-eu protetor – pelas forças do destino -, de modo que não há mais segurança contra todos os perigos” (Freud, 2014, p. 52).

O autor coloca (2014) a castração como concepção de perda e separação. O nascimento seria a primeira experiência nesse sentido, levando a castração da mãe que havia produzido a equivalência do filho no lugar do pênis. Reitera que nesse momento o bebê não tem essa percepção de perda da mãe porque nessa fase não é possível ainda ter a mãe como objeto. Prefere dizer que a angústia é uma situação em que há um rompimento de excitação e nos próprios meios de descarga dessa excitação, referindo-se ao nascimento como a primeira experiência desse tipo.

Freud (2014) afirma que desde o nascimento existiria uma predisposição à angústia, mas que ela só aparece no bebê quando ele já tem um desenvolvimento psíquico, e estaria ligada à perda da mãe porque ela satisfaz suas necessidades. Na fase fálica, a angústia está ligada à separação do genital. O pênis seria uma possibilidade de reunificação com a mãe por meio do ato do coito com uma substituta da mãe. A perda do pênis seria como reviver a separação e os desamparos ligados a essa perda. Com o desenvolvimento da criança, surgem novas situações de perigo e, no lugar do medo da perda do objeto materno, surge o temor do Super-eu que aparece como consciência moral. Na forma seguinte de angústia, o Super-eu é projetado ao domínio do destino, levando o indivíduo a temer a morte.

2.3 O real em Freud

No conto “O homem da areia” de Hoffmann, Freud (2019) aborda como o medo pode se transformar em delírio. A história é contada a partir das vivências de Nathanael,⁵ e o escritor não deixa claro se é baseada na realidade ou nas fantasias desse personagem. Nathanael é uma criança que liga a morte do pai ao conto do Homem da areia. Algumas noites a mãe se utilizava da ameaça do homem da areia para fazê-lo dormir. A babá da criança contou-lhe:

Trata-se de um homem mau, que aparece para as crianças, quando elas não querem ir dormir, lançando a mão cheia de areia nos olhos delas, de tal modo que os olhos, sangrando, saltam da cabeça; ele os recolhe num saco, levando-os, para a lua minguante, para alimentar suas crias; estas moram num ninho e têm bicos curvos, como as corujas, e, com eles, comem os olhos das criancinhas mal comportadas (Freud, 2019, p. 53).

Segundo Hoffmann (2019), Nathanael acredita que Coppelius, advogado do seu pai, seria o homem da areia. Em uma das visitas do advogado, Nathanael, alimentado pela curiosidade, se esconde no gabinete do seu pai atrás de uma cortina. Ele vê o pai e o homem da areia abrindo uma cavidade profunda onde antes parecia ser um armário, e dali saiu um fogão. O homem da areia colocava uma substância avermelhada, retirava e martelava. Surgia então, rostos humanos sem olhos e horríveis. O Homem da Areia então grita para a criança escondida atrás da cortina: “Dê-me os olhos, dê-me os olhos!” (Hoffmann, 2019, p. 228). Puxa-o e atira-o sobre o fogão, mas o seu pai implora que não tire os olhos de Nathanael. Ele cede ao pedido, mas começa a brincar com as suas mãos e pés como se fosse um boneco contraindo seus ossos e nervos. Ele desmaia e fica doente por semanas. Após um ano, Coppelius volta ao escritório do pai e ocorre uma explosão, e quando Nathanael chega até o local, depara-se com o fogão esfumaçado, o pai morto e Coppelius desaparecido.

Hoffmann (2019) relata que, na juventude Nathanael, reconhece o Homem da Areia em Giuseppe Coppola, um oculista que lhe vende um monóculo. Por meio desse monóculo, ele consegue ver, no apartamento em frente, Olímpia, um autômato por quem se apaixona. O apartamento da frente era de Spalanzani, seu professor de física e Olímpia era sua filha, que ele

⁵ Segundo Dunker (2019) o autor do conto Ernst Theodor Amadeus Wilhelm Hoffmann tinha como marca literária o uso de nome de autores como personagens nas suas obras. Nathaniel Hawthorne foi um grande escritor e seu rival. É possível que o nome venha desse autor, mas nesse caso ele modificou o “i” por “a”. Freud corrige essa possível deformação e cita o personagem como Nathaniel.

havia excluído do convívio humano. Nathanael conhece Olímpia numa festa que Spalanzani organizou e desde então passou a lhe fazer visitas. Em uma dessas visitas, ele decidiu pedir a mão de Olímpia em casamento.

Segundo Hoffmann (2019), nesse dia, chegando ao apartamento, Nathanael escutou uma briga. Ouviu as vozes de Spalanzani e Coppelius, e, ao entrar no apartamento, encontrou Spalanzani e Coppola. Um estava segurando Olímpia pelo ombro enquanto o outro pelos pés, brigando por sua posse, até que com um impulso, Coppola conseguiu tomá-la e fugir. Foi nesse instante que Nathanael percebeu o rosto de Olímpia sem olhos – ela era uma boneca. O professor então gritou:

Atrás dele – atrás dele, o que você está esperando? – Coppelius – Coppelius, ele me roubou o meu melhor autômato – vinte anos de trabalho – dediquei a minha vida e a minha força – a engrenagem – a fala – o andar – meu – os olhos – os olhos roubei de você – maldito – amaldiçoado – atrás dele – pegue Olímpia para mim – ali estão os olhos! (Hoffmann, 2019, p. 258).

Os olhos tinham ficado no chão e o professor os pegou e jogou no peito de Nathanael. Ele enlouqueceu: “Vu-uu-uu- vu-uu-uu – vu-uu-uu! – Roda de fogo – roda de fogo! Gire, roda de fogo – divertido – divertido! - Bonequinha de madeira vu- uu- uu bonito bonequinha de madeira, gire” (Hoffmann, 2019, p. 259). Nesse momento, Nathanael atacou Spalanzani, que foi salvo pela multidão, atraída pelo barulho.

Quando despertou, Nathanael estava na casa de seu pai, e Clara (sua noiva), estava ao seu lado. Nesse tempo, sua mãe havia ganhado de herança uma propriedade rural e os planos passaram a ser o casamento e a mudança para lá. Nas vésperas da mudança, andando pela cidade, Clara chamou Nathanael para subir no alto da torre da prefeitura. Lá no alto, algo chamou a atenção dela e ela o convocou a ver. Nesse momento, ele pegou o monóculo de Coppola na sua bolsa, apontou para o lado e viu Clara, diante da lente. Estremeceu e começou a gritar: “Bonequinha de madeira, gire – bonequinha de madeira, gire” (Hoffmann, 2019, p. 262). Nathanael agarrou Clara e tentou derrubá-la do alto, mas seu irmão acabou a salvando. Ele continuou então a gritar “Roda de fogo, gire – roda de fogo, gire!” (Hoffmann, 2019, p. 263). Coppelius, o advogado, reaparece nessa cena, que de acordo com Freud (2019) poderia ser o que a desencadeou a loucura. Ele estava embaixo da torre e Nathanael se atira do alto para alcançá-lo. Cai e morre. Coppelius desaparece na multidão (Hoffmann, 2019).

Freud (2019) liga o medo da perda dos olhos ao medo da castração. O Homem da Areia seria o substituto do pai por quem a criança espera ser castrada. O delírio viria no lugar da mortalidade e finitude, da castração. O nome infamiliar tem algo que se aproxima da sensação do “não conhecido”, do que era segredo, mas veio à tona, assim como traz algumas nuances do conceito de familiar como a ideia de conforto, conhecido e aconchegante. No conto, é possível colocar a boneca nesses dois lugares, porque na infância era desejo das crianças fazê-las vivas nas brincadeiras, algo aqui como fantasia no lugar da realidade. Ocorre no conto algo nesse sentido, quando, na cena da infância, Coppélius, no lugar de arrancar os olhos de Nathanael, o segura como se ele fosse uma boneca e o desparafusa, deixando-o numa posição feminina em relação ao pai, fazendo com que a boneca seja a materialização dessa posição, numa relação com a castração. O amor à boneca seria aqui o amor narcísico. Freud afirma que, no encontro com o infamiliar, ocorreria uma regressão ao tempo em que o Eu ainda não havia se separado do mundo exterior.

(...) algo que tem um efeito de infamiliar frequente e facilmente alcançado quando as fronteiras entre fantasia e realidade são apagadas, quando algo real, consideradas como fantástico, surge diante de nós, quando um símbolo assume a plena realização e o significado do simbolizado e coisas semelhantes. (Freud, 2019, p. 93).

O paranoico retira a libido das pessoas e do mundo para reconstruir um mundo para conseguir viver nele. Daí Freud afirmar que a formação delirante seria tentativa de cura. Ele diz que isso ocorreria pela projeção. “Não foi correto dizer que a sensação interiormente suprimida é projetada para fora; vemos isto sim, que aquilo interiormente cancelado retorna a partir de fora” (Freud, 2010b, p. 62).

A duplicação do Eu também seria outro fenômeno do infamiliar, segundo Otto Rank, citado por Freud (2019), para quem o duplo viria como garantia contra a morte. O duplo aparece, segundo (Freud 2019), como resultado do narcisismo primário, isto é, o amor por si mesmo imortalizado. Com o desenvolvimento do Eu, o duplo apareceria em forma de consciência moral e pode ser visto no delírio de estar sendo observado, sintoma dos paranoicos. O duplo pode assumir tanto as características criticadas pelo Eu como as desejadas. Seu aspecto infamiliar está justamente na sua externalidade (2019).

2.4 O colapso do corpo: a hipocondria

Nos casos de paranoia, como dito acima, a instância da consciência moral, que se contrapõe ao restante do Eu em seu desenvolvimento, trata o Eu como um objeto. Na formação de um duplo, esse outro seria visto como estranho, embora ele seja fruto de processos anímicos já superados. O Eu se apegaria a fases regredidas em que ainda não tinha se separado do mundo exterior, daí Freud relacionar a epilepsia e a loucura. Surgiria um estranhamento em que o sujeito se veria com membros cortados, separados, órgãos com atividade autônoma e coisas sem vida que ganhariam vida, como aconteceu com Nathanael (Freud, 2019).

Freud já havia postulado em 1893, no rascunho B, que a hipocondria é a angústia relacionada ao corpo e em 1895, no rascunho H, relacionou a hipocondria a uma das formas de paranoia (2006d, 2006x). Em 1914, como já afirmado no primeiro capítulo, ele liga a hipocondria à psicose, afirmando que, na parafrenia, no lugar do aparecimento do medo (angústia) nas neuroses de transferência, apareceria a hipocondria (Freud, 2004b). A hipocondria seria caracterizada como uma manifestação por meio de sensações corporais dolorosas assim como a doença orgânica, no entanto, nesse caso, o corpo não sofreria alterações comprováveis.

Os esquizofrênicos sofrem de linguagem hipocondríaca ou dos órgãos, que consiste no que foi abordado no capítulo anterior, ou seja, em fazer as palavras serem submetidas ao processo psíquico primário, no qual uma única palavra representa uma cadeia de pensamentos. Nas falas, haveria uma predominância da relação aos órgãos ou à partes do corpo. Freud (2006i) fala de uma paciente que, após uma briga de casal, relata: “Os olhos dele não estão certos, eles estão alterados, distorcidos, tortos” (Freud, 2006i, p. 46).

Afirma que não consegue entendê-lo, cada vez ele tem uma aparência diferente, ele é um hipócrita, um distorcedor de olhos, ele torceu e virou os olhos dela, agora é ela quem tem os olhos revirados, distorcidos, não são mais dela aqueles olhos, ela agora vê o mundo com outros olhos (Freud, 2006i, p. 46).

Em 1896, Freud (2006b) contou um caso de uma paciente de 32 anos, casada há três anos e mãe de uma criança de dois anos. Seis meses após o nascimento do filho, mostrou os primeiros sintomas. Passou a ficar desconfiada de que os vizinhos e parentes estavam a tratando mal e tinham algo contra ela. Sentiu que estava sendo observada enquanto se despia e passou a tirar a roupa no escuro e embaixo das cobertas. Começou a evitar as pessoas e a comer pouco.

Foi levada a um tratamento hidropático e seus sintomas se agravaram. Um dia, sozinha com sua criada, pensaram que ela tivesse tido pensamentos impróprios e isso fez surgir sensações em seu baixo abdome. Ela dizia que sentia em seus órgãos genitais uma mão pesada.

A paciente passou, segundo Freud (2006b), a ter alucinações de homens e mulheres nus com os pelos pubianos à mostra. As alucinações ocorriam junto com as sensações em seus órgãos genitais. Apareceram vozes comentando suas ações, censurando-a e ameaçando-a. Sentia que comer a nauseava, agravando seu estado. Freud concluiu que, no tratamento hidropático, ela viu mulheres nuas nos banhos e essas imagens lhe despertaram interesse. Sobre as mulheres nuas, ela disse ter se envergonhado por elas. Freud presumiu que essa vergonha viera de fatos anteriores, pois naquele momento anterior ela não havia se envergonhado e eles teriam sido recalçados. Quando ela tinha seis anos, ela se despia no quarto das crianças perto do irmão antes de ir para cama e eles tinham o hábito de se exibirem nus um para o outro. Essa autoacusação retorna em forma de representação delirante em imagens visuais e exigem uma alteração do Eu chegando ao corpo.

2.5 A armação possível: o pai

Conforme Freud (2020), no *O Mal-estar na cultura*, de 1930, o Eu não tem uma delimitação por sua parte ligada ao Isso, embora na externalidade existam linhas de demarcação. Essas linhas de demarcação podem ser extintas, por exemplo, nos casos de uma psicose que torna o corpo, o pensamento, as percepções e sentimentos embaraçados e estranhos à própria pessoa, fazendo com que a pessoa veja do lado de fora aquilo que surgiu no seu Eu.

O sentimento que o indivíduo tem do seu Eu é fruto de um desenvolvimento que o ensinou a distinguir o seu Eu do mundo externo. Isso ocorreu no início com a amamentação, pelo incômodo de não ter sempre o seio materno que o indivíduo reconheceu como objeto. Foi, portanto, por meio das sensações de dor e prazer que ele separou o que seria ele e o que seria o de fora e se tornou um Eu-de-prazer. Foi a partir da atividade sensorial, utilizando a ação muscular, que se iniciou o princípio de realidade, conforme mencionado no *Projeto para uma psicologia científica*. Sendo assim, era possível distinguir o desprazer que surgia no interior daquele que surgia de fora. Nesse início, o meio que o Eu tinha de se livrar desse sofrimento que surgia no interior era o mesmo meio que ele utilizava para se livrar das ameaças externas, separando-se do mundo exterior. Desse modo, ele acabava por se separar de si mesmo, por ser ele o mundo externo. Esse é o funcionamento de onde partem os distúrbios patológicos (Freud, 2020).

Sendo assim, “originalmente o Eu contém tudo, mais tarde, ele separa de si um mundo exterior” (Freud, 2020, p. 310). Freud marca a diferença desse Eu primário e desse Eu da maturidade e afirma que pode haver situações em que essa demarcação alcançada na maturidade se extinga. Assim, conta, a partir da correspondência com um amigo, que a religião é uma ilusão. A seu turno, esse amigo concorda com Freud, mas afirma que a essência da religiosidade diz respeito a um sentimento de eternidade ilimitado e consiste num fator subjetivo e não de fé. Em sua resposta, Freud, levando em conta uma frase de um dramaturgo, aponta: “não podemos pular para fora deste mundo” (Freud, 2020, p. 74). E conclui que a religião se trata de um sentimento que nos coloca como unificados ao mundo externo.

Ele ligou esse sentimento da religiosidade ao sentimento do nosso Eu. Esse sentimento do Eu misturado ao mundo na maturidade pode ter a ver com o sentimento ilimitado que o amigo se referiu ao falar da religiosidade. Como no psiquismo todas as fases de desenvolvimento continuam a existir e o que se passou fica preservado, Freud (2020) supõe que podem haver algumas condições que favoreçam a existência desse sentimento em algumas pessoas. Sugere que ele aparece como resultado de uma necessidade frente a um desamparo do bebê que anseia pelo pai e é justamente daí que derivam as necessidades religiosas. Esse sentimento está para o homem diante de sua vulnerabilidade em relação ao poder do destino. E sentir eternidade e abundância vem para restaurar o narcisismo ilimitado.

2.6 A plena realização do símbolo e a psicose

Em 1928, no texto *Uma experiência religiosa*, Freud (2006o) conta que a partir da repercussão de uma entrevista com o jornalista teuto-americano G.S. Viereck sobre sua falta de fé religiosa, ele recebe a carta de um médico que conta sua experiência com a fé. Essa experiência aconteceu quando ele estava na universidade. Ele viu, segundo seus próprios termos, uma “velhinha de rosto suave” ser encaminhada para sala de dissecação e questionou a existência de Deus, porque, segundo ele, se Deus existisse ele não permitiria isso. Desde então, decidiu não ir mais a igreja:

Enquanto meditava sobre o assunto, uma voz falou-me à alma que eu deveria considerar o passo que estava a ponto de dar. Meu espírito replicou essa voz interior: se eu tivesse a certeza de que o cristianismo é verdade e que a Bíblia é a palavra de Deus, então eu os aceitaria (Freud, 2006o, p. 175).

O médico escutava vozes interiores que criticavam sua resistência a Deus. Sua reação a essas vozes foi:

No decorrer das semanas seguintes, Deus tornou claro à minha alma que a Bíblia era Sua Palavra, que os ensinamentos a respeito de Jesus Cristo eram verdadeiros e que Jesus era nossa última salvação. Após uma revelação tão clara, aceitei a Bíblia como sendo a Palavra de Deus, e Jesus Cristo, como meu Salvador pessoal. Desde então, Deus se revelou a mim por meio de muitas provas infalíveis (Freud, 2006o, p. 175).

Freud (2006o) explica o caso do médico que lhe mandou a carta, fazendo uma aproximação com o incesto no complexo de Édipo. De acordo com ele, o rosto suave da velhinha teria lembrado sua mãe e ir de encontro ao cadáver nu lhe despertou desejos eróticos. Somado a isso, veio a rivalidade com o pai. Deus entrou no lugar do pai e a questão dos maus tratos estaria relacionado à maneira como as crianças veem a relação sexual. A religião assumiu esse lugar de repetição da vivência do Édipo e a submissão ao Deus/pai seguiu o destino que consiste no Complexo de Édipo.

De acordo com Freud (2006o), a proibição do incesto por meio da religião impediu a conclusão da relação sexual com a mãe que tomou características de uma experiência real. Vimos isso no texto *O infamiliar*, em que Freud fala dessa sensação de infamiliar, que ele denomina como o encontro com algo real considerado fantástico, diante daquilo que assume o lugar de símbolo com plena realização (2019). Na conferência *O desenvolvimento da libido e as Organizações sexuais*, de 1917, Freud fala do objeto de amor antes da puberdade como aquele que já atinge uma definição, e é equivalente ao primeiro objeto da pulsão oral ligado à nutrição e à mãe, ou seja, a detentora do seio (2006y). Fala ainda que a criança deveria se desligar desse objeto sexual e a partir dele escolher um objeto substituto, e na neurose isso ocorre pela subjugação à autoridade do pai. Em *Totem e tabu* 1912-1913, Freud (2012) menciona que o pai primordial seria aquilo que antecede a Lei. No entanto, no caso do médico que lhe mandou a carta provavelmente se tratava de uma psicose porque a resposta contra o incesto veio por meio de uma psicose alucinatória, de acordo com Freud (2006o).

2.7 Deus pai: O caso Schreber

Em 1911, em *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (dementia paranoides) relatado em autobiografia [“O caso Schreber”]*, Freud (2010b) analisa o caso de Daniel Paul Schreber, ex-presidente da Corte de Apelação da Saxônia, baseado em relatos que ele mesmo escreveu no chamado *Memória de um doente dos nervos*. A publicação do livro foi em 1903. Aqui, assim como em *Uma experiência religiosa*, Freud aponta a relação de Deus no lugar do pai como aquilo que funcionaria no lugar da castração.

Segundo Carone (1984), Schreber afirma ter ficado doente em duas ocasiões, ambas decorrentes de fadiga intelectual. Ele veio de uma família burguesa, protestante, rica e culta. Seus antepassados escreveram obras sobre direito, economia, pedagogia e ciências naturais. Nessas obras, aparecem preocupações com a humanidade e a moralidade. Seu pai, Daniel Gottlieb Moritz Schreber, foi médico ortopedista e pedagogo, escreveu livros sobre ginástica, higiene e educação das crianças. Tinha como objetivo implantar um projeto educacional que aprimorasse a obra de Deus e a sociedade. Um desses projetos foi à construção de aparelhos ortopédicos que funcionam para deixar a postura “correta”. Empregou o uso desses aparelhos nos próprios filhos e acreditou que, fazendo uso deles, poderia conter e extinguir manifestações da sexualidade. Segundo seu pai, ele teve êxito na aplicação desses métodos em seus próprios filhos. O total de filhos foram cinco: Daniel Gustav, Anna, Daniel Paul, Sindonie e Klara.

Seu pai sofreu um acidente com uma barra de ferro de aparelho de ginástica que caiu sobre sua cabeça. Teve comprometimento cerebral e morreu após três anos em tratamento. No ano de 1877, seu irmão mais velho se suicidou com um tiro aos 38 anos. Nesse período, Schreber tinha sido nomeado conselheiro do tribunal. Na família de Schreber, existia um ideal de cunhar o nome na cultura, tanto que seu bisavô, que também escreveu livros, deixava nas epígrafes a frase: “Escrevemos para a posteridade”. Após a morte do irmão mais velho, Schreber seria o único homem da família que poderia ainda immortalizar o nome Schreber por meio da intelectualidade ou descendência (Carone, 1984).

Schreber se casou um ano depois da morte do irmão e sua carreira evoluía no Ministério da Justiça do Reino da Saxônia. Ocupou os seguintes cargos: escrivão-adjunto, auditor da Corte de Apelação, assessor do Tribunal, conselheiro da Corte de Apelação e em 1884 tornou-se vice-presidente do Tribunal Regional de Chemnitz. Em outubro do mesmo ano, concorreu a eleições parlamentares pelo Partido Nacional Liberal e sofreu uma derrota. Foi publicado, após sua derrota, um artigo no jornal da Saxônia com o título: “Quem conhece esse tal Dr. Schreber?”. Em dezembro, ele foi internado na clínica de doenças nervosas da Universidade de Leipzig e o médico que acompanhou seu caso foi Flechsig. Schreber afirma que sua internação foi decorrente de crises hipocondríacas. Ele teve manifestações delirantes e duas tentativas de

suicídio. Acreditava que estava perdendo peso e pedia para ser fotografado porque não confiava nos relatos dos médicos e pressupunha também que perderia sua esposa. Antes desse episódio, teve uma crise hipocondríaca em 1878 quando foi se casar. A internação de Schreber durou seis meses e depois ele se considerou curado, reassumindo seu cargo como juiz-presidente do Tribunal Regional em Leipzig. Schreber se refere a esse período como feliz, frustrado apenas pelas tentativas de engravidar de sua esposa, que teve no total seis abortos espontâneos (Carone, 1984).

Seguindo os dados coletados por Carone (1984), em 1893 Schreber teve uma segunda crise. Ele foi nomeado juiz-presidente da Corte de Apelação na cidade de Dresden pelo ministro da justiça da Saxônia. Após a visita do ministro, sonhou que sua antiga doença nervosa tinha voltado e teve um devaneio “de que seria bom ser uma mulher no ato sexual” (Carone, 1984, p. 11). De acordo com a autora, sua crise veio decorrente de suas inseguranças quanto a assumir o novo cargo. Foi internado novamente sob supervisão de Flechsig com o diagnóstico de *dementia paranoides*. Schreber afirma que, naquele momento, finalmente conseguiram enlouquecê-lo. Seu delírio ganhou força com alucinações visuais e auditivas. Após seis meses, foi transferido para o sanatório de Lindenhof, onde ficou apenas 15 dias para depois ser transferido para o sanatório público de Sonnestein, onde ficou oito anos e meio.

Seguem abaixo relatos do médico que o acompanhou em Sonnestein:

O sistema delirante do paciente culmina na ideia de que sua missão é a de redimir o mundo e devolver à humanidade a beatitude perdida. Afirma ter chegado a esta tarefa por inspiração divina direta, do mesmo modo que os profetas; os nervos mais excitados, como o foram os seus durante muito tempo, teriam a propriedade de exercer atração sobre Deus, mas seria, senão impossível, pelo menos muito difícil exprimir essas coisas em linguagem humana, porque elas se situam além de toda e qualquer experiência humana e só a ele foram reveladas. O essencial da sua missão redentora é que em primeiro lugar tem que ocorrer a sua transformação em mulher. Não que ele queira se tornar mulher, trata-se antes de um dever com base na Ordem do Mundo, ao qual não pode fugir, quando na verdade preferiria permanecer em sua honrada posição masculina na vida; mas doravante o Além não poderá ser conquistado, nem por ele, nem por toda a humanidade restante, a não ser através da sua transformação em uma mulher, por meio de milagre divino. Está certo de ser ele objeto exclusivo de milagres divinos, sendo deste modo o homem mais extraordinário que já viveu sobre a

Terra, a toda hora e todo minuto ele experimenta esses milagres na própria carne, comprovando-os também através de vozes que falam com ele. (Weber, 1899 citado em Schreber, 1984, p. 240).

Segundo Freud (2010b), o delírio de Schreber se apresentou a partir de duas vertentes. Uma referente à emasculação, que seria o que ele chamou de delírio primário e outra referente ao papel de redentor, ou delírio secundário. A princípio, o primeiro caminhava independentemente do delírio de grandeza, para depois se juntar a ele:

Deste modo foi preparada uma conspiração dirigida contra mim (em março ou abril de 1894), que tinha como objetivo, uma vez reconhecido o suposto caráter incurável da minha doença nervosa, confiar-me a um homem de tal modo que minha alma lhe fosse entregue, ao passo que meu corpo – numa compreensão equivocada da citada tendência inerente à Ordem do Mundo – devia ser transformado em um corpo feminino e como tal entregue ao homem em questão para fins de abusos sexuais, devendo finalmente ser “deixado largado”, e portanto abandonado à putrefação. Não parece que se tenha tido uma ideia clara do que deveria ser deste homem “deixado largado”, nem se também com isto ele teria realmente morrido. Mas não tenho a menor dúvida de que esta conspiração realmente existiu, acrescentando sempre que não ousou afirmar uma participação do professor Flechsig na sua qualidade de homem... Que o próprio Deus fosse cúmplice, senão instigador do plano que visava o assassinato da minha alma e o abandono do meu corpo como prostituta feminina, é um pensamento que só mais tarde se impôs a mim e que em parte, seja-me permitido afirmar, só veio claramente à consciência durante a redação do presente ensaio. (Schreber, 1984, pp. 56 e 58).

O delírio de emasculação era um delírio persecutório, cujo perseguidor era Flechsig (2010b). Ele afirmava que Flechsig, como muito médicos, não resistiu à tentação de usar seu paciente para além de objeto de experimento, e cometeu ou tentou cometer assassinato de alma contra ele (Schreber, 1984). Assassinato de alma, segundo ele, ocorreria quando o sistema nervoso de uma pessoa passa a ser influenciado por outra. Schreber (1984) utiliza essa expressão “assassinato de alma” em outra parte das *Memórias*, ao mencionar o nome Ariman, um dos nomes que ele utilizou para designar a divisão de Deus. Segundo ele, esse nome se

encontrava em *Manfred*, de Lord Byron, em conexão com um assassinato de alma. No entanto, Freud não encontra (2010b) nessa obra algo referente a assassinato de alma, mas sim um incesto entre irmãos que será associado ao seu próprio desejo erótico por seu irmão que foi substituído por Flechsig em seu delírio.

Conforme Freud (2010b), o perseguidor no delírio é uma pessoa que já apresentava importância antes da doença. A importância é projetada para fora, mas o afeto seria transformado em seu oposto. Schreber, após ter se recuperado da primeira doença, diz que ficou muito grato a Flechsig e expressou essa gratidão por meio de uma visita e de honorários. Sua esposa manifestou essa gratidão mantendo durante anos seu retrato na escrivaninha (Schreber, 1984).

Freud (1911) observou, a partir de seus relatos, que, no intervalo entre as duas doenças, ele teve alguns sonhos nos quais a doença tinha voltado e, numa dessas vezes, ele pensou que seria “bom ser uma mulher se submetendo ao coito” (Freud, 1911 citado em Schreber, 1984, p. 45). Sendo assim, Freud (2010b) correlacionou os sonhos da volta da doença à fantasia feminina que correspondia ao desejo erótico de ver Flechsig novamente.

Freud apontou (2010b) que a psicose surgiria diante do conflito entre a fantasia feminina e a repulsa por ela. Segundo o autor, a libido sofre picos heterossexuais ou homossexuais e esse pico depende do enfraquecimento de um deles. Sugere que, em Schreber, a intensificação da libido homossexual pode ter aparecido nesse período devido à idade de 51 anos. Nesse tempo, o homem pode sofrer, assim como a mulher, uma diminuição na função sexual. Além disso, ele parte do pressuposto de que a falta de um filho, principalmente um filho homem, dificultou que ele difundisse sua libido homossexual, que já estava prejudicada pela perda do pai e do irmão. Vale ressaltar também que ele teve um “colapso nervoso” quando sua mulher tirou férias, corroborando com a ideia de que ela servia como uma espécie de proteção contra sua atração homossexual.

Em torno de 15 de fevereiro de 1894 sobreveio mais um colapso nervoso, que marca uma etapa importante em minha vida; foi quando minha esposa, que até então passava diariamente algumas horas comigo e também almoçava em minha companhia no sanatório, fez uma viagem de quatro dias para a casa de seu pai, em Berlim, para buscar um pouco de descanso, de que tinha muita necessidade. Nesses quatro dias cheguei a decair tanto que, depois do retorno da minha esposa, só a revi uma única vez e depois eu mesmo declarei que não podia de modo algum desejar que minha esposa me visse no estado de decadência em que

me encontrava. As visitas de minha esposa cessaram a partir desta época; depois de muito tempo já tinham acontecido tantas mudanças importantes no meu ambiente e em mim mesmo que acreditei ver nela não mais um ser vivo, mas apenas uma figura humana feita por milagre, do tipo dos “homens feitos às pressas”. Foi particularmente decisiva para o meu colapso mental uma ocasião em que, uma única noite, tive uma insólita quantidade de poluções (cerca de meia dúzia) (Schreber, 1984, p. 49).

Freud (2010b) afirma que Flechsig era substituto de uma pessoa que ocupava um lugar de importância na vida de Schreber, e sua relação afetiva com o médico era sustentada pelo processo de transferência. Como a fantasia de se tornar mulher de Flechsig foi substituída por Deus no decorrer do delírio, trazendo uma conciliação com o conflito por meio da conformidade “à Ordem do Mundo”, Freud concluiu que as duas figuras estariam ocupando a mesma categoria, com a passagem de uma pessoa de valor para uma outra de maior valor ainda. Sugeriu que Flechsig se tratava do irmão e Deus do seu pai. Seu irmão pôde ser pensado a partir do incesto sugerido na obra de Byron, e Deus pôde ser comparado ao seu pai a partir da própria relevância do pai de Schreber, bem como por sua característica de onipotência de melhorar a sociedade e aprimorar a palavra de Deus citado por Carone (1984). No decorrer de suas *Memórias*, ele também pronuncia falas da sua relação com Deus que podem ser comparadas à forma como ele e seus irmãos eram assujeitados às experiências das aparelhagens construídas e às teorias postuladas pelo pai. Além da noção de “amarrações mecânicas” (Schreber, 1984, p. 94), vemos em sua obra falas como: “eu tinha adquirido a intuição, que aliás não deixa de ter fundamento, de que aumentariam as perdas de raios se eu movimentasse muito de um lado para outro” (Schreber, 1984, p. 105).

Além do que já foi observado a respeito das costelas e do crânio, também o meu sistema ósseo foi objeto de muitos tipos de milagre. No osso do pé, particularmente na região do calcanhar, era provocado frequentemente o milagre da corrosão óssea, que era acompanhado de dores muito agudas; felizmente, estas dores não duravam muito, pelo menos em sua maior intensidade. Um milagre semelhante era o chamado milagre do cóccix; nele as vértebras inferiores eram submetidas a uma dor semelhante à da corrosão óssea. O objetivo era impedir de sentar ou deitar. Em geral não suportava que eu ficasse muito tempo em nenhuma posição ou atividade: se eu caminhava, tentava-se me

obrigar a deitar, e se eu me deitava, era expulso da cama. Os raios pareciam não compreender que um homem que realmente existe afinal precisa estar em algum lugar (Schreber, 1984, p. 115).

Além disso, Schreber tinha uma relação muito ambivalente com Deus no tocante a questões que podem estar relacionadas aos conflitos dele com seu pai, que exigia um comportamento moral extremo: “Deus é incapaz de aprender com a experiência”; “Qualquer tentativa de exercer uma influência educativa sobre o exterior deve ser abandonada por ser votada ao fracasso”; “dado que uma onisciência de Deus em sua plenitude absoluta, especialmente com relação ao conhecimento do homem vivo, justamente não existe” (Schreber, 1984, p. 130-131).

Deus, por assim dizer, não era capaz de lidar com homens vivos, estando acostumado a lidar só com cadáver ou, em todo caso, com homens adormecidos (sonhando). Disto provinha a pretensão francamente monstruosa de que eu me tornasse um cadáver, bem como uma série de outras ideias mais ou menos disparatas, por serem contrárias à natureza humana. (Schreber, 1984, p. 104).

Freud (2010b) explica o delírio a partir da relação da criança com o pai. O pai é aquele responsável por impedir a satisfação sexual da criança por meio da castração. Schreber, em muitos momentos de suas *Memórias*, cita expressões contra o desejo sexual: “minha força de vontade não podia impedir que meu corpo, particularmente quando deitado na cama, fosse tomado por um sentimento de volúpia, que exercia uma elevada força de atração sobre os raios.” (Schreber, 1984, p. 97).

‘Não pensar em certas partes do corpo’, dizia uma regra da vida que evidentemente expressava o pensamento correspondente à concepção normal e sã do homem, que não é levado a pensar em determinadas partes do corpo a não ser em caso de alguma sensação de dor. ‘Não à primeira solicitação’, dizia outra regra, que queria dizer que um homem sensato não deve se deixar levar por qualquer impulso momentâneo a agir nesta ou naquela direção. (Schreber, 1984, p. 118).

Os entraves à liberdade do pensamento humano, ou melhor dito, à liberdade do não-pensar, que constituem a essência da coação a pensar, com o passar dos anos se agravaram muito pelo fato de que a fala das vozes se dá em ritmo cada vez

mais lento. Isto se relaciona com o aumento da volúpia de alma no meu corpo (Schreber, 1984, p. 152).

Para Freud (2010b), o delírio alcançou uma solução quando o próprio Deus exige a satisfação sexual e sua transformação em mulher, ligada à castração. Sugere também que a transformação em mulher seria a solução para sua falta de filhos e a continuação da missão da família de transmitir sua descendência.

Assim, acredito não me equivocar quando suponho que no final ainda serei compensado com uma palma da vitória muito especial. Em que consistirá, não ousou prevê-lo de um modo específico. Apenas como possibilidades que entram aqui em consideração, cito uma emasculação a ser ainda completada, fazendo com que por meio da fecundação divina nasça do meu ventre uma descendência, ou ainda outra consequência: ao meu nome se ligaria uma fama que não foi concedida nem a homens com dotes intelectuais incomparavelmente maiores que os meus (Schreber, 1984, p. 191).

Schreber, segundo Freud (2010b), após seu restabelecimento conquista a legitimidade do nome do pai. Essa constatação foi possível através da sua relação com o Sol. Schreber coloca aqui o Sol como representante de Deus. No decorrer do delírio, Schreber desenvolve a capacidade de olhar em direção ao Sol. No início, além da relação conflituosa com o Sol, ele não conseguia olhar sem desviar sua vista. No final do delírio, ele passava muito tempo olhando para o Sol fazendo caretas e gritando contra ele. Na conclusão do seu plano de feminilidade, além de recuperar sua beatitude e a de todos os homens, o Sol fala com ele em sons humanos e coisas maravilhosas passam a ocorrer.

Freud (2010b) parte do estudo mitológico de naturalistas da antiguidade sobre as águias para afirmar que entre esses animais há prova de descendência, assim como ocorre nos povos chamados primitivos através do totem. As águias são os únicos animais capazes de olhar o Sol sem encobrir as vistas. Dessa forma, submetem seus filhotes a uma prova. São considerados legítimos apenas aqueles que conseguem olhar para o Sol sem piscar, do contrário, são jogados para fora do ninho. Sendo assim, seguindo o trabalho na obra de Freud de articular mito às respostas psíquicas, teríamos a confirmação da sua descendência corroborando o mito.

É no ano de 1899 que Schreber se interessa por recuperar sua capacidade civil de forma legal. Em 1900, a justiça não concede tal capacidade a ele, impondo interdição definitiva. Ele

entra com recurso e conquista em 1902. É no intervalo entre 1900 e 1902 que ele escreve suas *Memórias*. Sua alta hospitalar foi consentida em 1900, mas ele só deixou o hospital em 1902. Seu livro foi publicado em 1903 e nesse mesmo ano Schreber e sua esposa adotaram uma menina órfã de 13 anos. Ele conseguiu se reinserir socialmente, afirmando que as vozes nunca o deixaram, mas, que naquele momento, eram como um zumbido. Em maio de 1907, sua mãe morreu e ele mesmo ocupou-se do inventário. Em novembro desse mesmo ano, sua esposa sofreu um derrame cerebral, tendo como consequência uma afasia que durou quatro dias. Schreber entrou em outra crise e foi internado no sanatório de Dösen em 27 de novembro de 1907. Há estudiosos que trabalham com a hipótese de que essa última internação foi decorrente da doença da esposa. Porém, outros se apoiam no fato de que nesse mesmo mês ele foi procurado pelos membros das Associações Schreber, que eram formadas por seguidores das ideias de seu pai, com o intuito de que ele formalizasse legalmente essas Associações como seguras na transmissão do nome Schreber. Dessa vez, seu estado foi mais grave, permanecendo na cama e sendo levado a passear em cadeira de rodas. Foi piorando no decorrer dos anos e, em 1911, morreu de uma crise de angina (Carone, 1984).

Schreber morreu de dor no corpo que estaria associada às grandes emoções. Esse capítulo foi uma forma de dizer que a regressão vivida na psicose, como afirmado por Freud, envolve a pele e as aquisições psíquicas do sujeito. Seria o que Freud afirmou em *Suplemento Metapsicológico à teoria dos sonhos* sobre o Eu se separar de um dos seus órgãos e sobre a perda da comunicação entre as palavras e as coisas (2006w).

Em *Inibição, sintoma e angústia* Freud já apresenta a objetualização como aquilo que configura a posição do sujeito psicótico. A boneca no *Infamiliar* como a materialização desse lugar e a fragmentação da boneca como a representação da angústia vivida.

Freud menciona o pai desde *Totem e tabu* e nesse segundo capítulo, a ênfase sobre ele foi dada como “salvação” e que a partir do capítulo três será explorado por Lacan como o significante nome-do-pai. O pai abrandaria o desamparo do bebê ou do homem em *O mal estar na cultura*, esse mesmo pai que, por meio da figura de Deus, conteria os desejos eróticos do sujeito por sua própria mãe em *Uma experiência religiosa*. E o pai, que na figura de Deus, permitiria a satisfação sexual de Schreber e a manifestação de sua posição feminina por meio de sua transformação em mulher.

Lacan retomou Freud e desenvolveu uma leitura da psicose e é seguindo esse caminho que o próximo capítulo se propõe a atravessar.

Capítulo 3 - Lacan retornando a Freud

“por que a gente tem que se definir homem ou mulher? eu mesmo tenho corpo de homem e voz de mulher. a elk maravilha, por exemplo, quando foi perguntada numa entrevista se era homem ou mulher, ela respondeu que era uma pessoa. por que eu não posso ser só uma pessoa também?” (citação paciente).

3.1 O delírio paranoico

Lacan (1988f), no seminário *As psicoses*, inicia seu trabalho com os conceitos de simbólico, imaginário e real, a fim de lidar com a questão da experiência analítica. Refere-se à obra de Schreber como uma das mais notáveis para falar da experiência do psicótico e aponta a genialidade de Freud ao manifestar na obra a repetição do mesmo signo e como isso tratava de dizer alguma coisa. Freud retomou esses signos e restabeleceu sua possível formação. Lacan destaca, porém, que a interpretação de Freud foi simbólica e que a tradução traz o campo das psicoses para o mesmo plano das neuroses. O método analítico não consiste apenas na leitura simbólica. É a partir disso que é possível pensar a psicose.

O material do discurso de Schreber é buscado em seu próprio corpo. Assim, a relação do homem com o seu corpo caracteriza o campo do imaginário. Freud já havia dito que, na psicose, o inconsciente é consciente e nesse sentido, já indica que não é bem pela articulação que seu efeito se produz. Schreber ignora a língua que fala, ela é excluída para ele, está no real. Freud apresentou o conceito de *Verwerfung* para dizer que o sujeito recusa a ameaça de castração no mundo simbólico e ele retoma o episódio do homem dos lobos para dizer que nesse caso o sujeito viveu um corte de experiência, não vivendo, portanto, uma referência temporal. Isto é, o que foi recusado na ordem simbólica ressurgiu no real (Lacan, 1988f).

De acordo com Lacan (1988g), a ideia postulada por Freud de que a paranoia é uma defesa contra a pulsão homossexual inconsciente é questionável. No caso de Schreber, as determinações da psicose foram desencadeadas, inicialmente, quando ele se candidatou ao Reichstag e, numa segunda vez, quando ele foi convocado a ocupar o cargo de presidente do Tribunal de Apelação de Leipzig. Sua primeira crise foi atribuída ao fato de ele não conseguir satisfazer sua ambição e sua segunda crise foi atribuído à ocupação desse último cargo, que conferiu a ele uma responsabilidade maior. Nesses dois casos, o valor seria o mesmo. Segundo a ideia de Freud, como Schreber não teve filhos para lhe inscrever no papel de pai, essas duas funções lhe convocariam a assumir uma posição paterna, desencadeando um medo da castração com um impulso homossexual conexo. Essa explicação partiria do pensamento de que o ponto

do conflito estaria ligado à paternidade. Porém, Lacan marca uma noção vaga de conflito, porque é como se se entendesse que uma fonte de conflito estivesse confrontada com uma ausência de conflito.

O delírio contém um elemento de significação, mas ele é repetitivo, não tem uma composição dialética. O sujeito não tem aquilo que é próprio do comportamento humano: a mobilização das ações, dos desejos, dos valores (Lacan, 1988k). O signo é uma maneira de se ter a prova de que se trata de um delirante. Esse signo é extraordinário e ganha destaque. Para tanto, Lacan dá o exemplo de uma paciente que pronunciou a palavra *galopiner*. Na linguagem comum, há o significante e o significado. O significado é a significação, que sempre remete a uma outra significação. No sistema de linguagem, não há um indicador que se dirija diretamente a um ponto da realidade. Contudo, na paranoia, o doente indica a originalidade de alguns termos e essas palavras remetem à significação como tal, e a mais nada. Ela se repete com uma insistência estereotipada, que Lacan (1988g) denomina como ritornelo.

Nesse sentido, podemos refletir melhor sobre o discurso psicótico. Lacan (1988) afirma que o paranoico fala como uma boneca aperfeiçoada. Para explicar como seria isso, primeiro ele aborda a relação de comunicação. Quando um sujeito fala ao outro, esse é Outro porque existe na relação entre sujeitos uma relação de incógnita. Existirá sempre a possibilidade do fingimento, porque a mensagem que é lançada é recebida de forma invertida. Esse a quem se fala não é conhecido. No delírio, o sujeito fala com o outro minúsculo. A origem do outro minúsculo está na formação do Eu. No início, o Eu é o outro, o sujeito está mais próximo da forma do outro do que dele mesmo. Ele é originado por um conjunto de desejos, por isso falar em corpo espedaçado, cuja síntese é possível por meio da alienação ao outro. O acesso ao objeto se dá enquanto objeto de desejo do outro. Esse é o estádio do espelho. Dessa forma, vai haver situações em que o Eu pode ser anulado pelo outro, assim como o Eu pode anular o outro por não haver concordância.

Segundo Lacan (1988g), a experiência do paranoico se situa nessa identificação primeira. O objeto do qual ele fala está no prolongamento da dialética dual. Ele fala alguma coisa que lhe foi falado e da qual ele mesmo duvida. Lacan destaca que existe uma parte sã da personalidade que faz dele um sujeito porque ele é capaz de falar ao Outro. Segundo ele, Freud refere-se a essa dialética dual quando aborda os três tipos de delírios para dizer “eu o amo”. No primeiro caso, temos: ela que me ama. A mensagem do Eu fala por meio do alter Eu que mudou de sexo. Temos aqui a alienação invertida. Freud menciona o delírio de ciúmes, mas a projeção a que ele se refere aqui na psicose não é a mesma da neurose. Na neurose, por exemplo, quando se trata de uma projeção, o sujeito atribui ao outro suas próprias infidelidades. No delírio de

ciúme, a mulher à qual o sujeito está identificado por alienação invertida transmite o sentimento do paranoico a toda uma gama de experiência e à maioria dos sujeitos a sua volta. No segundo tipo de delírio, temos: não é ele que eu amo, é ela. Nesse caso, a alienação é divertida. O outro é um sujeito que não tem com o paranoico nenhuma relação. No terceiro caso, a alienação é convertida, o amor é levado ao ódio. Lacan afirma que esse último caso se aproxima mais da denegação porque há uma alteração profunda ligada ao outro que compromete a relação com o mundo, já que aqui o sujeito estaria mais afetado pelo imaginário.

A partir de dois artigos de Freud, *A perda da realidade nas neuroses e nas psicoses* e *Neuroses e psicoses*, Lacan (19881) aponta a diferença estrutural marcada por Freud dessas duas formas clínicas – neurose e psicose. Na neurose, o sujeito sacrifica parte de sua realidade psíquica, do seu Isso. Em determinado momento, ela é separada para ressurgir com uma significação particular, simbólica. Essa realidade, no segundo tempo, não é totalmente rearticulada ao mundo exterior, produzindo fuga parcial da realidade. Na psicose, em certo momento houve um buraco na própria realidade exterior que será amontoada pelo mundo fantasmático. Lacan assinala que essas diferenças não são suficientes para dizer do mecanismo das duas estruturas. Na neurose, tem-se o recalque que afirma sabermos alguma coisa sobre aquilo que se expressa em outro lugar. Nesse caso, houve a *Bejahung*, que consiste no ponto de origem da simbolização. Na psicose, no lugar da *Bejahung*, tem-se a *Verwerfung*, mecanismo que marca alguma coisa que ficou fora da simbolização. Para falar desses dois mecanismos, ele vai situar o Outro com maiúscula que está para além do que se vê, sendo da natureza do simbólico e o imaginário implicando o Eu e o corpo.

O Outro está pra além da realidade, e é o indivíduo que a articula. A partir dele, é possível se fazer reconhecer, e esse reconhecimento é além daquilo que é conhecido. O conhecido é possível pelo reconhecimento e não por um elemento puro da realidade. Significa que é por meio de uma palavra que o jogo se estabelece. O sujeito paranoico exclui o Outro e o circuito se fecha na relação em dois outros com minúscula. Schreber, por exemplo, passa a conversar com os seres humanos que ele encontra, os quais Lacan (19881) designa como pobres-diabos malfeitos, caracterizando esse outro como irreal. A fala é o que possibilita o encontro com a verdade, e como na fala delirante não existe verdade por trás, o sujeito fica perplexo diante disso e tenta restituir uma ordem que Lacan denomina como ordem delirante.

Como dito anteriormente, a significação remete sempre à significação. Ela é efêmera e está ligada aquilo que interessa ao sujeito, àquilo ao qual que ele está preso. Quando, no delírio, ela ganha condição de significação básica do indivíduo, trata-se de seu espedaçamento pessoal. Alguns elementos se isolam e ganham valor particular a ponto de carregarem só uma

significação, como no caso Schreber, quando ele usa *nervenanhang* traduzido por Carone como anexação de nervos e *seelenmord* como assassinato d'almas (Lacan, 1988l).

3.2 A realidade psicótica

Lacan (1988m) afirma que a fase psicótica é marcada por uma fase pré-psicótica que tem um caráter de progressão. No caso de Schreber, essa fase pré-psicótica se instala quando ele afirma na fantasia: como seria uma coisa bela ser uma mulher sendo copulada. Lacan afirma se tratar de um fenômeno pré-consciente que Freud já havia marcado na formação dos sonhos. Schreber aponta esse pensamento que o surpreende e ao mesmo tempo o indigna. Lacan aponta um conflito moral, já que esse sentimento parte do Eu. Freud afirma que o desejo inconsciente aparece no sonho em oposição ao consciente. Essa oposição pode ser mencionada em termos de Eu e recalcado partindo da noção de Eu. Os sonhos manifestos substituiriam assim os pensamentos interditos pelo seu contrário. Esse desejo pertencente ao inconsciente, mais precisamente ao pré-consciente, Lacan firma pertencer ao Eu.

Na simbolização do sujeito psicótico, há uma etapa em que uma parte não foi simbolizada. Essa parte não recalcada é rejeitada, vai se manifestar no real. Na *Bejahung*, há alguns acidentes e é a partir dos restos que o sujeito se compõe. Ele se aproxima daquilo que ele reconhece como sendo ele e esse reconhecimento está submetido às leis da fala. Freud afirmou que a lei está em sua origem no Complexo de Édipo em *Totem e tabu*, ao passo que Lacan menciona que ela existe desde sempre e que a sexualidade humana se dá através dela. Na neurose, o que é intolerável é a lei, que é recalcada e a cadeia significante passa a existir por meio do sintoma (Lacan, 1988n).

A realidade, como Freud mencionou, é produzida a partir do objeto de desejo, que no início foi alucinada. O princípio de realidade é possível pelo princípio de prazer. Lacan (1988n) menciona Freud para afirmar que a essência da realidade não está em encontrar o objeto de seu desejo, mas reencontrá-lo, caracterizando-o, sobretudo como alucinado. O sujeito jamais encontra o objeto. Encontra um outro objeto que corresponde mais ou menos à satisfação das necessidades. E é justamente nisso aí que se localiza o princípio de realidade. Na psicose, aparece para o sujeito no real outra coisa que é procurada por ele: seu Eu.

Emerge na realidade algo de uma significação, mas que não pode ser ligada a nada porque não entrou no sistema de simbolização. No caso de Schreber, a significação rejeitada tem relação com sua bissexualidade. A função feminina não entrou como significação simbólica

e chega por reação em cadeia ao nível imaginário. A língua de Schreber é efeito desse mundo imaginário: o signo que exige o significante (Lacan, 1988n).

No delírio, a relação de Schreber passa a ser de espelho. O seu mundo passa a ser composto da relação dele com o ser que pra ele é o outro, Deus. Deus e tudo que ele comporta, bem como Schreber, ficam decompostos em seres imaginários e sofrem várias fixações que se revezam entre eles. Lacan (1988n) destaca essa dinâmica como latente na formação da estrutura “normal” do sujeito no estágio do espelho, que ele denomina como dialética do corpo espedaçado pertencente ao sistema imaginário.

Lacan (1988e) destaca a natureza agressiva do estágio do espelho e como ela se manifesta em Schreber. Como dito anteriormente, o Eu é por si mesmo um outro. Ele se instaura numa dualidade interna. A relação com outro sempre produz uma ressonância de exclusão: é ele ou eu. A ideia sentida é de que esse outro possa a qualquer momento retomar ao seu lugar de domínio. Há um Eu estranho ao Eu que está ali imperando sobre suas pulsões e tendências. O Eu é constituído justamente nessa função de síntese conflitiva entre as suas pulsões e o Eu, que coloca o sujeito às voltas com questões como: Onde estou? No interior ou no exterior? Essa via alienante tem como função dar um complemento ortopédico à insuficiência originária do ser humano. Essa questão é imaginária e o comportamento humano não está reduzido a isso, porque, do contrário, ela seria incestuosa e designada à destruição. O Complexo de Édipo é o que permite a harmonia. Por meio do nome do pai, faz entrar a palavra que possibilita a ordem.

Em Schreber, é possível ver como sua realidade passou a se configurar como relação em espelho. Todos personagens foram repartidos em duas categorias. Houve aqueles que aparentemente viviam e outros que invadiram seu corpo. Ele passa a ser um exemplo de sua própria identidade (Lacan, 1988e).

Conservo ainda em minha memória recordações cuja impressão só posso descrever genericamente, no sentido de que para mim é como se eu próprio, durante um certo tempo, tivesse também existido em uma segunda forma, espiritual inferior. Deixo de lado a questão de saber se alguma coisa desta natureza seria pensável por meio de milagres, se seria possível pôr-me em um segundo corpo com uma parte dos meus nervos. Posso apenas repetir que tenho recordações que parecem indicar tal possibilidade. Na segunda forma, inferior, da qual conservo a impressão consciente de ter possuído apenas uma reduzida energia intelectual, foi-me dito que havia já existido um outro Daniel Paul

Schreber, intelectualmente muito mais bem-dotado do que eu (Schreber, 1984, p. 65).

“Ele é um outro. Mas é ainda assim o mesmo, que se lembra do outro. Essa fragmentação da identidade marca com seu próprio selo toda relação de Schreber com seus semelhantes no plano imaginário” (Lacan, 1988e, p.119). Flechsig também fica fragmentado até chegar a setenta pequenas almas. “Os homenzinhos” são outro exemplo que configura as identidades múltiplas de um mesmo personagem que penetram Schreber.

Essas palavras são dificilmente traduzidas, mas tem um traço de autênticas, de verdadeiras. Esses homenzinhos, por exemplo, estão na relação com ele por aquilo que ele chama de “apego pelas terras”, que consiste nas terras para além do chão, terras planetárias, que Lacan liga às relações simbólicas das culturas primitivas que nomeavam as constelações. Outro ponto simbólico importante nessa fragmentação de Schreber consiste no fragmento da alma Cassiopeia. Lacan destaca a importância dos irmãos de Cassiopeia, que era o nome da confederação de estudantes na época que Schreber estudava, e que possivelmente fala sobre pontos significativos do narcisismo e da homossexualidade dele. Daí Lacan afirmar que a relação imaginária possui uma rede de natureza simbólica que traz o equilíbrio das imagens para o plano das relações humanas (Lacan, 1988e,).

No entanto, há no delírio um registro que é o outro lado do mundo imaginário. São elementos sem sentido, funcionando apenas como ritornelos, como já afirmado anteriormente. Nesse caso, as porções de imagens se reduziriam a uma unidade que tende a aniquilar a linguagem, aqui representada por Deus. Deus passa a integrar-se a tudo que existe, assim como viver a feminização que Schreber vive (Lacan, 1988e).

3.3 A linguagem

Lacan (1988h) afirma que quando Freud abordou a regressão narcísica da libido na psicose, ele quis dizer que o desejo na psicose se situa em outro plano, diferente daquele onde se situa a neurose. Na neurose, o registro se situa sempre na ordem simbólica, do significante e do significado, enquanto na psicose o registro é outro. O delírio é legível, mas não tem saída.

Aponta que a grande virada da análise da psicose em Freud foi quando ele percebeu que ela não deveria ser pensada a partir da dinâmica das pulsões e sim dos recursos do Eu para se defender destas (Lacan, 1988h). O Eu então, seria o causador da perturbação. Segundo Freud, abordado por Lacan:

Dizem-nos formalmente que o Eu, não sendo mais bastante forte para encontrar pontos de ligação no meio exterior a fim de exercer sua defesa contra a pulsão que está no Isso, encontra outro recurso, que é o de fomentar esta neoprodução que é a alucinação, e que é uma outra maneira de agir, de transformar seus instintos duais (Lacan, 1988h, p. 128).

Tomando como referência a teoria de Freud da forma imaginária de satisfazer os impulsos de necessidade, Lacan (1988h) destaca o quanto essa análise é insuficiente para explicar a psicose. O próprio Freud afirmou que a psicose alucinatória não é o mesmo que o modelo da fantasia em que o indivíduo sente fome e se satisfaz com o sonho da satisfação da fome. O delírio não seria o mesmo que o contentamento de reencontrar o que já foi concedido. Essa explicação até parece convincente, mas não é. É até possível utilizar dessa explicação para interpretar o delírio de Schreber baseado na transformação imaginária do impulso homossexual na sua transformação em mulher de Deus e de como isso funcionou como ordem natural das coisas. Lacan reitera que a psicose não consiste em apenas uma relação imaginária, fantasmática, com o mundo exterior.

A alucinação consiste na história do sujeito, segundo Lacan (1988h). Ele retoma o conceito de inconsciente em Freud para afirmar que o inconsciente é uma construção simbólica que resgata a narrativa do homem que está mais ou menos latente e é indispensável à sua adaptação. Por pensamento inconsciente, Freud quis dizer da coisa que se articula na linguagem. Ele é o discurso do Outro. Funciona no sujeito como uma frase interior que não é todo tempo contínua, havendo suspensão. Uma das funções do Eu é de não ser corrompido por essa frase que pode surgir de forma perturbadora ou velada.

No fenômeno psicótico, é possível ver claramente essa frase se revelar, de acordo com Lacan (1988h). Em Schreber, essa frase se apresenta na relação dele com Deus. A relação dele com a linguagem é marcada por momentos de continuidade e outros de interrupções. Em Schreber, irrompem inúmeras expressões que o colocam confuso. Ele fala, por exemplo, de comportamentos referentes a homens e mulheres e de como não tinha se dado conta deles. Nesse sentido, Lacan elucida que a linguagem não é algo tão natural, o que nos alcança fica sobreposto por expressões que são mais evidentes.

Segundo Lacan (1988o), a linguagem é uma apreensão do real. Ele, afirma que, na neurose, essa relação do sujeito com a linguagem funciona de forma parcelar, por deslocamento (Lacan, 1988h). O sujeito apreende uma parte do texto em detrimento de outro. Em Schreber, temos os pensamentos de todos os pensamentos.

O inconsciente é produzido, de acordo com Lacan (1988o) a partir da linguagem, que funciona nessa trama da relação do significante e do significado. Segundo Freud, mencionado por Lacan, o sintoma é formado por dois conflitos, um atual e um antigo que produz essa duplicidade do significante e do significado. Um conflito antigo é conservado no inconsciente enquanto significante e só ganha significado no conflito atual. No delírio, é possível ver um outro tipo de manifestação do sujeito com o inconsciente.

O funcionamento do inconsciente neurótico é marcado por uma ausência e isso não aparece no delírio de Schreber. Deus está lá e essa relação é marcada por ambivalência, ao mesmo tempo em que Deus está para ele como uma necessidade. Perdê-lo é pensado como uma ruptura que para ele seria intolerável. Sendo assim, Deus está para ele como duplo e a cada vez que ele se afasta, Schreber vive um dilaceramento. Ele produz certezas sobre Deus, afirmando que ele é incapaz de compreender o humano, que ele quer que Schreber se torne idiota. E que é justamente por isso que Schreber se ocupa de ser inteligente. Apresenta ainda questões valiosas para justificar as imperfeições de Deus. E aponta que as almas seriam aquilo que colaboram com o conhecimento de Deus, porque elas se elevam até ele e mandam mensagens em forma de discurso, registros das coisas que se passam na Terra. Lacan revela que esse sistema é um progresso de Schreber para conceber alguma coisa que funcione como ordem simbólica (Lacan, 1988o). Algo que fica entre símbolo e real (Lacan, 1988i).

O delírio do psicótico é o discurso do inconsciente, mas ele está ali de forma não manejável. É um discurso aberto, diferente do discurso neurótico que fica encoberto e precisa de decifração. Como o Eu não funciona como síntese, ele precisa lidar com o discurso estranho que faz parte dele. Na psicose temos um fenômeno específico da linguagem (Lacan, 1988i).

Voltemos a Schreber. Dizem que eu sou paranoico, e dizem que os paranoicos são pessoas que relacionam tudo a elas. Nesse caso, eles se enganam, não sou eu que relaciono tudo a mim, é ele que relaciona tudo a mim, é esse Deus que fala sem parar no interior de mim mesmo por meio de seus diversos agentes e prolongamentos. É ele que tem o hábito desgraçado, seja o que for que eu experimente, de me fazer logo notar que isso me visa, ou mesmo que isso me cabe... Naturalmente, estamos num jogo de miragens, mas não é uma miragem ordinária a desse Outro considerado como radicalmente estranho, como errante, e que intervém para provocar perto do sujeito na segunda potência uma convergência, uma intencionalização do mundo exterior, que o próprio sujeito,

na medida em que se afirma como Eu, repele com grande energia (Lacan, 1988i, p. 160-161, par. 1 e 2).

No modo de funcionar neurótico, o sentido, como dito anteriormente, vai sempre em direção a alguma coisa, remetendo a alguma coisa adiante ou voltando sobre ele mesmo. A indicação da coisa é o ponto de parada, e isso ocorre no nível do ser. No caso do delírio, estamos diante de um discurso que Lacan (1988i) chama de perpétuo, em que o sujeito se desliga do Outro. Embora seu discurso se apresente suspenso, ele passa por alguma ordem da linguagem. No caso de Schreber, ele está na linguagem naquilo que ele denomina em primeiro lugar de milagre do uivo, que consiste em impeli-lo a dar um grito contínuo e se tiver algo na boca isso pode fazê-lo cuspir. Lacan aponta aqui a boca como função a-significante. Os apelos de socorro que é ouvido pelos nervos, assim como os apegos às terras possuem uma significação. A relação dele com os ruídos exteriores se relacionam, portanto, com um sentido humano.

Do milagre do uivo ao apelo de socorro, é possível ver a transição que o marca enquanto sujeito. Lacan (1988i) indica que essa passagem é marcada por um vínculo erotizado. Schreber deixa de completar as frases interrompidas e passa a se relacionar com Deus; dessa relação surgem as significações, mas os elementos estão ali de forma dissociada. Nesse sentido, Lacan anuncia a passagem dos raios ao discurso divino como uma possibilidade de alcançar a estrutura significante e a significação. E destaca a diferença da alucinação enquanto aquilo que está entre realidade e irrealidade, sendo que esta se assemelha a uma novidade enquanto aquela outra inventada pelo sujeito tem relação com uma realidade criada.

3.4 O fenômeno psicótico

De acordo com Lacan, quando Freud aborda a realidade, ele apresenta algumas contradições. Na etapa do autoerotismo, Freud afirma que não há para criança mundo exterior. Verifica-se em Lacan (1988j) que essa realidade é questionável, na medida em ela não existe enquanto ambiente. Quando o bebê funciona num ritmo de sono, ele reitera que isso não tem relação com a experiência e sim com códigos significantes. Para que o dia exista, o ser humano coloca o dia e daí vem a presença do dia. O mundo de linguagem já está aí antes que a criança saiba articulá-la. Existe, a princípio, uma parição primitiva do significante que o coloca o dia, por exemplo, como não estando em parte alguma.

A *Verwerfung* mencionada por Freud e que Lacan (1988j) alega como mecanismo fundamental da paranoia, trata-se da exclusão de um primeiro corpo de significantes e é

justamente esse corpo que para Freud constitui realidade, já que ela é estruturada pelos significantes. Para Lacan (1988j), a apreensão da realidade pelo sujeito tem a ver com a existência, esse processo fundamental que faz o organismo psíquico separar aquilo que faz parte dele daquilo que é objeto.

Trata-se – é Freud que fala aqui, não eu – de um pôr à prova do exterior pelo interior, da constituição da realidade do sujeito na redescoberta do objeto. O objeto é reencontrado numa busca, aliás não se encontra jamais o mesmo objeto. Essa constituição da realidade, tão essencial para a explicação de todos os mecanismos de repetição, inscreve-se na base de uma primeira bipartição, a qual recobre curiosamente certos mitos primitivos, que evocam alguma coisa de primordialmente manco que foi introduzido no acesso do sujeito à realidade humana. Eis o que é suposto por essa singular anterioridade que, na *Verneinung*, Freud dá o que ele explica analogicamente como um julgamento de atribuição, em relação ao julgamento de existência. Há na dialética de Freud uma primeira divisão do bom e do ruim que só pode ser concebida se a interpretarmos como a rejeição de um significante primordial (Lacan, 1988j, p. 179).

Quando Freud fala do aparelho psíquico, segundo Lacan (1988j), é para explicar os fenômenos da memória. A memória trabalha regularmente e é constituída por mensagens que chegam uma atrás da outra e que Lacan compara a luzes elétricas que acendem e apagam. No entanto, a memória, no processo primário (o princípio do prazer) não se apaga e continua a circular, colocando o ser humano na condição de repetir as experiências. A memória tem zonas de inconsciente e pré-consciente, e pelo pré-consciente se chega à consciência. O sujeito se defende não lembrando daquilo que lhe causa desprazer, ele vive uma regressão afetiva que o leva a uma regressão tópica. Nesse sentido, na neurose, o ego funciona numa eterna discordância que o coloca se servindo de todos significantes que estão à sua disposição.

Lacan (1988j) destaca na carta 52 de Freud a *Fliess* um termo: *Wahrnehmungszeichen*. Freud o define como: “(indicação de percepção) é o primeiro registro das percepções; é praticamente incapaz de assomar à consciência e se dispõe conforme as associações por simultaneidade” (Freud, 2006z, p. 282). Lacan chama esse significante de primordial.

Para compreender isso, refiram-se ao que Freud constantemente levou em conta, a saber: que é preciso sempre supor uma organização anterior, pelo menos

parcial, de linguagem, para que a memória e a historicização possam funcionar. Os fenômenos da memória pelos quais Freud se interessa sempre são fenômenos de linguagem. Em outros termos, é preciso já ter o material significativo para fazer significar seja o que for (Lacan, 1988j, p. 179).

Lacan (1988j) afirma que o significante pode estar nesse começo, mas não é nada se o sujeito não o faz entrar em sua história. E ele é possível de ser historicizado a partir do desejo sexual que promove a entrada do sujeito pela primeira vez na lei.

Na fala do psicótico, onde se realiza o ser, o Outro é excluído. É um discurso puramente verbal, que Lacan (1988b) destaca como imaginário. O imaginário está ligado ao pré-verbal, ao pré-consciente. São impressões que o sujeito recebe do mundo que vive enquanto criança. Ele se inscreve na linguagem, mas não tem uma estrutura de linguagem. O pré-consciente é encontrado em Freud na regressão ao Eu. O que marca a distinção do imaginário para o simbólico está na ideia de significação que Lacan denomina como natural. Ele faz aqui uma relação com os animais que, no acasalamento, possuem comportamentos definidos por sinais. No ser humano, isso não está tão claro, mas é possível sugerir que nele exista um rasto que não seja efêmero e que não precise que ninguém o reconheça. Na relação do significante, não se trata desse rasto que é referido ao objeto, mas sim de um jogo de remeter a outro sinal que marca a ausência desse sinal, trabalhando em termos de um par de oposição. Na neurose, por exemplo, quando algo da relação anal e homossexual (pertencentes ao imaginário) chega ao sujeito, isso aparece por meio de questões: “Quem Eu sou?” ou “Sou Eu um homem ou uma mulher?”. Essas perguntas são colocadas a partir de um reconhecimento simbólico.

É na consciência, segundo Lacan (1988p) que o significante, por meio de outro significante, ganha significado. Na pré-consciência, há uma ligação com as alucinações que ficam ligadas ao vocábulo. Aqui existe uma ligação com a memória que não acontece na consciência; seria, pois, a memória pura.

Considerando que Lacan (1988q) afirma que a relação do sujeito com os significantes é adquirida por meio de uma ordem que, na neurose, é possível pelo superego, o qual funciona como universo dos significantes, trabalhando justamente nesse ponto de não significar nada e dar várias significações, como seria a relação então com o significante na psicose? Na psicose, alguma coisa não se realiza no domínio do significante e na condição pré-psicótica o sujeito se vê diante de um impasse. E como o Outro foi excluído enquanto quem possui o significante, ele passa a ser afirmado no outro com minúscula, como sendo da ordem do imaginário e

fenômeno do entre-eu. Por não conseguir se produzir como um enigma, ele responde por meio desse estado puro para dizer que se trata do significante.

3.5 O Eu na psicose

No seminário cinco, Lacan (1999a) afirma que a criança já vem ao mundo no plano da simbolização e se introduz na ordem dos significantes. Na relação da criança com o objeto materno, essa simbolização se dá porque a criança não tem relação só com o objeto que a satisfaz ou não a satisfaz. Já é possível falar de uma relação triangular que a vincula ao desejo materno. Ela interessa-se por coisas da realidade ligadas à percepção e sua percepção está relacionada ao estágio do espelho.

O estágio do espelho é o encontro do sujeito com aquilo que é propriamente uma realidade e, ao mesmo tempo, não o é, ou seja, com uma imagem virtual, que desempenha um papel decisivo numa certa cristalização do sujeito à qual dou o nome de sua *Urbild*. Coloco isso em paralelo com a relação que se produz entre a criança e a mãe. Grosso modo, é disso mesmo que se trata. A criança conquista aí o ponto de apoio dessa coisa no limite da realidade, que se apresenta para ela de maneira perceptiva, mas que, por outro lado, podemos chamar de imagem, no sentido de que a imagem tem a propriedade de ser um sinal cativante que se isola na realidade, que atrai e captura uma certa libido do sujeito, um certo instinto graças ao qual, com efeito, um certo número de referenciais, de pontos psicanalíticos no mundo, permite ao ser vivo ir organizando mais ou menos suas condutas (Lacan, 1999a, p. 233).

A imagem do corpo, segundo Lacan (1999a), é construída a partir da ilusão do sujeito de satisfazer o desejo do objeto materno que corresponde ao Outro. Por ser uma incorporação daquilo que o Outro deseja, é uma coisa que existe e não existe. A realidade da criança é possível a partir dessa identificação mãe e criança, que são referenciais em forma de significantes, e essa referência é imaginária. O simbólico é possível por meio da identificação ao Ideal do Eu que se faz no nível paterno. O pai é aquilo que proíbe o desejo materno, permitindo a passagem do objeto imaginário ao objeto proibido. O Ideal-de-eu está oposto à relação do Eu como objeto da mãe, e passa a ser ameaçado pelo representante Nome-do-Pai.

O falo é o objeto imaginário que satisfaz o desejo materno. Identificar-se com ele é um meio de alcançar uma cristalização do Eu. Se, por um lado, essa condição ilusória possibilita ao sujeito um alcance da realidade, por outro, ele também permite as suas primeiras identificações enquanto Eu para se subjetivar. A criança assume representações a partir de elementos significantes da realidade e passa a se fazer realidade. Nesse caso, o sujeito se faz como reconhecível e não apenas como elemento imaginário da mãe e se compõe para além do objeto materno, o pai. Lacan (1999a) reitera que para isso acontecer de forma completa, deve haver no sujeito uma relação em direção ao pai, produzindo uma dialética na relação da criança e mãe. O delírio é uma regressão estrutural. Os fenômenos do significante ficam em torno do Eu e ele é sustentado por alucinações verbais. Nesse caso, estamos diante de um Eu em seu estado de gênese.

Como já mencionado, as significações estão submetidas às leis do significante. No âmbito do ser homem ou mulher, Lacan (1988c) afirma que há significantes que concebem o ser que não são possíveis de serem representados. E eles estão nas palavras, e não precisam ser vocábulos verbalizados, podem estar em algum sinal: nos povos chamados primitivos, por exemplo, poderia estar nas pedras ou em pinturas.

O Complexo de Édipo é o que Lacan (1988c) atesta como sendo o que faz ao ser humano aderir a uma estrutura de realidade que é possível pelos significantes. Na psicose, aparece um puro significante que não é a mesma coisa que os significantes de base, que consistem em significantes primordiais que têm relação com a filiação de um indivíduo, sendo essenciais para o ser humano se reconhecer como pertencente àquele meio. Como na psicose algo não se completou no Complexo de Édipo, o sujeito fica diante de um buraco, da falta ao nível do significante. Enquanto na neurose o sujeito se coloca questões, na psicose a resposta vem antes da questão ou a questão se coloca sozinha e ela vem onde não há significante.

Lacan trabalha (1988c) com a analogia do tamborete com três pés, afirmando que há sujeitos que ficam em pé com o tamborete de três pés, mas eles não sabem que falta um pé a ele. Ele fica bem até que em certo momento se defronta com essa constatação que já estava ali. Dar-se conta dessa falta do significante coloca o sujeito a reconsiderar todo o conjunto de significantes.

Lacan (1988c) localiza essa falta na função do pai. O pai é essencial no Complexo de Édipo para impor a virilidade ao filho. Sem ter como assumir o significante pai no simbólico, o sujeito se apega à imagem da função paterna sem funcionar na dialética triangular. Trata-se de uma imagem baseada na potência, na agressividade. E como se situa no plano imaginário, a imagem adquire uma função sexualizada sem nenhum intermediário, não possuindo

identificação. A relação imaginária funciona sozinha e por isso não deixa espaço para distinguir o Eu do outro. A alienação é radical, havendo um aniquilamento do significante e o recurso que sobra ao sujeito para se fazer homem é lidar com identificações de forma maciça por personagens.

Lacan (1988d) declara que Schreber retrata esse furo por meio da expressão “o assassinato d’alma”, já mencionado anteriormente. Segundo Schreber (1903/1984), ele consiste na possibilidade de interferência do sistema nervoso de uma pessoa sobre a outra. Ele usa esse termo para dizer que a alma aprisionou a sua, anulando sua vontade própria.

Mas no meu caso, desde a mencionada reviravolta crítica em minha doença nervosa, ocorre que meus nervos são postos em movimento a partir do exterior, e isto incessantemente, sem interrupção. A capacidade de interferir deste modo sobre os nervos de uma pessoa é, antes de mais nada, própria dos raios divinos; isto decorre do fato de que Deus sempre esteve em condições de inspirar sonhos a uma pessoa adormecida. Eu mesmo senti esta influência inicialmente como proveniente do professor Flechsig (Schreber, 1984, p. 51).

Esse furo tem a ver com o ser, que Lacan (1988d) chama de eclipse de seu ser. O sujeito tem a sua imagem e a do Outro, que está junto à primeira, isto é, a imagem do Eu e o ideal do Eu. Ocorre que ele se perde do Outro e no lugar surge o outro imaginário que o captura de forma radical na alienação, negando-o e assim o matando. Em Schreber, isso fica exemplificado quando ele fala em seu delírio dos “homenzinhos”. Lacan destaca esse termo como o crepúsculo do seu mundo, um retorno às origens:

Ficou já dito no capítulo anterior que em consequência do meu nervosismo sempre crescente e da intensa força de atração dele resultante, um número cada vez maior de almas defuntas se sentia atraído por mim – em primeira linha sempre aquelas que, por causa das relações pessoais, em vida pudessem ter ainda conservado um particular interesse por mim -, para depois se volatizar em minha cabeça ou em meu corpo. Em casos muito numerosos, o processo terminava da seguinte maneira: as almas em questão, na qualidade dos chamados “homúnculos” – figurinhas minúsculas de forma humana, mas talvez apenas de alguns milímetros de estatura – acabavam por viver uma breve existência em minha cabeça, para depois desaparecer completamente. Suponho que estas

almas que à primeira aproximação talvez ainda dispusessem de um número bastante grande de nervos, tendo por isso uma forte consciência de identidade, devido à força de atração, a cada aproximação perdiam uma parte dos seus nervos em favor do meu corpo para finalmente consistirem apenas de um único nervo, que então – com base em uma conexão prodigiosa, posteriormente não esclarecida – assumia a forma de um homúnculo, no sentido acima indicado, como última forma de existência da alma em questão, antes de desaparecer por completo (Schreber, 1984, p. 63).

Como o sintoma psicótico é o que está na relação do homem com o significante, Lacan (1998) afirma que a alucinação de Schreber é a composição neológica da língua dele. O significante está aí, mas não significa. É uma relação da mensagem com ela mesma. Isso se relaciona com o que diz Schreber quando menciona “anexação-de-nervos” e “raios divinos”, que têm como natureza o dever de falar: “É da natureza dos nervos esforçar-se espontaneamente por encontrar o que falta para chegar a um pensamento completo que satisfaça o espírito humano, quando desse modo se lançam dentro deles palavras desconexas ou frases interrompidas” (Schreber, 1984, p. 148).

Lacan (1998) afirma que nessa lógica contém um efeito do significante que traz a significação da significação, que encontra o vazio. O significante vai reduzindo as alucinações a ritornelos até chegar à despersonalização de Schreber.

Os gritos de socorro da parte dos nervos de Deus que se destacam da massa total, cujo tom de lamentação é mais forte quanto maior for a distância à qual Deus se retirou para longe de mim, e, portanto, maior é o caminho que estes nervos precisam percorrer, em um estado de angústia manifesta (Schreber, 1984, p. 142).

Segundo Lacan, a posição do sujeito de Schreber se caracteriza pelo abandono fundamental do Nome-do-Pai e o coloca na condição de “deixado largado” por Deus, que pode ser traduzido como: “ocupando o lugar do filho recusado às esperanças de sujeito” (Lacan, 1998, p. 570).

Deste modo foi preparada uma conspiração dirigida contra mim que tinha como objetivo, uma vez reconhecido o suposto caráter incurável da minha doença

nervosa, confiar-me a um homem de tal modo que minha alma lhe fosse entregue, ao passo que meu corpo devia ser transformado em um corpo feminino e como tal entregue ao homem em questão para fins de abusos sexuais, devendo finalmente ser “deixado largado”, e, portanto, abandonado à putrefação (Schreber, 1984, p. 56).

Lacan (1988q) aponta que, nesse processo de esvaziamento do significado que vai tomando conta do significante, não é possível encontrar metáfora. Para que haja metáfora, é preciso que haja significação e que ela sofra flexão. No fenômeno psicótico, a relação com o significante funciona por contiguidade, por metonímia. Nesse caso, a substituição ocorre no nível do nome, que funciona nomeando alguma coisa por outra no nível do continente, da parte, ou da conexão.

3.6 A estabilização do Eu

Segundo Lacan (1999b), o Complexo de Édipo tem como função a assunção do sexo, a virilidade e a feminização, e está ligado à função do Ideal de Eu. Essa questão se encontra na função do pai, sendo o pai aquele quem interdita a mãe e se relaciona à lei primordial da proibição do incesto. Nesse sentido, Lacan afirma que o pai seria uma metáfora. É um significante que vem no lugar de um significante, substituindo o significante materno, que dá a dimensão que há outra coisa que ela deseja. A posição do Nome-do-Pai é uma necessidade da cadeia significante, é a partir dessa função que as significações são colocadas.

A noção do pai, segundo Lacan (1988r), é o ponto de basta entre o significante e o significado. Na psicose, o significante e o significado se apresentam sob uma forma completamente dividida. Lacan (1988s) diz que há em Schreber uma qualidade própria que não está no nível da significação, mas da sua significância. Seu mundo se reconstrói no plano imaginário e o sentido recua para outros lugares. A palavra primeiro alcança para depois entrar num sentido vazio.

Na crise de Schreber, o significante que é colocado em suspenso é a procriação que diz respeito ao ser pai, de acordo com Lacan (1988t). O ser pai só é possível de ser acessado por meio do significante, diferentemente da mãe que, por meio da copulação, carrega em seu ventre um filho. Mas a procriação, embora esteja ligada à copulação não se trata necessariamente disso. Como no próprio Schreber falta esse significante, ele se embaralha com essa noção de procriar, tendo ele mesmo ficado prenhe.

Nesse contexto, Lacan usa o termo “estrada principal”, por onde se abre uma rede de pequenos caminhos. Ele aponta que por onde falta a estrada principal, o que funciona como elo para ligar as pequenas estradas de um ponto a outro seriam as placas com as palavras escritas. Por essa razão que é a partir da tomada de notas que Schreber evoca seus pensamentos, os registra e os endereça (Lacan, 1988s).

Lacan (1998) afirma que esse furo no significado decorrente da falta no Nome-do-Pai, trazendo uma infinidade de remanejamentos dos significantes através do imaginário, é possível de se estabilizar através do significante e significado, graças à metáfora delirante. Em Schreber, se imaginar mulher e pensar estar prenhe é a estrada por onde ele realiza a função de ser pai (Lacan, 1988t).

Em *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*, Lacan (1998) afirma que o trabalho de estabilização é realizado por Schreber a partir da efetivação da sua emasculação. No imaginário, o recurso que ele encontra de ser transformado em mulher e não ter o pênis solucionaria a questão de ele não ter o falo para ser o falo, visto que a identificação que o sujeito assumiu em relação ao desejo da mãe foi abalada e, nesse caso, pela impossibilidade de ser o falo da mãe, seu inconsciente encontrou a solução de tornar-se a mulher que falta aos homens. No entanto, o apelo aos homens fracassou, eles tornaram-se “homens feitos às pressas” e a próxima solução foi a aceitação de seu destino: a morte.

Particularmente esta última representação ficou reforçada pelo fato de que por muito tempo se falou de duas enfermidades pouco conhecidas na Europa, a peste e a lepra, que teriam sido propagadas pela humanidade e cujos vestígios apareciam no meu próprio corpo. Quanto à lepra, não posso afirmá-lo com muita segurança; ao menos poderia ter se tratado apenas de leves sinais desta doença, uma vez que não tenho uma lembrança segura dos seus sintomas característicos. Tenho, contudo guardados na memória os nomes das diversas formas em que a lepra se apresentaria. Mencionavam-se a Lepra orientalis, a Lepra índica, a Lepra hebraica e a Lepra aegyptica. Como leigo que sou em Medicina, nunca ouvi anteriormente estas expressões, nem sei se correspondem aos termos técnicos adotados na ciência médica para as respectivas formas da doença. Recordo-as aqui também para refutar a hipótese de que no meu caso se tenha tratado de meras ilusões dos sentidos simuladas pelos meus próprios nervos: pois como poderia eu, sem qualquer conhecimento próprio das modalidades da mencionada doença, chegar por mim mesmo a tais expressões? Fala a favor do

fato de que devem ter estado presentes em mim certos germes de lepra a circunstância de que durante um certo tempo fui induzido a pronunciar certas fórmulas de esconjuro que certamente soavam estranhas, como: “Eu sou o primeiro cadáver leproso e conduzo um cadáver leproso” (Schreber, 1984, pp. 75-76).

Lacan (1998) destaca a morte de Schreber para exprimir a regressão tópica do sujeito ao seu duplo reduzido à morte: chegar ao estado de antes do jogo imaginário em que foi possível a unificação do corpo, chegar naquela condição em que ele se encontrava como morto.

O recurso último que Schreber encontra para seu delírio é a união ao divino que Lacan (1998) coloca como um lugar que fica entre o gozo narcísico de sua imagem e da alienação da fala, que coloca o Ideal de Eu no lugar de Outro. A união sexual entre ele e Deus como solução para repovoar a terra fica no ideal, visto que ele já havia dito em sua obra que a união de Deus com a humanidade estaria vinculada a certos perigos e que Deus não seria capaz de lidar com homens vivos.

Durante muitos anos, depois da reviravolta nas minhas próprias concepções, descrita no capítulo XIII, vivi na suposição de que um dia, finalmente, deveria ocorrer uma verdadeira emasculação (transformação em uma mulher); particularmente durante o tempo em que acreditei que o resto da humanidade tinha perecido, a solução me parecia um requisito indispensável para preparar uma renovação da humanidade (Schreber, 1984, p. 189).

A relação com Deus, a partir daqui, perde a mistura e ganha o apelo a Deus, que marca o significante do Outro (Lacan, 1998). Assim, foi possível produzir uma metáfora delirante que estabilizou o significante e significado.

Feito essa caminhada, pode-se dizer que Lacan, assim como Freud, trouxe o Complexo de Édipo como aquilo que dá corpo ao ser humano, o que permite aderir a uma estrutura de realidade. Pode-se dizer que o pai em Freud e o significante nome-do-pai em Lacan dizem da mesma coisa. Lacan apoiado na teoria da linguagem consegue avançar quando abrange que a realidade é o reencontro com o objeto do desejo. E que na psicose, como Freud (2006k) já havia introduzido em *Projeto para uma psicologia científica*, o sujeito, no lugar de reencontrar o objeto, ele dispenderia sua catexia pelo mesmo sinal da indicação de realidade, que Lacan menciona como encontro do sujeito com o próprio Eu.

Lacan aponta que o Eu se realiza pelas leis do significante. Ele assume representações por meio dos elementos significantes da realidade e se faz realidade. Na psicose, os significantes ficariam em torno do Eu sustentado por alucinações verbais e teríamos um Eu em seu estado de origem, como foi também explorado no capítulo dois. Isso porque na *Verwerfung* mencionada por Freud, há uma exclusão de um primeiro corpo de significantes, que Freud (2006w), menciona em *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos* como falha do teste da realidade. Como a apreensão da realidade chega como existência, temos uma questão fundamental que fala sobre o viver desses sujeitos.

Schreber encontra maneiras de viver por meio da escrita, Lacan usou a metáfora das placas escritas nas pequenas estradas quando falta uma estrada principal. Ele, por meio da escrita do seu livro, conseguiu endereçar seus pensamentos. Produziu uma metáfora delirante, que consistiu no desfecho do seu delírio. A solução que ele encontrou para sua realização de transformação em mulher e a condição para a continuação da humanidade na Terra, ocorreria por meio da união sexual à Deus. Toda essa solução ficou no sentido do apelo.

O último capítulo se apresenta como uma tentativa de abordar, de forma breve, a clínica na psicose, com destaque para o desejo do analista, que se configurou pelo deslumbramento de Lacan por Aimée.

Capítulo 4 - O caso Aimée: a clínica da psicose

*“-Por que ela me quer?
-Ela quer algo para amar, algo que não seja ela mesma.
Ou talvez ela queira algo para comer.
-Mães não comem suas filhas.
-Não sei. Que gosto você tem?”*

*“-Disse que nos amava. Mas nos trancou aqui.
E comeu nossas vidas.”*

(Coraline, 2021).

4.1 A história de Aimé

O intuito de estudar a história de Aimée é trazer para a experiência clínica como se dá a invasão do outro minúsculo e fundamentar uma aposta para escuta clínica na psicose. Lacan (2011a) escreve sua tese de doutorado baseada nesse caso que ele afirmou ser o mais significativo de sua clínica. Ele nomeia a paciente de Aimée, que é uma das personagens de um dos romances da paciente. Ela tinha 38 anos quando deu entrada na clínica do Asilo de Sainte-Anne. Sua internação foi decorrente de um atentado que cometeu contra uma das atrizes mais famosas de Paris. Ela agrediu a atriz com uma faca e ela se defendeu segurando a lâmina, o que causou um ferimento nos tendões fletores dos dedos. Segundo Aimée, a atriz vinha zombando dela e a ameaçando. Aimée foi presa e depois encaminhada para internação.

Sobre os dados da história de Aimé, Lacan (2011a) afirma que ela tinha duas irmãs e três irmãos. A mãe havia engravidado oito vezes, tendo três filhas antes de Aimée. Desses oito, seis ficaram vivos. Uma das filhas morreu queimada decorrente de um acidente em que caiu na frente de sua mãe na boca de um forno aceso. Afirma que a mãe era considerada pela família como tomada por “loucura de perseguição”.

Sobre a parte profissional, Lacan (2011a) relata que Aimée foi empregada na administração de uma companhia ferroviária. Antes do episódio que a levou a essa última internação, havia sido afastada do trabalho por 10 meses por problemas mentais. Nesse período, pediu para ser transferida para Paris, se afastando do filho e marido e fazendo somente visitas periódicas a eles.

Abaixo consta relato do médico referente a primeira internação:

Distúrbios mentais que evoluem há mais de um ano; as pessoas com as quais ela cruza na rua dirigem-lhe insultos grosseiros, acusam-na de vícios

extraordinários, mesmo se essas pessoas não a conhecem; as pessoas de seu meio falam mal dela o mais que podem e toda a cidade de Melun está a par de sua conduta, considerada como depravada; ela também quis deixar a cidade, mesmo sem dinheiro, para ir a qualquer lugar. (Chatelin citado em Lacan, 2011a, p. 149).

Ela saiu dessa primeira internação a pedido da família e, segundo os próprios termos do Lacan (2011a), “não curada”. Antes do atentado contra a famosa atriz, tinha despertado a atenção da polícia por duas vezes. A primeira foi decorrente de sua insistência em publicar artigos em um jornal comunista, sendo repelida. E a segunda por agressão a uma funcionária de uma editora que recusou seu manuscrito. Nesse último episódio, ela teve que pagar uma indenização por afastamento temporário dessa funcionária por incapacidade de trabalhar. Antes de tudo isso, ela havia feito uma queixa ao delegado do bairro contra o jornalista comunista e contra a editora.

Depois da internação, Lacan (2011a) aponta que os delírios de Aimée foram reduzidos. Restou, no entanto, o delírio de que suas atitudes foram justificadas porque queriam matar seu filho. Esse tema já havia aparecido dez anos antes da última internação. Ela já era perseguida com a ideia de que era criticada e desprezada e de que queriam a morte de seu filho. Na sua primeira gravidez, ela deu à luz a uma menina natimorta que sofreu asfixia por circular de cordão, e Aimée ligou a morte da criança aos seus inimigos, o principal deles seria uma amiga. Na segunda gravidez, ela teve um filho que, de acordo com ela, também sofria riscos de ameaças. Pediu demissão da empresa em que trabalhava com o plano de ir morar nos Estados Unidos e virar romancista. A família a internou. Após essa internação, ela voltou a cuidar do filho, mas pediu à empresa que mudasse de cidade, porque queria conhecer os inimigos que a perseguiram, além do intuito de realizar um grande destino. Foi deslocada para Paris. Ligou as ameaças que sofria contra seu filho à atriz contra a qual cometeu o atentado posteriormente. Segundo Aimée, um dia, quando estava tentando descobrir de onde vinham as ameaças contra seu filho, escutou as colegas falarem sobre a atriz. Ela já havia falado mal da atriz, se referindo a ela como puta e ligou isso às ameaças.

Além da atriz, Lacan (2011a) relata que ela se sentia perseguida também por uma romancista que ela criticava por ser adulada pelo público e viver no luxo. Ao mesmo tempo, ela mesma deixou escapar que desejava tudo isso. Outro perseguidor foi o romancista P.B. e, nesse caso, seu delírio era erotomaníaco. Já outros perseguidores – os redatores do jornal –

queriam seu mal e lhe faziam ameaças, além de terem copiado seus romances não publicados e seu diário.

Todas essas personagens, com efeito, artistas, poetas, jornalistas, são odiadas coletivamente como grandes provocadores dos infortúnios da sociedade. “Trata-se de uma rale, uma raça”; eles “não hesitam em provocar por suas bazófias o assassinato, a guerra, a corrupção dos costumes, para conseguir um pouco de glória e prazer”. “Eles vivem”, escreve nossa doente, “da exploração da miséria que desencadeiam” (Lacan, 2011a, p. 149).

Ela expõe, segundo Lacan (2011a), um encantamento com a vida de criança, alguma coisa no sentido de acabar com a maldade na Terra. A sua preocupação com o mundo e com a guerra se misturava com as preocupações com seu filho. Aimée afirmava que os governantes haviam se esquecido dos perigos e ela deveria alertá-los por meio de um discurso, recorrendo às autoridades, a P.B e ao príncipe de Gales. O príncipe de Gales passou, então, a ser objeto da sua erotomania. Ela lhe mandava poemas, memoriais, cartas, mas sem assinar. O delírio só ganhou característica delituosa a partir do momento que ela se viu impedida de publicar, porque acreditava que, com a publicação dos seus romances, seus inimigos se afastariam, já que eles representavam uma maneira de ela se explicar para eles.

Oito meses antes do atentado à atriz, ela pediu ao marido um revólver para amedrontar aqueles que zombavam dela, mas ele recusou seu pedido. A partir desse episódio, ela passou a assinar as cartas ao príncipe de Gales e dois romances. Eles foram devolvidos com um aviso de que havia regras da majestade que o impediam de aceitar presentes daqueles que não fossem conhecidos. A devolução dos romances com o documento só chegou quando ela já estava presa. Pouco antes do atentado, ela pediu o divórcio e quis fugir com o filho, afirmando para a irmã que o marido lhe batia e batia na criança e que, se não divorciasse, ela o mataria. Nesse período, ela passou a ir com mais frequência à casa onde moravam seu marido e filho, e acompanhava seu filho na entrada e saída da escola. Na noite do atentado, ela pensou em encontrar seu filho e foi até o teatro atacar atriz (Lacan, 2011a).

4.2 A personalidade de Aimée

Lacan (2011a) menciona que o delírio estaria ligado à personalidade. Ele separou alguns fragmentos dos dois romances que Aimée enviou à majestade, que destacou como sendo o

último recurso antes do seu ataque à atriz. Em um deles, Lacan percebeu aquela característica do deslumbramento com as experiências infantis, os perigos sendo evitados, a fantasia de metamorfose de seu sexo e um devaneio que destacou como sendo uma fusão afetiva, denominando-a de expansão sem limite do Eu.

Tenho um sonho: os animais dos bosques abandonaram suas forças, suas asas, seu veneno, eu os reúno, incito-os na longa rota; os primeiros, os grandes são feitos de modo a se safar sob as árvores, os pequenos seguem, cuidado com os preguiçosos! Eu os esmago com minhas sandálias novas, o rebanho avança, upa! Todos em vagões e a lua também está muito contente por viajar, eu acompanho como mestre meus estranhos amigos: nas refeições como leão, bebo a seiva na casca de um carvalho novo, aspiro a copa da madressilva, descasco o rizoma do feto e separo em duas as tolhas do álamo para simular ares de vitória (Lacan, 2011a, p. 182).

Em um dos capítulos do livro de Aimée, aparece uma cortesã que perturba a inocência do ambiente. A partir de então, o mal alcança a heroína. A mãe fica doente, as crianças ficam nervosas e a multidão passa a amar o mal. No final do romance, a heroína e as crianças morrem (Lacan, 2011a).

Todo esse aspecto artificial surpreende, ela expulsou o natural, os aldeões não olham mais as outras mulheres. Ela sabe como manejar os homens! Passa os dias na sua banheira, depois a cobrir-se de enfeites; mostra-se, intriga, maquina.... (Lacan, 2011a, p. 184).

De acordo com Lacan (2011a), o segundo romance de Aimée é uma sátira. Nele, assim como no primeiro, existe o desejo de alcançar condições melhores, a idealização pela moradia no campo como o lugar sem perigo, além da ideia de “pureza” das mulheres do campo e repulsa pelas mulheres fora da cidade que, como mencionado no primeiro romance, atraem os homens. A religião é tida como um milagre porque, segundo ela, casar-se na igreja seria um meio de ser perdoada por ter sido desagradável com o marido e ter feito cenas por alguma coisa, usando para isso a expressão “por tê-lo feito perder a cabeça” (Lacan, 2011a, p. 195). Ela anseia pelo:

[...] dia em que cada um terá em sua casa os meios para se servir e não terá de contar com uma solidariedade que não existiu ainda, onde cada um terá seu sítio onde se trabalhará por turnos, longe do agrupamento das cidades, onde cada cidade se estenderá – Londres dá um exemplo único disso-, se alinhará para chegar até o campo, onde o solo surribado fará os rebeldes voltar a terra. Vocês mudarão também as histórias do carvão em histórias de cavoeiros. Embora haja matizes, as mulheres de província são mais potáveis que as das cidades, o ambiente as projete (Lacan, 2011a, p. 194).

Para além dos romances, Lacan (2011b) afirma que Aimée, desde a infância e a adolescência, relatou contradizer a autoridade do pai por meio de penteados e acessórios das roupas. Ela tinha esperanças de que a inteligência lhe daria validade e privilégios na relação com seus parentes. Sua mãe, por exemplo, a tratava de modo mais privilegiado que sua irmã e, por isso, a irmã guardaria mágoas dela. Aimée se saiu bem na escola pública e foi a primeira da família a ir para a escola primária superior na cidade vizinha. As professoras acreditavam que ela teria sucesso e responderia às ambições da família. No entanto, ela desistiu. A partir daí, passou a não tomar mais decisões, além de apresentar uma ambição que Lacan classificou como inadaptada. Junto a isso, apresentou o sintoma de excesso de moralidade.

Desse período pregresso, Lacan (2011b) menciona ainda um relato que a comoveu muito, referente à perda de uma amiga na adolescência de tuberculose pulmonar. Na vida adulta, Aimée entrou no serviço público, mudou-se de sua terra natal e morou um período de três meses numa cidade pequena com um tio que era casado com sua irmã mais velha. Nesse período, ela se apaixonou por um homem que Lacan qualificou de Don Juan. Ela o encontrou algumas vezes, gerando fofoca. Segundo Aimée, ele disse que ficou com ela para ganhar uma aposta. Depois desse período nessa cidade, ela foi transferida para uma outra na qual permaneceu por três anos. Após a mudança, continuou a se corresponder com o Don Juan e não deu chances a nenhum outro pretendente. Foi nessa terceira cidade que ela inverteu o afeto que sentia por ele, transformando-o em ódio (2011b).

Nessa nova cidade, Lacan (2011b), afirma que ela viveu durante quatro anos e estreitou laços com uma amiga de trabalho que apresentava algumas características significativas. Era uma mulher que, pouco tempo antes de trabalhar com Aimée, havia pertencido a uma família nobre e tinha uma relação com o trabalho de indiferença por considerá-lo inferior. Ela organizava festas que duravam até tarde, ao mesmo tempo em que era rigorosa com a religião

e recato. E foi por meio dessa amiga que ouviu falar da atriz contra a qual tempos depois cometeu o atentado.

Dessa relação, Lacan afirma que Aimée, ao mesmo tempo que considerava a amiga incrível, sofria por ela ser tão diferente. A amiga chegou a afirmar que ela era masculina e a própria Aimée afirmou se sentir masculina. “Eu tenho tal curiosidade, nos diz, sobre a alma masculina, sinto um imenso fascínio por ela.” (Lacan, 2011b, p. 225).

Aimée se casou, conforme Lacan (2011b), para alcançar um equilíbrio moral. Ela apresentava nessa relação uma frigidez sexual, isolamento do marido, não se interessava pelo trabalho doméstico, além de ter apresentado, segundo seu marido, uma dificuldade de lidar com atividades habituais, e às vezes desistia. Após oito meses de casamento, sua irmã foi morar com ela por ter se tornado viúva. Sua irmã não conseguiu ter filhos e afirmou ter se sentido mãe do filho de Aimée. A irmã afirmou e demonstrou não querer que Aimée fosse liberada da internação. Na relação com o marido, Aimée se sentia inferiorizada e acreditava que seu marido a trocava por outra. Essa inferiorização foi agravada pelas atitudes da irmã. Ela tinha com a irmã uma relação parecida com a que tinha com a amiga: “Minha irmã era por demais autoritária. Ela não estava comigo. Estava sempre ao lado do meu marido. Sempre contra mim.” (Lacan, 2011b, p. 229).

É dessa relação com sua irmã que Lacan (2011b) conclui derivar seu delírio. No lugar de odiar sua irmã, passou a odiar outros objetos e a se sentir perseguida, além de temer pelo roubo de seu filho. Ela alcançou um certo equilíbrio quando se afastou desses conflitos, justificando sua ausência do lar pela mudança de cidade. Suas idas para casa eram mal recebidas, causando-lhe estranheza. Foi então se afastando cada vez mais da família e dessa vez seus delírios aumentaram proporcionalmente. O atentado foi uma tentativa de matar seu inimigo interno. E a escolha da atriz estaria relacionada à amiga, que, por cadeia associativa, estava relacionada à sua irmã e aos representantes que lhe faziam se sentir humilhada. Na internação de Aimée, a irmã se recusou a encontrá-la. Aimée, após alguns encontros com o marido, se negou a vê-lo novamente. E passou a manter contato apenas com o irmão mais novo. Afirmou ter esperanças de encontrar seu filho e dizia que deveria ter ficado junto de própria sua mãe.

4.3 A entrada na psicose

Segundo Lacan (2011c), os estados puerperais da paciente foram responsáveis pela sua entrada na psicose. De acordo com Allouch (1997a), a criança traz um traço sexual e a ameaça ao filho no delírio seria decorrente do intuito de ela mesma apagar esse traço. O ato sexual valia

para ela como relação sexual. A relação sexual foi colocada por Lacan como não existente porque, se ela existisse, seria possível encontrar um signo do homem e da mulher para explicar a atração dos corpos. E assim como a criança, a atriz também vem com esse traço.

Digamos que não é enquanto tal que a maternidade é tomada à parte pela psicose, mas como signo demasiado abertamente manifesto do envolvimento de uma mulher na sua sexualidade. Exclui-se que um tal envolvimento seja sabido e esta exclusão faz retorno na sintomatologia psicótica sob a forma de acusações que significam que todo mundo sabe disso (Allouch, 1997a, p. 240).

Lacan (2011d) afirma que o quadro de psicose, a paranoia, se estrutura antes da personalidade do sujeito. Essa personalidade, que ele chamou de anterior ao sujeito, não é acabada pelas condutas vitais e refere-se a esses distúrbios psíquicos como pertencentes à função sexual.

Na etiologia imediata da psicose, encontramos frequentemente um processo orgânico frustrado (intoxicação, distúrbio endócrino, puerperalidade, menopausa), quase constantemente uma transformação da situação vital (perda de um lugar, de um ganha-pão, aposentadoria, mudança de meio, mas, sobretudo, casamento, particularmente o casamento tardio, divórcio, e eletivamente perda de um dos pais), muito frequentemente um acontecimento com valor de trauma afetivo. Revela-se, no mais das vezes, uma relação manifesta entre o acontecimento crítico ou traumático e um conflito vital que persiste há vários anos. Esse conflito, de forte ressonância ética, está muito frequentemente ligado às relações parentais ou fraternas do sujeito (Lacan, 2011d, p. 268).

Allouch (1997b) retoma a história de Aimée e trabalha com o nome verdadeiro da paciente de Lacan: Marguerite. Ele justifica o uso desse nome como uma maneira de frisar a importância dele para o caso, que será explorado no decorrer desse capítulo. O autor (1997b) marca a relação de Aimée com o Don Juan para dizer que ali poderia se afirmar que houve declaração de sexo e que seu ódio às atrizes e aos poetas poderia estar ligado a esse primeiro amor com o poetas, termo que Lacan (2011b) utiliza. O termo poetas (*poétereau*), segundo Allouch (1997a), poderia ser lido como poeta-touro (*poète- taureau*), que ligaria o sexual ao literário. Essa referência tem relação com um episódio no período da infância e adolescência,

que ela retratou nos seus escritos, e que Lacan (2011b) menciona como elemento representativo da sua sexualidade:

Todos os traços característicos da conduta de Aimée se encontram nessa história: ela demorou se arrumando por ocasião dos preparativos de uma saída em grupo; como ficou atrás dos seus, quis juntar-se a eles por um caminho através dos campos; teve a inabilidade de irritar um touro, do qual só escapou por um triz. Esse tema do touro perseguindo volta com frequência nos sonhos de Aimée (ao lado de um sonho de víbora, animal que pulula em sua terra) é sempre de mau agouro. (Lacan, 2011b, p. 220).

Na convivência com a amiga que, segundo ela, era diferente, ela experimentou aventuras, além de ter lidado com a diferença do seu sexo em relação às outras moças da convivência da amiga. Marguerite não se sentia como elas por conta das suas ambições intelectuais e profissionais, que a colocavam no “lugar de menino” (Allouch, 1997a). Lacan (2011b) afirma sobre esse período que seus sentimentos têm uma qualidade de bovarismo.

Esse caráter de jogo na atitude sexual parece se confirmar, na época que nos referimos, em uma série de aventuras que ela dissimula muito bem dos que a cercam. Nessa menina desejável, o gosto da experiência se acomoda a uma frieza sexual real. Sua virtude, pelo menos no sentido farisaico, se acha também frequentemente a salvo. Não é possível que se impeça, no entanto, de relacionar a nova atitude amorosa de Aimée com o fracasso doloroso de sua primeira aventura (Lacan, 2011b, p. 225).

Uns doze anos depois desse período com a amiga, ela viveu em Paris algumas experiências significativas (Allouch, 1997a):

Durante um período, aliás, curto, essa mulher, sobre a qual as investigações irão relatar costumes regulares, acredita “dever ir aos homens”. Isto quer dizer que ela aborda passantes ao acaso, entretendo-os com seu vago entusiasmo: ela nos confessa que buscava também, dessa maneira, satisfazer a “grande curiosidade” que sentia “pelos pensamentos dos homens”. Mas os pensamentos dos homens não lhe permitem parar no meio do caminho; ela se vê levada, diversas vezes, a

hotéis, onde, querendo ou não, é preciso que ela se resolva. Este período, que ela chama de “dissipação” é curto; situa-se em 192... (três anos antes de sua internação). (Lacan, 2011a, pp. 162-163).

Antes da manifestação da psicose, Allouch (1997a) pontua que Marguerite havia criado um “jardim secreto” em relação a essa amiga que influenciava seu caráter. Esse jardim funcionava como um reduto no qual ela conseguia resguardar uma parte de si e se defender dos contrários. Nesse sentido, ela conseguia manter dois lugares do gênero feminino. As coisas começaram a se desorganizar quando Marguerite se casou. O casamento não foi aprovado pela família e principalmente por sua mãe. Segundo eles, ela não tinha aptidão e nunca seria uma esposa exata porque não fazia os trabalhos domésticos. O autor afirma que ela se casou por influência da amiga, por amor a ela. Essa amiga, inclusive, ajuda Aimée a organizar a parte das despesas do casamento (Lacan, 2011b).

Conforme Allouch (1997a) foi por meio da frigidez sexual que ela indicou não ter encontrado a declaração de sexo no casamento. Foi um meio de ela dizer da sua diferença em relação às outras moças. No seu casamento, surgiram sintomas pré-psicóticos como o vício na leitura, isolamento, relutância em voltar para casa depois de ter saído, fobia à sujeira e lavagens intermináveis.

Allouch (1997a) destaca também as amigas de Marguerite e como elas estão relacionadas à sua psicose. A primeira delas, ele descreve como sendo a de sua mãe, visto que as duas tinham juntas uma luta contra a autoridade do pai, além da mãe separar as melhores roupas para ela e a própria Aimée afirmar que elas eram duas amigas. Essa primeira amizade se rompe, e esse rompimento fica claro porque ela mesma afirma que deveria ter permanecido junto de sua mãe. O autor sugere que esse rompimento pode ter acontecido a partir do momento em que ela desiste de seguir nos estudos. A segunda amizade é marcada pela morte da amiga que, segundo ela, foi dramática. Lacan (2011a) afirma que essa morte inspirou seu primeiro romance. Lacan, citado por Allouch (1997a), compara a morte da sua amiga da adolescência à perda de um filho, se referindo a uma passagem do primeiro romance de Marguerite.

Oh, vocês! de quem a maldade é imunda, pensem no calvário insensato de uma mãe cujo sopro do seu sopro o vento comprime e extingue, cuja vaga humana afoga o pequeno grumete que luta com a face violeta de dor ou branca de esgotamento (Lacan, 2011a, p. 187).

“Aimée perde uma amiga, é uma mãe que a chora” (Allouch,1997a, p. 255). O autor (1997a) afirma que a amiga de infância morreu de bacilose pulmonar e Marguerite sentiu anos depois a ameaça de morte de seu filho por meio de um desenho de propaganda antituberculose.

A terceira amizade teria ocorrido ao mesmo tempo em que ela viveu o amor pelo poetrasto. Foi uma amizade que ela destacou como importante, mas sem dar maiores detalhes. A sua quarta amizade foi com a senhorita C. de la N., que havia pertencido à família nobre. Sobre essa última, Allouch (1997a) afirma que, como essa amiga a considerava masculina, Marguerite possivelmente teria reencontrado o reconhecimento de sua mãe. Ocorre que a amiga a incentivou a se casar, e com isso ela rompeu o laço e ao mesmo tempo direcionou Marguerite a ocupar o lugar comum. A senhorita mais tarde foi culpada pela perseguição e morte de sua filha. Marguerite cedeu ao seu próprio desejo.

Segundo Allouch (1997a), o rompimento com essa amiga propiciou a entrada na psicose de Marguerite, que rompeu também com a religião nesse processo. Lacan, citado por Allouch (1997a), afirma que tanto o delírio quando a religião são missões e que um sujeito pode carregar apenas uma delas. Antes da manifestação do delírio, ela não seguia a religião com afinco. No entanto, existem episódios que mostram como a religião assumiu papel essencial para Aimée. Na relação com C. de la N., ela se sentiu incomodada porque a amiga tinha com a religião um recato e ao mesmo tempo aquilo que ela chamou de ausência de afetação. Além disso, a sua ambição nos estudos foi interrompida, segundo ela, pelo embaraço que sentiu em relação aos professores que não tinham domínio religioso. Como já explorado antes, Marguerite não podia amar, sendo assim, o amor a Deus entra como alternativa contra os impulsos do amor. Nesse caso, a renúncia conjugal também entra como condição. No delírio, tudo isso vai se configurar de outro jeito.

4.4 O delírio de Marguerite

Uma vez sistematizado, o delírio merece um estudo atento. No caso que descrevemos, ele significa, com efeito, de maneira bem legível, não só o conflito afetivo inconsciente que o engendra, mas também a atitude de autopunição que o sujeito adota (Lacan, 2011d, p.270)

Na psicose, teríamos, segundo Allouch (1997c), um modo de realização de um desejo. Em Marguerite, como dito anteriormente, a psicose dá entrada na gravidez e se revela com o nascimento da criança natimorta. O conteúdo do delírio tem relação com a morte da filha e

depois com a ameaça de morte do segundo filho. A amiga C. de la N. é a primeira perseguidora, passando a outros personagens até chegar na passagem ao ato que seria a facada na atriz. O delírio então é composto por personagens protetores e personagens perseguidores.

Lacan (2011c) afirma que foi durante a amamentação do seu filho que ela entra na fase aguda de seu delírio. “Durante minha amamentação, diz a doente, todo mundo havia mudado ao meu redor...” (Lacan, 2011c, p. 204). Nesse período, ela iniciou o projeto de ir aos EUA, onde seria romancista famosa. O delírio encontrou recursos para seu desejo pelo literário, de acordo com Allouch (1997c). Sua ida aos EUA, como mencionado anteriormente, foi barrada pelo esposo e ela foi internada. Sua resposta à internação aparece nessa carta que ela destina a um escritor:

Senhor,

Embora eu não o conheça, envio-lhe um fervoroso apelo para que use sua influência de seu nome com o intuito de me ajudar a protestar contra minha internação na casa de saúde de E... Minha família não podia compreender que eu pudesse deixar M... e meu lar, daí um complô, um verdadeiro complô, e eis-me numa casa de observação, o pessoal é simpático, o dr. D. também, meu médico, rogo-lhe que examine minha ficha com ele e faça com cesse uma permanência que só pode ser prejudicial à minha saúde. Senhor romancista, talvez o senhor estivesse muito contente de estar em meu lugar, para estudar as misérias humanas, eu interrogo as minhas companheiras, algumas das quais são loucas e outras tão lucidas quanto eu, e quando eu tiver (sic) saído daqui eu me proponho morrer de rir por causa do que me acontece, pois acabo me divertindo realmente por ser sempre eterna vítima, uma eterna desconhecida. Santa virgem, que história a minha! O senhor a conhece, todo mundo a conhece mais ou menos, a tal ponto falam mal de mim, e como eu sei por seus livros que o senhor não gosta de injustiça, peço-lhe que faça alguma coisa por mim. Sr A, casa de saúde, avenida de..., E..., Seine. (Lacan, 2011a, pp. 155-156)

Segundo Lacan (2011a), depois de sair dessa internação, Aimée decide se mudar para Paris, dizendo ao médico perito que seus perseguidores a coagiam a deixar a cidade. Nas entrevistas, diz sentir vergonha de voltar a trabalhar com seus colegas, com o receio de que eles descobrissem sobre a sua internação. Em outra entrevista, afirma desejar ir a Paris para buscar conhecer seus inimigos e empreender um grande destino. Essa mudança para Paris pode ser

considerada como um meio de organização do seu delírio. Conforme Allouch (1997c), essa escolha foi positiva, e sua ida a Paris pode ser comparada à ida de Emma Bovary a Paris.⁶

Paris, isso significa ruas e lojas iluminadas, teatros, bailes de máscaras, comidas finas nos restaurantes, champanha a rodo. ‘Vocês não sabem’, diz Homais, ‘a vida que levam esses farsantes, no quartier latin, com as atrizes’, ‘e depois a água de Paris, vejam só! os pratos dos restaurantes, todas essas comidas condimentadas acabam esquentando o sangue’ (Allouch, 1997c, p. 272).

No entanto, diferentemente de Emma, que até antes de seu suicídio, havia encontrado em Paris um mundo melhor para rejeitar e continuar permanecendo no seu, Marguerite se condenava (Allouch, 199c). Afirma ainda que, a atriz foi incorporada ao delírio assim que Marguerite chegou a Paris (1997c). Ele destaca a transferência da perseguidora C.de la N para a atriz e afirma que a segunda personagem uniria traços de perseguição e grandeza. Nesse caso, além da perseguição ligada ao seu filho, apareceria a ameaça a ela. Ela não seria mais só perseguida como mãe, mas como mulher. A mulher que apareceu quando se fez mãe. Ela vê a atriz como uma puta, uma mulher que tem sua sexualidade revelada.

O delírio vem sinalizar que, para Marguerite todo engajamento na relação sexual só poderia valer, para uma mulher, como revelação de seu estatuto de puta. Já observamos, basta que exista uma única puta para que toda mulher seja atingida (Allouch, 1997c, p. 279).

Allouch (1997c) afirma que Pierre Benoit entra no delírio de Marguerite como agente da atriz. Conforme Marguerite, ele escreveu sobre ela e a atriz seria aquela que interpretava suas peças e a ridicularizava.

Retomemos o estudo de um fato assinalado acima: a doente pretendia ter reconhecido sua própria história em um romance do escritor P.B. Ela apresenta o livro sem cerimônia a uma de suas amigas, dizendo-lhe: “Leia, sou eu que sou descrita aí”. Leitura feita, sua amiga demonstra um grande espanto com esse paralelo, que mais parece um despropósito. A doente lhe replica, então, por meio

⁶ Um romance de Gustave Flaubert que retrata a história de uma mulher sonhadora criada no campo que casa com um médico interiorano e se sente presa. Ela vive vários romances que alimentam suas paixões que foram inspiradas na literatura. Nas suas idas à Paris ela vive um relacionamento com um dos seus amantes.

de analogias cujo caráter fragmentário e superficial parece indicar uma certa dissociação mental: “Roubaram cartas da heroína e de mim também...etc... etc...” Tivemos o cuidado de ler nós mesmos o romance referido. É a história de uma mãe que suplanta sua filha junto a seu genro. Esta encontra a morte em um atentado armado pelo marido infiel; porém, 10 anos depois, a mãe, decepcionada em seu amor, descobre o crime cometido para ela e se pune por isso ao mesmo tempo que seu amante, entregando-se por vontade própria à justiça. É difícil, ao que parece, negar a relação direta dos temas fundamentais desse com os complexos e os conflitos maiores que pretendemos ter descoberto na base do delírio de Aimée. Aliás, a doente tinha podido nos exprimir espontaneamente a origem de sua crença delirante, de um modo mais feliz do que em sua resposta de defesa à sua amiga: “Lendo esse livro”, disse-nos ela um dia, “eu era ao mesmo tempo esta mãe e esta filha”. (Lacan, 2011d, p. 295).

Allouch (1997c) afirma ser possível observar a similaridade da história de Marguerite com dois romances de Pierre Benoit. No romance denominado *Albert*, a declaração de sexo da personagem só é possível a partir da morte de sua filha. E no romance *Mademoiselle de la Fierté*, a história retrata a rivalidade entre duas mulheres e a soberania de uma delas.

4.5 A cura?

Allouch (1997c) afirma que a erotomania ligada ao príncipe de Gales foi o recurso que Marguerite encontrou para lutar contra a perseguição que estava localizada em outra parte. Além disso, no primeiro romance que ela escreveu (“O Detrator”), a personagem heroína, quando se apossa dos ornamentos da realeza, consegue se juntar à criança, como se, a partir de então, eles formassem um só, unidos por uma causa. Uma causa antirrevolucionária. Nesse sentido, a erotomania viria a proteger a criança contra o infanticídio.

Eu pego a bandeira branca das flores-de-lis
 A criança empurrando meu braço levanta sua haste
 Tremulam em Paris longe das serpentes que rastejam
 Eles são vencedores, as flores-de-lis.

(Lacan, 2011a, p. 192).

De acordo com Allouch, o delírio de grandeza com a criação do reinado do bem das mulheres e das crianças serviu para protegê-la dos perseguidores, porque nesse mundo existia a fraternidade entre os povos e as raças. Entretanto, a estabilização não ocorreu. Seu delírio passou a ser diretamente ligado ao seu corpo de mulher. Passou a fazer reivindicação para proteger sua honra contra as calúnias feitas contra ela: “não cessa de não poder dizer até que ponto sua declaração de sexo é atribuída à figura de puta?” (Allouch, 1997c, p. 316).

Há também coisas muito vis e remotas sobre mim que são verdadeiras, verdadeiras, verdadeiras, mas a planície está a favor do vento. Há também comentários de comadres de casas de tolerância e certo estabelecimento público. É por essa razão que eu não respondo ao sr. X., o cavaleiro da Natureza, e também por uma outra. Antes de mais nada, que querem de mim? Que eu construa para vocês grandes frases, que eu me permita ler com vocês este cântico: Ouçam do alto do céu, o grito da Pátria, católicos e franceses sempre. (Lacan, 2011a, p. 150).

Sendo assim, o atentado a atriz foi um meio de censurar sua sexualidade por meio do ato (Allouch, 1997c). Também sugere que a loucura de Marguerite poderia estar ligada à loucura da mãe (Allouch, 1997d). Ele faz referência à sua história. Afirma que existiu antes de Marguerite uma outra Marguerite que morreu de acidente em 10 de dezembro de 1890 e que, logo depois, em 12 de agosto de 1891, nasceu uma criança natimorta. Segundo o autor, como essa criança nasceu prematura, ela pode ter sido concebida logo depois do acidente. De qualquer forma, Marguerite veio menos de um ano depois dessa criança natimorta.

Allouch (1997d) se refere a esse acidente para retomar à “loucura de perseguição” atribuída à mãe mencionada por Lacan no início deste capítulo. A mãe de Marguerite foi afetada por essa loucura porque viu a filha sendo queimada viva diante dela. Como Marguerite entrou no lugar da filha morta, ela foi inscrita nessa perseguição. Quando Marguerite afirma que devia ter ficado junto de sua mãe, ela está se referindo a um rompimento, que, como mencionado antes, pode estar relacionado à sua escolha de não seguir nos estudos. Ela renuncia a ser professora e logo sai de casa. Nesse sentido, ela rejeita ser tratada de forma diferente dos irmãos. Clovis, seu irmão, é que se torna professor, fazendo com que ela se livre dessa posição de privilégio, que estaria ligado ao lugar ocupado pela irmã morta.

Sobre a mãe de Aimée, Lacan (2011b) aponta esse fragmento para mostrar seu desenvolvimento psíquico:

Ora, a mãe se mostrou desde há muito como uma interpretativa, ou, para apreender melhor os fatos, como manifestando nas relações na vila uma vulnerabilidade com um fundo de inquietude, logo transformada em desconfiança. Citemos um fato que nos contaram: uma vizinha, por exemplo, lhe prediz que um de seus animais doentes não ficará bom de modo algum, e ela inicialmente suscetível à ameaça dessas palavras, que se sente percebida como uma ameaça mágica, em seguida persuadida da vontade de prejudicar de sua vizinha, enfim, desconfiando de que esta tenha envenenado o animal etc. Essa disposição, antiga e reconhecida, se precisou há mais de 10 anos em um sentimento de ser espiada, escutada pelos vizinhos, temor que lhe fez aconselhar a leitura em voz baixa das cartas que, iletrada, ela teve de mandar ler. Enfim, após os recentes acontecimentos ocorridos com sua filha, ela se fechou em um isolamento feroz, imputando formalmente à ação hostil de seus vizinhos mais próximos toda a responsabilidade do drama (Lacan, 2011b, p. 217).

Allouch (1997d) afirma que Jeanne e Marguerite apresentam a mesma loucura, a de ser a mãe criminosa. Como Marguerite poderia ter se livrado dessa loucura? Para o autor, foi apenas se inserindo na loucura da mãe que ela conseguiu se livrar da sua própria loucura. Antes de cometer o atentado contra a atriz, ela tenta falar desse tormento com a irmã e o marido:

Entretanto, tinha, juntos aos seus, as mais alarmantes atitudes. Elas não podiam ser acolhidas com discernimento que era necessário. Tentativas de explicação de seus tormentos foram brutalmente repelidas (Lacan, 2011a, pp. 166-167).

Allouch (1997d) se refere à expressão de Lacan “brutalmente repelidas” para concluir que a família não a escutava. Ele cita os pequenos furtos que fez na casa do marido, a história de um incêndio que ela forjou para poder pagar a indenização à funcionária que ela agrediu e reitera que, ainda assim, sua família não a escutou. Sendo assim, planejou se divorciar e ir embora da França com a criança. A família impediu a execução de seus planos e Marguerite encontrou como recurso aumentar a frequência de visitas a seu filho (Allouch, 1997d).

Ela diz que vivia, então, em um temor perpétuo e iminente do atentado que deveria atingir seu filho. Sua família não vê em sua nova atitude mais que um

zelo intempestivo e insiste, sem a menor delicadeza, para que ela pare com importunações que só prejudicam a criança (Lacan, 2011a, p. 167).

De acordo com Allouch, (1997d), ela continuou tentando alcançar sua família, por meio das denúncias que fez contra Pierre Benoit, da tentativa de publicação do seu romance “O Detrator”, e por último, por meio do pedido que fez ao irmão: “Não é verdade que você abandonará seu ofício? Que se vingará com sua pena? Que publicará todas as injúrias que lhe fizeram sofrer?” (Lacan, 2011b, p. 237). Ela decide, assim, assinar seu nome nas cartas que enviava ao Príncipe de Gales. Ela estava perdida.

Segundo o autor (1997d), o ato contra a atriz foi uma resposta à morte da filha Marguerite que foi queimada.

A faca, arma do atentado, (couteau), deixa-se ler, assim, “jato de água” (coup d’eau), ou seja, o próprio gesto que Jeanne Pantaine não terá podido fazer para salvar Marguerite. O atentado contra Huguette ex-Duflos (ex-du flot, do fluxo?), efetuando o gesto faltoso, o gesto que, se tivesse ocorrido eficazmente, teria feito com que Marguerite não fosse Marguerite, o gesto à falta do qual Marguerite teve de ser o que foi, acusa, como que ressoando, Jeanne Pantaine, dizendo-a (possivelmente) responsável pela morte de sua filha mais velha. A passagem ao ato de Marguerite afirma o traço ausente do delírio de Jeanne, aquele que este delírio não cessa de contornar, aquele em torno do qual não cessa de girar (Allouch, 1997c, p. 329).

Marguerite, segundo Allouch (1997c), queria uma confissão da atriz. “Já há algum tempo que a sra. A. tinha a intenção de pedir explicações à atriz. Atacou-a porque a viu fugir” (Lacan, 1932/2011a, p. 148). Allouch afirma que quando Marguerite inventou um incêndio para encobrir a violência contra a funcionária da editora, foi um jeito de ela falar desse atentado da irmã morta (1997c).

Para Allouch (1997c), além disso, tudo, a atriz estaria ali como puta, aquela que revela o que Marguerite fez com os homens, aquela que aponta sua declaração de sexo que está intimamente relacionada ao seu ventre. O autor liga a faca dentro da bolsa para relacionar o impulso assassino contra a criança desde a gravidez.

Ela nos diz, por exemplo, recordar-se de ter visto, sem nisso prestar atenção, logo no início, um desenho de propaganda antituberculosa que representava uma criança sob ameaça de uma espada suspensa sobre ela. Somente alguns meses depois (ela tem uma recordação disso, distinta do primeiro fato) é que ela compreendeu que esse desenho visava ao destino do seu filho (Lacan, 2011c, pp. 212-213).

Allouch afirma que a criança é a própria existência de Marguerite: ela surgiu a partir da substituição de uma criança pela outra (1997c). Sua existência foi ameaçada e a criança foi protegida da ameaça, sendo ela mesmo a própria ameaça. A criança vem escancarar sua declaração de sexo, que apareceu como signo de que Marguerite se submeteu a uma relação sexual. E é justamente aí, como já explorado nos outros capítulos, que está a questão que desencadeia a psicose e se forma o delírio. A declaração de sexo vem dizer da subjetivação do sexo, que consiste na representação de um significante para outro significante, que tem relação com o que Freud, citado pelo autor, nomeou por castração e que Lacan afirma que só se daria por meio do ato, que funciona como um modo de dizer sem intenção do sujeito.

Allouch (1997c), citando Lacan, aponta essa questão do ato à passagem ao ato de Marguerite. Por meio dessa passagem ao ato, ela declara sua sexualidade feminina no lugar de mãe. Ele menciona a passagem ao ato como um saber de algo, ao mesmo tempo saber que nem tudo ocorreu, e faz referência ao passe. No passe, teríamos a passagem ao ato advertida, que funcionaria como ato psicanalítico, que seria o mesmo que re-ato, uma reação. No caso de Aimée, houve aquilo que ele denominou como passagem ao ato advertência, que configura a relação do sujeito com o Outro não-barrado, o qual coloca o saber no Outro. Nesse sentido, ela não seria uma mãe criminosa e a atriz não poderia pensar que ela fosse. A criminosa estaria em outro lugar e ela precisa adverti-la.

Por meio da passagem ao ato, ela consegue repreender a atriz, proteger seu filho e se livrar de ser uma mãe criminosa. A mãe criminosa seria a própria atriz que queria acabar com a vida de seu filho. Por meio da advertência à atriz, ela consegue deslocar a intenção mortífera para o lugar da mancomunação. Todo o ato objetivou proteger a criança e para isso, foi essencial revelar aos conspiradores que ela sabia da conspiração e essa mensagem seria um meio de endereçamento à sua mãe. O atentado também objetivava colocar um fim na sua sexualidade feminina, que ficou exposta como puta. Isso seria realizado matando a própria puta, ato também endereçado à mãe, porque, além do assassinato do filho nas histórias de Marguerite e da mãe, haveria também o assassinato de outra mulher como dando fim ao gozo; no caso de Marguerite,

ao gozo da prostituta diante da mulher “pura” e no caso de Jeanne, sua mãe, dando fim ao gozo sádico da vizinha em relação à morte de sua filha (Allouch, 1997c).

Conforme Allouch (1997c), a loucura a dois teria sido descomposta quando Marguerite rompe com esse arranjo que a mãe armou de atribuir a responsabilidade da morte de sua filha à vizinha, para não ter que se haver com a sua responsabilidade de preservação da vida de seus filhos, além de, por meio do ato sexual, ter substituído uma criança por outra. A mãe, novamente, após descobrir o que aconteceu com Marguerite, se isolou e acusou a vizinha de ser responsável por tudo o que aconteceu. O autor aponta uma relação desse delírio da mãe com o restabelecimento de Marguerite, que conseguiu a partir de então, colocar seu delírio em reserva. Dessa forma, seu delírio se mantinha isolado, embora estivesse ali em estado de conservação, já que o próprio filho afirmou que às vezes sua desconfiança persecutória retornava. O autor comparou o delírio em reserva às reservas naturais para dizer que, para mantê-las, é preciso que esse estado seja sustentado. Algo talvez como a sustentação de Marguerite? Marguerite saiu do hospital psiquiátrico depois da morte de sua mãe. O autor sugere que ela permanecia no hospital “pagando” por ter advertido sua mãe por meio da passagem ao ato.

Lacan (2011a), afirma que em Aimée:

Ela manifesta em inúmeros escritos íntimos os sentimentos de amor e de angústia que lhe inspiraram as crianças, sentimentos que estão em uma relação evidente com suas preocupações e seus temores para com seu próprio filho. Sente-se nela uma participação muito emocionada nos sentimentos da infância, nos seus tormentos, nos seus males físicos. Ela invectiva, então, a crueldade dos adultos, a falta de cuidado das mães frívolas. (Lacan, 2011a, p. 162).

Diante desse fragmento, Allouch (1997c) aponta que ainda que Marguerite tenha se lamentado ter se separado de sua mãe, estar junto a ela significaria estar na condição de uma criança diante de uma mãe cruel e sem cuidados. De uma mãe frívola!

A cura, como já afirmamos, não corresponde a uma mudança de estrutura, mas a uma mudança na estrutura. Ela foi somente- mas isso já não é pouco - aquilo que Lacan irá chamar, pouco depois de haver escrito sua tese, de uma “ruptura do círculo mágico”, deste círculo onde a perseguição da mãe encerra a filha

desde antes do nascimento desta, desde o ato da concepção. (Allouch, 1997c, p. 352).

Pensando a clínica na psicose a partir desse caso clínico de Aimée, seria possível evitar a passagem ao ato? Lacan insistiu na sua tese sobre a falta de lugar para as palavras de Aimée. Dejours, citado por Kanabus (2015), aponta que é pelo amor que é possível ter uma prova da subjetividade e essa prova se daria pela palavra. A aproximação de um vivido pela palavra se daria pelo que ele chamou de “o agir expressivo”. O analisante fala em tudo que ele faz e a atenção do analista deve estar para tudo, até para o que não aparece. É pela sensibilidade de prever uma expressão e de apreender um movimento que, segundo ele, a vida dá provas de si.

Freud (2006j), já havia afirmado, em *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*, que o personagem teria abandonado o delírio em troca do amor. Ali, ainda que não estivesse claro onde ele situava o delírio, ele diz de algo que ocorre no sentido da transferência, que possibilita ao sujeito um outro lugar em relação à sua loucura.

Freud também apresentou, quando abordou a comparação dos sonhos às doenças mentais, que na paranoia as lembranças estão no formato regressivo, tendo a forma de expressão alucinatória e ele fala da comunicação como um meio de se perder essa forma de expressão.

Allouch (1997e), citando Roudinesco, afirma que foi Lacan quem fez transferência com Aimée. Ele declara: “Minha paciente, aquela que chamei de Aimée, era realmente muito tocante” (Lacan citado em Allouch, 1997e, p. 449). Lacan fica numa posição de observador e ela aceita e lhe confia. A nomeação pública dessa paciente revelaria o seu amor por ela. Segundo Allouch (1997e), ele foi tocado pela falta de amor que se encontrava nela. Além disso, foi fisgado pelo saber, saber de alguma coisa que estaria ali e que provocou em Lacan a pergunta: O que é o saber?

Lacan, citado por Allouch (1997e), afirmou, em decorrência da experiência com Aimée, que eles poderiam se fazer entender, que bastaria ter as orelhas apropriadas. Afirma ainda que Aimée teria a ver com o seu movimento rumo à psicanálise. Marguerite se apresentou como quem testemunhava que tinha um saber, como foi explorado nesse último capítulo. E é desse saber que ela sabia que tinha que poderia ter sido operada alguma mudança. Sendo assim, Lacan encarna esse lugar do desejo de fazer saber. Ele publica seus textos e escreve seu caso. Dessa forma, além de ter correspondido à megalomania de Marguerite, ele ainda a legitima socialmente.

Foi a partir da análise do caso de Aimée que Lacan, citado por Allouch (1997f), faz uma virada importante de sua relação com a doença mental e, assim como Freud, passa a ver e a

falar dos loucos. A publicação de Aimée vem marcar o rompimento com o discurso psiquiátrico e a aderência à psicanálise.

Allouch (1997c) afirma, se referindo ao pedido de Aimée quando fazia sua confissão, para que evitassem olhá-la:

Que ele evite seu olhar. Como marcar melhor do que Marguerite faz aqui, isto é, na sua transferência para Lacan, que ela deposita esta confissão, precisamente, sob o olhar deste? No ponto em que parece tocante, Marguerite subverte a posição que Lacan teria querido manter com ela, a de lançar sobre seu caso um olhar tão cru e objetivo quanto possível. Ela inventa, desta vez, um novo dispositivo de troca: este olhar, Lacan não pode lançá-lo, pois ele se transformou nele. Esta função, dizemos, era mantida pelo Príncipe de Gales quando seu delírio habitava Marguerite. Era sob seu olhar que se suspendia o pendão da realeza pela mulher e pela criança. E Lacan discreta, mas precisamente, nos vai dizer que assumiu esse lugar. (Allouch, 1997c, p. 298).

Teria sido possível prevenir a entrada na psicose? Não é possível afirmar isso, ainda que seja importante dar lugar a palavra, inclusive no processo de estabilização do sujeito, assim como foi em Schreber. Kanabus (2015) menciona que tem algumas partes do corpo que são sentidas como a morte e nesse caso não são partilhadas. O analista, segundo Dejours, citado por Kanabus (2015) deve estar advertido para o risco de se chegar a essas zonas. Ainda que não seja em análise, o sujeito pode viver algo que atinja essas zonas, desencadeando uma crise que pode levá-lo a viver uma entrada na psicose. Essas zonas, Freud apontou utilizando a *Verwerfung* e Lacan utilizando o mecanismo da forclusão.

Em Aimée a passagem ao ato foi o jeito possível de declarar seu sexo que chegou pra ela como signo. Na neurose, por exemplo, Lacan afirmou que quando algo da sexualidade chega ao sujeito, isso aparece por meio de questões: “Quem Eu sou?” ou “Sou Eu um homem ou uma mulher?”. Essas perguntas são colocadas a partir de um reconhecimento simbólico. No caso de Aimée e Schreber, foi possível a produção de um delírio.

A cura, segundo Allouch (1997d), estaria naquilo que ele chamou de “delírio em reserva”, que ele comparou às reservas naturais para falar da qualidade desse delírio, que já perdeu aquele estado de adormecido para apresentar a qualidade de conservado. Freud já havia apontado que o psicótico ama os seus delírios como a si mesmos porque faz parte deles.

5 Considerações Finais

Segundo Lacan, na psicose, como já explorado no desenvolvimento desse trabalho, não existe um fenômeno primário, que seriam aqueles que explicariam o delírio. Mas existe aquilo que ele definiu como identificação sistemática: “elas têm frequentemente a relação mais direta com o conflito e com os complexos realmente geradores do delírio” (Lacan, 2011d, pp. 269-270). Não dá pra excluir todo o caráter explicativo, mas ressalta que o que provoca o delírio não está ligado a uma explicação. O autor (2011b) afirma ainda que, no lugar de primário, poderíamos utilizar o termo primitivo para dizer que eles possuem apenas a característica de ser primário no tempo e são desencadeadores, porém, não explicam a fixação e organização do delírio.

Tudo isso, segundo ele (2011b), tornaria o trabalho do analista diferente daquela concepção clássica. O trabalho consistiria em tomar conhecimento do fator constitucional que falta e perceber as impossibilidades de alcançar raciocínio na origem do delírio.

E o que poderia ser esperado da evolução do caso de psicose? Conforme dito por Lacan (2011d), seria a curabilidade, que ele destaca como sendo diferente da cura. Aquilo que gerou o conflito tenderia para uma resolução ou o próprio meio poderia abrandar essa questão. O analista teria como função corrigir as tendências narcísicas do sujeito. Seria o que Lacan chamou de psicanálise do Eu. O analista observaria as resistências e manobras do sujeito, e a partir disso, pensaria em soluções técnicas. É o que ele chamou de clínica fechada, aquela que trabalharia partindo de uma certa previsibilidade. Ele afirmou aqui, na sua tese de doutorado, que a técnica psicanalítica para os casos de psicose ainda não estava madura.

Retomando ao título, por onde se iniciou esse trabalho, a palavra moléstia, utilizada por Vieira (2020) ao se referir à loucura, segundo o dicionário, deriva do latim e tem significado de doença (Dicio, 2021). Pode ter o sentido também de mal-estar ou sofrimento físico ou moral. No dicionário Priberam (2021), encontramos também o significado de incômodo, enfado e desgosto. O sujeito psicótico sofreria, partindo dessa ideia, de incômodo? De dor física ou moral? De desgosto? Schreber afirma, em algum momento, que “Os raios pareciam não compreender que um homem que realmente existe afinal precisa estar em algum lugar” (Schreber, 1984, p. 115). E Aimée expressa, logo depois que ingressou na prisão de Saint-Lazare:

[...] escrevi ao gerente de meu hotel para comunicar-lhe que estava muito infeliz porque ninguém quis me escutar nem acreditar no que eu dizia; escrevi também

ao príncipe de Gales para dizer-lhe que as atrizes e escritores me causavam graves danos. (Aimée citada por Lacan, 2011a, p. 168).

Afirma ainda: “Quantas coisas eu não escreveria agora se estivesse livre e tivesse livros!” (Aimée citada por Lacan, 2011a, p. 173). O sujeito psicótico, como explorado nesse trabalho, está atormentado pelo gozo do Outro no lugar da satisfação imaginária que impõe a ele um sacrifício carnal (Calligaris, 2013). Diante desse sacrifício, o sujeito produz, por exemplo, frases que ouvi no consultório: “escuto uma voz que ordena que eu me mate” e “não é que eu queira morrer, eu só não queria ter que existir”.

Lacan (1988n) afirma que o sujeito psicótico faz um esforço para ser reconhecido. Segundo ele, Schreber conseguiu escrever seu grande livro porque deixaram-no falar (Lacan, 1988o). Afirma ainda que foi a partir da tomada de notas que Schreber evocou seus pensamentos, registrou e os endereçou (Lacan, 1988s).

Tanto em Schreber quanto em Aimée temos uma direção à escrita. Costa (2009) afirma deparar-se na clínica psicanalítica com a compulsão de escrever na psicose. Em 1975, numa conferência realizada nos Estados Unidos da América, Lacan (2016), afirma que se Freud tivesse focado no estudo das psicoses ele teria colecionado escritos. Por que a escrita?

Lacan (1988h) afirma que Schreber começou a escrever suas *Memórias* a partir de 1897-98, quando ele estava muito doente. Entre 1896 e 1898, ele foi colocado numa célula para dementes e lá produziu pequenos estudos com lápis e pedaços de papel que lhe foram concedidos. Seu texto se estende até 1903, que foi a época de sua liberação, e nesse tempo ele já compreendia seu processo e deu testemunho do estado terminal de sua doença.

Costa (2008) reitera que as construções paranoicas podem adquirir expressões literárias desde que participem de certa forma comum de expressão. “Se o discurso inscreve as balizas de uma língua, de um código cultural, a experiência ao mesmo tempo o esburaca, transforma e confirma, renovando-o” (Costa, 2008, p. 50). Uma escrita delirante, por exemplo, segundo ela (2009), não supõe uma leitura porque ela não possibilita uma produção de transferência. Nesse caso, está no nível da letra que se apresenta na sua condição de resto ou tentativa de inscrição. É preciso o enlace ao significante para que a letra alcance uma vazão. A autora afirma que, para tornar possível transportar uma experiência de uma vivência que está relacionada ao próprio corpo para uma significação compartilhada, é necessário produzir um leitor. Esse leitor está na literatura, assim como está na clínica psicanalítica. O desafio é poder fazer chegar o intransponível ao outro. Nesse caso, a análise, assim como a literatura, funcionaria como lugar

onde o sujeito pode encontrar um saber para aquilo de que ele padece e, dessa forma, se apropriar de um gozo que ele não consegue dominar.

Sobre a psicose, especificamente a paranoia na qual se concentrou esse estudo, Costa (2009) diz que é mais difícil estabelecer esse endereçamento, porque a relação com o Outro aparece no lugar de certeza. Ocorre que toda letra tem endereçamento, ainda que não tenha sentido. A letra é o que configura a relação do sujeito no ponto máximo de objetualização: “Quando se sabe que se está inscrito num campo discursivo já é apaziguador, porque isso dá suporte de linguagem a algo que pode produzir despedaçamento do corpo” (Costa, 2009, p. 29).

O grande desafio da clínica na psicose talvez seja justamente esse: tornar o saber possível. Esse saber, que não é sustentado pelo significante nome-do-pai, não asseguraria um saber parcial dominado por um ideal. É um saber baseado nele mesmo, como afirmado por Calligaris (2013).

Sendo assim, como ficaria o lugar do analista? Kanabus (2015) interroga Dejours em relação a esse lugar: Sendo a consciência do psicótico intensamente intersubjetiva, o psicanalista deveria entrar no lugar de quem consente? Esse consentimento implica ocupar um lugar de apreender as relações inteligíveis no lugar de reviver as histórias? Dar um sentido ao sofrimento? Partindo dessas ideias, o fracasso se daria quando o psicanalista não é empático, quando leva para o lado da estranheza os vividos irracionais do paciente?

Dejours, citado por Kanabus (2015), afirma que não se trata de empatia na relação com o analista. Ele faz referência à criança que, diante de um adulto, é dominada. O adulto, que já está na sexualidade, conforme postulado por Freud, começa a conduzir o corpo da criança nos cuidados e é por meio desses cuidados que produzem efeitos sexuais que as crianças são incapazes de traduzir. A criança experiencia no corpo esse jogo intersubjetivo e o que não foi traduzido volta do interior, lhe pertence.

A transferência reproduz, segundo Dejours, citado por Kanabus (2015), essa desigualdade entre o adulto e a criança e instaura novamente as perguntas: “O que é que ele me quer? O que é que diz? O que é que não diz? O que é que me esconde e que tem um efeito terrivelmente excitante em mim?” (Dejours citado em Kanabus, 2015, p. 336). Foi por meio dessa comunicação inicial que o bebê solicitou ao adulto as respostas para seu corpo que ainda não falava e essas respostas são tomadas primeiro no corpo para decifração. Como a criança responde a isso é um enigma, que volta a aparecer na relação transferencial e é por meio da recusa do analista de responder a esse enigma que é possível reacendê-lo. Esse enigma é transferido para a situação analítica permitindo ao paciente viver uma experiência que não teve lugar, além de prolongar experiências que tiveram lugar. É possível, a partir disso, encontrar

um tipo de resposta e interpretação, possibilitando uma melhor tradução. E quando o paciente voltar a não estar bem é retomado esse processo de desconstruir para retraduzir. Como esse enigma iniciou no corpo, a palavra está sempre articulada a ele.

Nesse jogo intersubjetivo, não só se fala, existe um modo como se fala. O corpo está presente na palavra. Nesse sentido, Kanabus (2015) sugere, no lugar de empatia, a “corporeopropiação”, que ele define como inteligência da sensibilidade do que está em jogo. O psicanalista, por meio do seu repertório conceitual, possui a capacidade de tocar a subjetividade do paciente. Ele pode compreender o sofrimento na palavra e intuir o estado subjetivo do paciente.

Calligaris (2013) afirma que o analista teria a tarefa de destituir o sujeito da demanda imaginária, funcionando como facilitador da constituição da metáfora delirante. Isso seria possível porque ele toleraria os rodeios do paciente que fica nessa posição de negociar os excessos e as insuficiências da instância paterna. Seria o que ele chamou de confiar no esforço do paciente, se referindo à análise de Freud sobre Schreber, que concluiu que ali houve um trabalho autoterapêutico.

Lacan (1988d) fala do lugar de secretário do alienado. Seria algo como ter a sabedoria que ali tem um testemunho da linguagem.

No consultório já ouvi de um paciente: “é bom que você às vezes fala o que deve fazer e às vezes não”. Isso de “às vezes falar o que se deve fazer” vejo na ideia postulada por Lacan em sua tese, quando ele abordou o que chamou de psicanálise do Eu. Como a clínica da psicose parte fundamentada em toda essa delicadeza estrutural que percorremos até aqui, é importante, em alguma medida, tentar nomear, fechar alguns pontos, considerando todo o cuidado de não se produzir uma injunção. Um paciente no consultório, por exemplo, pede para que eu não o deixe caminhando como um zumbi.

Acima de tudo, o que sustenta todo o trabalho é o encantamento e a aposta na vida. Sustentar a mola que envolve todo trabalho psicanalítico, a transferência, o desejo pelo saber. Talvez o melhor jeito de finalizar seja com um chiste de Lacan citado por Allouch (1997g, p. 487): “Um dia em que um psicanalista em supervisão relatava diante dele suas hesitações quanto a tomar um psicótico em análise, ele replicou: Pode aceitá-lo. Saiba, no entanto, que é para toda a vida”.

Referências

- Allouch J. (1997f) A perda sofrida por Lacan. In Allouch J. *Paranóia Marguerite, ou “Aimée” de Lacan* (pp. 457-470). Companhia de Freud.
- Allouch J. (1997b). Introdução. In Allouch J. *Paranóia Marguerite, ou “Aimée” de Lacan* (pp. 9-11). Companhia de Freud.
- Allouch J. (1997a). O desencadeamento da psicose. In Allouch J. *Paranóia Marguerite, ou “Aimée” de Lacan* (pp. 235-261). Companhia de Freud.
- Allouch J. (1997g). “O pai e o filho não têm nada a se dizer”. In Allouch J. *Paranóia Marguerite, ou “Aimée” de Lacan* (pp. 471-494). Companhia de Freud.
- Allouch J. (1997d). O “ponto de ato” da psicose. In Allouch J. *Paranóia Marguerite, ou “Aimée” de Lacan* (pp. 319-370). Companhia de Freud.
- Allouch J. (1997c). Rede de perseguidores, razão do delírio. In Allouch J. *Paranóia Marguerite, ou “Aimée” de Lacan* (pp. 263-318). Companhia de Freud.
- Allouch J. (1997e). Sobre a transferência psicótica. In Allouch J. *Paranóia Marguerite, ou “Aimée” de Lacan* (pp. 431-456). Companhia de Freud.
- Calligaris C. (2013) Análise com pacientes psicóticos. In Calligaris C. *Introdução a uma clínica diferencial das psicoses* (pp. 111-128). Zagodoni.
- Coraline e o mundo secreto. (24 de junho 2021). In Wikipédia. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Coraline_\(filme\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Coraline_(filme)).
- Carone M (1984). Da loucura de prestígio ao prestígio da loucura. In Schreber D. P. *Memória de um doente dos nervos* (pp. 7-19). Edições Graal.
- Costa A. (2009). Litorais da psicanálise. *Revista Psicologia e Sociedade*, 21, Edição especial, 26-30. <https://www.scielo.br/j/psoc/a/ff8CyF7f8McCYSGdSgkYj8t/?format=pdf&lang=pt>
- Costa A. (2008). Relações entre letra e escrita nas produções em psicanálise. *Revista Estilos da Clínica*, 13(24), 40-53. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282008000100004&lng=pt&tlng=pt.
- Dicio. (2021). Loucura. In *Dicionário online de português*. <https://www.dicio.com.br/loucura/>
- Dunker C. I. L. (2019). Animismo e indeterminação em “Das Unheimliche”. In Freud, S. *O infamiliar e outros escritos* (pp. 199-218). Belo Horizonte: Autêntica. [Obras incompletas de Sigmund Freud, Vol. 8. Originalmente publicado em 1815].
- Freud S. (2006s). A disposição à neurose obsessiva: uma contribuição ao problema da escolha da neurose. In Strachey, J. (Ed.), *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos: (1911-1913)* (pp. 337- 349). Imago. [Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 12].

- Freud S. (2004b). À guisa de introdução ao narcisismo. In Strachey, J. (Ed.) *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (pp. 95-119). Imago. [Obras psicológicas de Sigmund Freud, Vol. 1. Originalmente publicado em 1914].
- Freud S. (2006n). Além do princípio de prazer. In Strachey, J (Ed.), *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)* (pp. 13-75). Imago. [Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 18].
- Freud S. (2006u). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In Strachey, J. (Ed.), *O ego e o id e outros trabalhos: (1923-1925)* (pp. 155- 161). Imago. [Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 19].
- Freud S. (2017b). A perda da realidade na neurose e na psicose. In Freud, S. *Neurose, psicose, perversão* (pp. 279 -285). Autêntica. [Obras Incompletas de Sigmund Freud, Vol. 5. Originalmente publicado em 1924].
- Freud S. (2006a). As neuropsicoses de defesa. In Strachey, J. (Ed.), *Primeiras publicações psicanalíticas: (1893-1894)* (pp. 51- 72). Imago. [Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 5].
- Freud S. (2006e). As relações entre os sonhos e as doenças mentais. In Strachey, J (Ed.), *A interpretação dos Sonhos: (1900)* (pp. 123-129, Vol. 1). Imago. [Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 4].
- Freud S. (2006z). Carta 52. In Strachey, J (Ed.), *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1889)* (pp. 281-287). Imago. [Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 1].
- Freud S. (2017g). Carta a Fliess 228 [125]. In Freud S. *Neurose, psicose, perversão* (pp. 51 - 53). Autêntica. [Obras incompletas de Sigmund Freud, Vol. 5. Originalmente publicado em 1899].
- Freud S. (2017h). Comunicação de um caso de paranoia que contradiz a teoria psicanalítica. In Freud S. *Neurose, psicose, perversão* (pp. 83 -97). Autêntica. [Obras incompletas de Sigmund Freud, Vol. 5. Originalmente publicado em 1915].
- Freud S. (2006l). A dissecação da personalidade psíquica: conferência XXXI. In Strachey, J (Ed.), *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos (1932-1936)* (pp. 63-84). Imago. [Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 22].
- Freud S. (2006j). Delírios e sonhos na gradiva de Jensen. In Strachey, J. (Ed.), *“Gradiva” de Jensen e outros trabalhos (1906-1908)* (pp. 15-88). Imago. [Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 9].
- Freud S. (2006m). Esboço de psicanálise. In Strachey, J (Ed.), *Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos (1937-1939)* (pp. 153-221). Imago. [Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 23].

- Freud S. (2006g). Escritores Criativos e Devaneio. In Strachey, J. (Ed.), *“Gradiva” de Jensen e outros trabalhos (1906-1908)* (pp. 133-143). Imago. [Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 9].
- Freud S. (2006h). Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade. In Strachey, J. (Ed.), *“Gradiva” de Jensen e outros trabalhos: (1906-1908)* (pp. 147-154). Imago. [Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 9].
- Freud S. (2017f). Fetichismo. In Freud S. *Neurose, psicose, perversão* (pp. 315-325). Autêntica. [Obras incompletas de Sigmund Freud, Vol. 5. Originalmente publicado em 1927].
- Freud S. (2004a). Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico. In Strachey, J. (Ed.), *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (pp. 63-77). Imago. [Obras psicológicas de Sigmund Freud, Vol. 1. Originalmente publicado em 1911].
- Freud S. (2010a). História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”). In Schwarcz, S.A. (Ed.), *História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos* (pp. 9 -119). Companhia das Letras. [Obras completas, Vol. 14. Originalmente publicado em 1918].
- Freud S. (2014). Inibição, sintoma e angústia. In Schwarcz, S. A. (Ed.), *Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos: (1926-1929)* (pp. 9-98). Companhia das Letras. [Obras Completas, Vol. 17].
- Freud S. (2017a). Neurose e psicose. In Freud S. *Neurose, psicose, perversão* (pp. 271 -278). Autêntica. [Obras incompletas de Sigmund Freud, Vol. 5. Originalmente publicado em 1924].
- Freud S. (2006b). Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. In Strachey, J (Ed.), *Primeiras publicações psicanalíticas: (1893-1899)* (pp. 159-183). Imago. [Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 3].
- Freud S. (2010b). Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (dementia paranoides) relatado em autobiografia [“O caso Schreber”, 1911]. In Freud S. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (dementia paranoides) relatado em autobiografia: [“O caso Schreber”, 1911]: artigos sobre técnica e outros textos* (pp. 9 - 80). Companhia das Letras. [Obras completas, Vol. 10].
- Freud S. (2017e). O declínio do complexo de Édipo. In Freud S. *Neurose, psicose, perversão* (pp. 259 -269). Autêntica. [Obras incompletas de Sigmund Freud, Vol. 5. Originalmente publicado em 1924].
- Freud S. (2006y). O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In Strachey, J. (Ed.), *Conferências introdutórias sobre psicanálise: (Parte III): (1915-1916)* (pp. 325-342). Imago. [Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 16].

- Freud S. (2006v). O ego e o Id. In Strachey, J (Ed.), *O ego e o Id e outros trabalhos: (1923-1925)* (pp. 15-80). Imago. [Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 19].
- Freud S. (2006q). O esquecimento dos sonhos. In Strachey, J. (Ed.), *A interpretação dos sonhos (II) e sobre os sonhos: (1900-1901)* (pp. 544- 563). Imago. [Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 5].
- Freud S. (2006i). O inconsciente. In Strachey, J. (Ed.) *Escritos sobre psicologia do inconsciente* (pp. 13- 74). Imago. [Obras psicológicas de Sigmund Freud, Vol. 2. Originalmente publicado em 1915].
- Freud S. (2019). O infamiliar. In Freud S. *O infamiliar [Das Unheimlich]* (pp. 27- 126). Autêntica. [Obras incompletas de Sigmund Freud, Vol. 8. Originalmente publicado em 1919].
- Freud S. (2020). O mal estar na cultura In Freud S. *Cultura, sociedade, religião: o mal-estar na cultura e outros escritos* (pp. 305 - 410). Autêntica. [Obras incompletas de Sigmund Freud. Originalmente publicado em 1930].
- Freud S. (2006f). Os processos primário e secundário: recalçamento. In Strachey, J (Ed.), *A Interpretação dos Sonhos (II) e Sobre os Sonhos: (1900-1901)* (pp. 615- 634). Imago. [Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 5].
- Freud S. (2006k). Projeto para uma psicologia científica. In Strachey, J (Ed.), *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos: (1886-1889)* (pp. 335-454). Imago. [Edição standard brasileira das obras psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 1].
- Freud S. (2006x). Rascunho B: a etiologia das neuroses. In Strachey, J (Ed.), *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos: (1886-1889)* (pp. 223-229). Imago. [Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 1. Originalmente publicado em 1893].
- Freud S. (2006d). Rascunho H: paranoia. In Strachey, J (Ed.), *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos: (1886-1889)* (pp. 253-258). Imago. [Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 1. Originalmente publicado em 1895].
- Freud S. (2006c). Rascunho K: as neuroses de defesa (um conto de fadas natalino). In Strachey, J. (Ed.), *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos: (1886-1889)* (pp. 267-276). Imago. [Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 1. Originalmente publicado em 1896].
- Freud S. (2006p). Regressão. In Strachey, J. (Ed.), *A interpretação dos sonhos (II) e sobre os sonhos: (1900-1901)* (pp. 564-579). Imago. [Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 5].
- Freud S. (2006r). Romances familiares. In Strachey, J. (Ed.), *“Gradiva” de Jensen e outros trabalhos: (1906-1908)* (pp. 217- 222). Rio de Janeiro: Imago. [Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 9].

- Freud S. (2017c). Sobre alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e na homossexualidade. In Freud S. *Neurose, psicose, perversão* (pp. 193 -207). Autêntica. [Obras incompletas de Sigmund Freud, Vol. 5, Originalmente publicado em 1922].
- Freud S. (2006t). Sobre as teorias sexuais das crianças. In Strachey, J. (Ed.), “*Gradiva*” de Jensen e outros trabalhos: (1906-1908) (pp. 189- 204). Imago. [Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 9].
- Freud S. (2017d). Sobre tipos neuróticos de adoecimento. In Freud S. *Neurose, psicose, perversão* (pp. 71 -81). Autêntica. [Obras incompletas de Sigmund Freud, Vol. 5. Originalmente publicado em 1912].
- Freud S. (2006w). Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos. In Strachey, J (Ed.), *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos: (1914-1916)* (pp. 225-241). Imago. [Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 14].
- Freud S. (2012). Totem e Tabu. In Freud S. *Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos: (1912-1914)* (pp. 13 -244). Companhia das Letras. [Obras completas, Vol. 11].
- Freud S. (2006o). Uma experiência religiosa. In Strachey, J. (Ed.), *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos: (1927-1931)* (pp. 175- 177). Imago. [Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 21].
- Hoffmann, E. T. A. (2019). O homem da areia. In Freitas, R. (Trad.) *O infamiliar [Das Unheimlich]* (pp.219 - 264). Autêntica. [Obras incompletas de Sigmund Freud, Vol. 8. Originalmente publicado em 1815].
- Kanabus, B. (2015). Christophe Dejours: o corpo inacabado entre a fenomenologia e psicanálise: entrevista. *Psicologia USP*, 26 (3), 329-339. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564D20150004>.
- Lacan, J. (2011d). A anomalia de estrutura e a fixação de desenvolvimento da personalidade de Aimée são as causas primeiras da psicose. In Lacan, J. *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade; seguido de primeiros escritos sobre a paranoia* (pp. 243–304). Forense Universitária. [Originalmente publicado em 1932].
- Lacan, J. (1988t). A estrada principal e o significante “ser pai”. In J. Lacan. *O seminário, livro 3: as psicoses* (pp. 329–340). Zahar. [Originalmente publicado em 1956].
- Lacan, J. (1988e). A dissolução imaginária. In J. Lacan. *O seminário, livro 3: as psicoses* (pp. 109–123). Zahar. [Originalmente publicado em 1956].
- Lacan, J. (1999b). A forclusão do nome-do-pai. In J. Lacan. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (pp. 149–184). Jorge Zahar. [Originalmente publicado em 1958].
- Lacan, J. (1988h). A frase simbólica. In J. Lacan. *O seminário, livro 3: as psicoses* (pp. 124–139). Zahar. [Originalmente publicado em 1956].

- Lacan, J. (2011b). A psicose de nosso caso representa uma reação a um conflito vital e a traumas afetivos determinados? In Lacan, J. *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade; seguido de primeiros escritos sobre a paranoia* (pp. 215–242). Forense Universitária. [Originalmente publicado em 1932].
- Lacan, J. (2011c). A psicose de nosso caso representa um “processo”organopsíquico? In Lacan, J. *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade; seguido de primeiros escritos sobre a paranoia* (pp. 203–214). Forense Universitária. [Originalmente publicado em 1932].
- Lacan, J. (1988b). A questão histórica. In J. Lacan. *O seminário, livro 3: as psicoses* (pp.189–202). Zahar. [Originalmente publicado em 1956].
- Lacan, J. (1988p). A questão histórica (II): “O que é uma mulher?”. In J. Lacan. *O seminário, livro 3: as psicoses* (pp. 203–213). Zahar. [Originalmente publicado em 1956].
- Lacan, J. (1988k). A significação do delírio. In J. Lacan. *O seminário, livro 3: as psicoses* (pp. 26–39). Zahar. [Originalmente publicado em 1955].
- Lacan, J. (2016). Conferência de 24 de novembro de 1975 Yale University (Seminário Kanzer). In: Denez, F., Volaco, G. C. (Org.), *Lacan in North Armorica* [recurso eletrônico] (pp. 11- 45). Editora Fi. https://www.academia.edu/41222714/Lacan_in_North_Armorica
- Lacan, J. (1999a). Da imagem ao significante no prazer e na realidade. In J. Lacan. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (pp. 221–240). Jorge Zahar. [Originalmente publicado em 1958].
- Lacan, J. (1988j). Da rejeição de um significante primordial. In J. Lacan. *O seminário, livro 3: as psicoses* (pp. 170–186). Zahar. [Originalmente publicado em 1956].
- Lacan, J. (1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In Lacan, J. *Escritos* (pp. 537-590). Jorge Zahar. [Originalmente publicado em 1957-1958].
- Lacan, J. (1988m). De um deus que não engana, e de um que engana. In J. Lacan. *O seminário, livro 3: as psicoses* (pp. 75–87). Zahar. [Originalmente publicado em 1955].
- Lacan, J. (1988o). Do não senso, e da estrutura de Deus. In J. Lacan. *O seminário, livro 3: as psicoses* (pp. 140–153). Zahar. [Originalmente publicado em 1956].
- Lacan, J. (1988i). Do significante no real, e do milagre do uivo. In J. Lacan. *O seminário, livro 3: as psicoses* (pp. 154–169). Zahar. [Originalmente publicado em 1956].
- Lacan, J. (1988c). Dos significantes primordiais, e da falta de um. In J. Lacan. *O seminário, livro 3: as psicoses* (pp. 229–240). Zahar. [Originalmente publicado em 1956].
- Lacan, J. (1988l). “Eu venho do salsicheiro”. In J. Lacan. *O seminário, livro 3: as psicoses* (pp. 57–71). Zahar. [Originalmente publicado em 1955].

- Lacan, J. (2011a). Exame clínico do caso “AIMÈE”. In *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade; seguido de primeiros escritos sobre a paranoia* (pp. 147–202). Forense Universitária. [Originalmente publicado em 1932].
- Lacan, J. (2005a). Introdução aos nomes-do-pai. In J. Lacan. *Nomes-do-pai* (pp. 55–87). Zahar. [Originalmente publicado em 1988].
- Lacan, J. (1988f) Introdução à questão das psicoses. In J. Lacan. *O seminário, livro 3: as psicoses* (pp. 11–25). Zahar. [Originalmente publicado em 1955].
- Lacan, J. (1988q). Metáfora e metonímia (I): “As gerbe n’était point avare, ni haineuse”. In J. Lacan. *O seminário, livro 3: as psicoses* (pp. 289–299). Zahar. [Originalmente publicado em 1956].
- Lacan, J. (1988s). O apelo, a alusão. In J. Lacan. *O seminário, livro 3: as psicoses* (pp. 289–299). Zahar. [Originalmente publicado em 1956].
- Lacan, J. (1988n). O fenômeno psicótico e seu mecanismo. In J. Lacan. *O seminário, livro 3: as psicoses* (pp. 90–108). Zahar. [Originalmente publicado em 1956].
- Lacan, J. (1988g). O outro e a psicose. In J. Lacan. *O seminário, livro 3: as psicoses* (pp. 40–56). Zahar. [Originalmente publicado em 1955].
- Lacan, J. (1988r). O ponto de basta. In J. Lacan. *O seminário, livro 3: as psicoses* (pp. 300–313). Zahar. [Originalmente publicado em 1956].
- Lacan, J. (1988q). O significante, como tal, não significa nada. In J. Lacan. *O seminário, livro 3: as psicoses* (pp. 214–228). Zahar. [Originalmente publicado em 1956].
- Lacan, J. (2005b). O simbólico, o imaginário e o real. In J. Lacan. *Nomes-do-pai* (pp. 9–53). Zahar. [Originalmente publicado em 1988].
- Lacan, J. (1988d). Secretários do alienado. In J. Lacan. *O seminário, livro 3: as psicoses* (pp. 241–249). Zahar. [Originalmente publicado em 1956].
- Lacan, J. (1988a). “Tu és aquele que me seguirás”. In J. Lacan. *O seminário, livro 3: as psicoses* (pp. 314–328). Zahar. [Originalmente publicado em 1956].
- Miller, J.A. (2005). Posfácio. In J. Lacan. *Nomes do Pai*. Zahar.
- Priberam. (2021). Loucura. In *Dicionário Priberam*. <https://dicionario.priberam.org/loucura>
- Quinet, A. (2006b). Foraclusão e fora-do-discurso. In Quinet, A. *Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia*. (pp. 47-56). Zahar.
- Quinet, A. (2006a). A coisa melancólica. In Quinet, A. *Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia*. (pp. 196- 203). Zahar.

Saint Seiya Wiki. (2021). Saga de Gêmeos. In *Seiapedia*.

<https://saintseiya.fandom.com/wiki/Special:Search?query=saga+de+g%C3%AAsmeos&scope=internal&navigationSearch=true>

Schreber, D. P. (1984). *Memória de um doente dos nervos*. Edições Graal. [Originalmente publicado em 1903].

Vieira, I., Jr. (2020). *Torto arado*. Todavia.

Volich, R. M. (2015). Visões freudianas. In Volich, R. M. *Hipocondria: impasses da alma, desafios do corpo* (pp. 95-198). Casa do Psicólogo.